

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

“Chirulirulí chirulirulá”: a importância de Osmar Santos para a
Narração esportiva no rádio

Juiz de Fora
Dezembro de 2011

Luiz Henrique Freitas Barbosa

“Chirulirulí chirulirulá”: a importância de Osmar Santos para a
Narração esportiva no rádio

Trabalho de conclusão de Curso

Apresentado como requisito para a obtenção de
Grau de Bacharel em Comunicação Social da UFJF

Orientador: Ricardo Bedendo

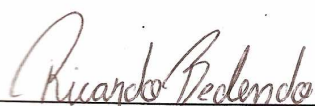
Juiz de Fora
Dezembro de 2011

Luiz Henrique Freitas Barbosa

“Chirulirulí chirulirulá”: a importância de Osmar Santos para a
narrção esportiva no rádio

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito de grau em Bacharel em
Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social da UFJF.

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em 07/12/2011 pela banca composta pelos
seguintes membros:



Professor Mestre Ricardo Bedendo (UFJF) – Orientador



Professor Doutor Márcio Oliveira Guerra (UFJF)



Professor Mestre Frederico Belcavello (UFJF)

Conceito obtido: 100 (cem)

Juiz de Fora
Dezembro de 2011

Dedico este trabalho primeiramente à Deus,
Senhor que nos dá a vida. Em segundo lugar à minha
mãe, a principal professora para eu me
tornar Homem. E ao meu pai e meu irmão,
apoio e base da minha caminhada.

Agradeço à Deus e a minha família. A minha mãe pelo carinho e dedicação, ao meu pai pelo conforto e ao meu irmão pelas boas lições, sem vocês nada disso seria possível. Ao vô Ary e a vó Eny, ao Celso e a vó Arriete e todos os tios e tias, primos e primas e, agora, aos bebês da família: Bernardo e Bruninha que alegram cada dia mais nossos dias.

Ao pessoal do colégio Santa Catarina, professores, funcionários e aos muitos amigos conquistados nos Catorze anos que passei por lá.

Aos professores da FACOM – UFJF, Ricardo Bedendo, Frederico Belcavello, Márcio Guerra, Paulo Roberto, Janaína Nunes e Aline Maia.

Aos amigos: Gustavo Santos Ribeiro, Victor Hugo, Juliana e Gustavo Aragão, Raffaella Andrade, Saulo Costa, Márcio e Mariana Fazza, Luciana Verônica, Brenda Melo e Evanildo Carvalho. Arthur Paiva, Michele Lopes, Lucas Roque, Vanessa Braga, Luciano Moreira e a todos da Crisma da Igreja da Glória. Eduardo Simonette, Lais Carias, Marina Cilião, Monique Martins, Benfica e a todos os faconianos. Aos padres Flávio Leonardo, Carlos Viol e Vicente de Paula Ferreira e aos demais redentoristas da Província Minas, Rio e Espírito Santo. À toda a equipe da Rádio Globo, especialmente Oscar Ulisses, Delen Bueno e Osmar Santos. À Thayane Freitas, meu aconchego, meu amor...

RESUMO

Neste trabalho realizado através de entrevistas e leituras de livros vamos percorrer os caminhos do rádio e do futebol para ganharem os gostos populares. Como foi feita a junção dos dois e qual a importância desse processo para a popularização. Vamos analisar a importância dos narradores de futebol, que se tornaram o principal elemento entre rádio, futebol e ouvintes, tornando-se fundamentais no radiojornalismo esportivo. E, dentre os narradores, analisaremos a campanha de Osmar Santos, o “Pai da Matéria”. Narrador da escola conotativa que ganhou espaço entre o público e entre anunciantes, conquistou IBOPE e prestígio. Tornou-se o “Locutor das Diretas”, fato que o aproximou ainda mais do público. Dono de um carisma ímpar, vamos descobrir como ele ajudou a transformar as narrações esportivas e como ele ajudou no processo de redemocratização do Brasil.

Palavras Chave: rádio, futebol, popular, Osmar Santos.

SUMÁRIO:

1. Introdução _____	p. 9
2. Rádio: um pouco da sua história e o percurso de formação de sua linguagem ____	p. 14
2.1 O caminho para a popularização _____	p. 15
2.2 A comunicação universal: a força da linguagem de alta comunicabilidade ____	p. 19
2.3 A experiência de “decodificar, ler e ouvir” o rádio _____	p. 23
3. Futebol e rádio, a junção de duas paixões _____	p. 26
3.1 Futebol: os passos para a popularização no Brasil _____	p. 26
3.2 Radiojornalismo esportivo: o caminho para se firmar e tornar o futebol o esporte das massas _____	p. 30
3.2.1 Bairrismo: a locução mais próxima do torcedor _____	p. 35
3.2.2 Prestação de serviço: a informação também se faz presente no jornalismo ____	p. 37
3.3 O jogo de futebol no rádio _____	p. 38
3.3.1 Efeitos sonoros que reforçam a narração _____	p. 41
3.4 Os heróis da narração _____	p. 42
3.4.1 Narração Denotativa _____	p. 43

3.4.2 Narração Conotativa _____	p. 44
4. Osmar Santos: o caminho que o levou a ser um dos maiores locutores do rádio esportivo _____	p. 46
4.1 Senhor Romeu e D. Clarisse, incentivo ao trabalho e ao estudo _____	p. 47
4.1.1 Rádio e Osmar Santos, perfeita simetria _____	p. 49
4.2 Marília, o sonho com a capital se torna mais palpável _____	p. 51
4.2.1 Jovem Pan, a primeira grande casa de Osmar Santos _____	p. 54
4.2.2 Os recursos de linguagens de Osmar Santos _____	p. 58
4.2.3 Rádio Globo: a confirmação de Osmar _____	p. 61
4.2.3.1 Balancê: entra na roda _____	p. 67
4.3 Rádio Record _____	p. 69
4.4 Vale a pena ver de novo: a volta de Osmar para a Globo _____	p. 70
4.5 O Osmar da TV _____	p. 72
4.6 O Locutor das Diretas _____	p. 75
4.7 O destino _____	p. 81
Conclusão _____	p. 85

Referências Bibliográficas _____ p. 88

Apêndice A Oscar Ulisses _____ p. 90

Apêndice B Delen Bueno Paques _____ p. 99

Apêndice C Gilson Ricardo _____ p.102

Apêndice D Ricardo Perrone _____ p. 106

Apêndice E Edson Mauro _____ p. 108

Anexos _____ p. 111

1. INTRODUÇÃO

O futebol chegou ao Brasil no ano de 1894. Vinte e oito anos mais tarde o rádio ganha seu espaço no país, porém, os dois com características de elite, Tendo que buscar seus espaços também no popular. Logo, neste trabalho analisaremos o processo de popularização de ambos e como as trajetórias se completaram com um ajudando o outro.

Algumas discussões são: qual a importância da linguagem radiofônica nesse processo? Como se fez a junção do futebol com o rádio e, dessa forma, como o radiojornalismo esportivo se aproximou mais do seu público, deixando torcedores, emissoras e clubes mais próximos? Qual a importância dos narradores? E, dentre eles, o destaque para Osmar Santos, o “Pai da Matéria”. Como Osmar utilizou as características do rádio para ganhar destaque na locução esportiva?

No trabalho percorreremos a história do rádio, do futebol e do radiojornalismo esportivo no Brasil. A história de vida de Osmar Santos: como ele chegou no rádio e quais foram seus principais passos para se tornar um dos mais famosos locutores esportivos do país, além da sua importância em outros setores da imprensa e da sociedade brasileira.

No capítulo um, percorremos a história do rádio, sua linguagem e a forma como se aproximou cada vez mais do seu público, tornando-se um meio popular e de fácil acesso.

Entre os meios de comunicação de massa, o rádio é sem dúvida, o mais popular e o de maior alcance público. Não só no Brasil como em outras partes do mundo, constituiu-se muitas vezes no único meio a levar a informação e o entretenimento para populações de vastas regiões que não têm acesso a outros recursos, por motivos geográficos, econômicos ou culturais (CÉSAR, 2009, p. 119).

A proposta do rádio, desde o seu início, era levar educação e entretenimento para todas as classes do Brasil. Porém, o meio chegou elitizado e caro. Vamos ver como a linguagem foi fundamental no processo de tornar o meio popular e como as tecnologias baratearam o aparelho e, assim, mais pessoas puderam ter acesso às irradiações.

Com as facilidades o rádio passou a falar para cada indivíduo, ficou comum ouvir durante uma transmissão a expressão “amigo ouvinte”, tornando-se mais que um simples meio de comunicação, uma companhia para o receptor, “o rádio entra nas casas, nos automóveis, nos escritórios, enfim, em qualquer lugar onde um simples receptor esteja ligado” (CÉSAR, 2009, p. 118).

Analisaremos também a importância de uma linguagem bem elaborada para que o ouvinte consiga transformar a mensagem recebida em imagens.

O rádio me entregava à própria imaginação. A imagem se fazia pela transposição da voz, pela entonação do locutor. O rádio desobriga a vista e obriga o ouvido, empenha a imaginação. O rádio é instantâneo, onipresente, envolvente (JOLY apud GUERRA, 2002, p. 54)

No capítulo dois, faremos a junção de rádio e futebol. Todas as características do meio são trazidas para as irradiações esportivas. O futebol, esporte de maior reconhecimento dentre os brasileiros, é o objeto de estudo. Analisaremos neste capítulo como os locutores esportivos ajudaram a transformar o futebol em paixão nacional.

Começamos o capítulo com a história do esporte, sua origem no país em 1894 e trajetória que fez até se tornar popular, porque, assim como o rádio, o esporte chega ao Brasil com características bem elitizadas. Mas, pouco tempo depois se torna o esporte dos brasileiros, ao ponto de João Saldanha, ex-técnico da seleção e um dos principais comentaristas esportivos da história do rádio, afirmar: “ninguém é filho de

chocadeira, todo mundo tem um time de futebol, mesmo quem não gosta de futebol” (apud GUERRA, 2002, p. 68).

A imprensa, primeiramente a escrita, começou a adotar o futebol em suas páginas e, finalmente, surgiu o “casamento ideal” (GUERRA, 2002, p. 10) entre rádio e futebol.

Vale ressaltar que, no Brasil, a grande imprensa foi eficaz no processo de incorporar os esportes ao núcleo editorial do jornal, minando o potencial de expansão das publicações segmentadas. Em países europeus, onde a imprensa demorou a acordar para a realidade do peso cultural do futebol, quer por inoperância, quer por elitismo, alguns jornais esportivos tornaram-se os veículos de maior circulação nacional (KISCHINHEVSKY, 2007, p. 40)

Existem duas diferentes escolas de narração: a denotativa, da qual fazia parte Nicolau Tuma, o primeiro locutor a irradiar uma partida na íntegra; e a conotativa, escola que pertence Osmar Santos. Analisaremos como cada uma ajudou a aproximar o ouvinte do rádio, principalmente a conotativa, com seu linguajar menos rebuscado e repleto de expressões populares.

Analisaremos também a importância de uma boa sonoplastia, pois, o rádio, por vezes não prende a atenção do ouvinte por completo, por isso o uso de sinais eletrônicos ganhou destaque durante as narrações, sendo um atrativo a mais para o ouvinte.

Por fim, no capítulo três, a história de Osmar Santos. Que, na opinião de Ricardo Perrone, jornalista do portal Globo.com é “O maior narrador do Brasil” (PERRONE, 2011, APÊNDICE D, p. 104). Um locutor apaixonado pelo rádio desde sua infância.

Apaixonar-se pelo rádio inclui mais do que estar dentro de um estúdio com ar refrigerado, rodeado de equipamentos, apertando botões cintilantes que levam a sua voz a lugares distantes. Apaixonar-se de verdade representa você ter compromissos firmados com seus ouvintes, as comunidades e seu país (CÉSAR, 2009, p. 291).

E Osmar era apaixonado. Com catorze anos assinava seu primeiro contrato em uma emissora, trabalhou em três das principais emissoras de São Paulo, conquistou torcedores, conquistou todo o povo brasileiro quando se sagrou o “Locutor das Diretas”.

Ele foi, não só a voz do futebol do rádio, porque criou o Ripa na chulipa e Pimba na Gorduchinha... Ele foi o cara das Diretas Já, foi o cara que pegou o microfone, enfim, ele é um cara importantíssimo em todos os setores da sociedade. Através do esporte ele foi se tornando uma pessoa importantíssima, até o acidente, para ele se tornar a inspiração que é até hoje (PERRONE, APÊNDICE D, p. 104-105).

Ele deu vida nova ao rádio, como aponta o também locutor esportivo José Silvério: “todos os profissionais de rádio devem muito a ele, porque o rádio estava envelhecido e ele trouxe uma nova vida para o veículo” (apud MATTIUSI, 2004, p. 152).

Utilizou com riqueza as características do rádio, ganhou reconhecimento, tornou-se o “Pai da Matéria”. O ex-correspondente da Folha de São Paulo em Tóquio, Matinas Suzuki Júnior, vê Osmar como um diferencial no rádio:

Osmar Santos aumentou a voltagem da emoção na locução. Introduziu o DJ nas transmissões: o juiz apitava o início do jogo e entrava o Gonzaguinha com os versos... eu acredito é na rapaziada. Com o Osmar, os gols de Pelé, Edu, Leivinha, Serginho, Enéas, Sócrates e Casagrande eram mais emocionantes. Ao nomear torcedores famosos (‘ô fulano, quase, quase, quase o verdão chegou lá), ele criou um clima intimista (apud MATTIUSI, 2004, p. 40).

Veremos também como ele superou o acidente sofrido em 1994 que o tirou das narrações; como ele segue sua vida, com alegria e irreverência semelhantes ao tempo da rádio.

Para fazer a pesquisa fizemos análise de livros e entrevistamos jornalistas, narradores do rádio, inclusive o irmão do Osmar Santos, Oscar Ulisses, hoje o principal narrador da Rádio Globo de São Paulo, e o executivo de contas da mesma rádio, Delen Paques, que está à frente da campanha “Gorduchinha”, que tem como objetivo

homenagear Osmar dando esse nome à bola que será utilizada na Copa do Mundo 2014, no Brasil.

O primeiro contato com Osmar Santos se deu através de um telefonema, porém suas condições não permitiram um diálogo mais rico. Com as dificuldades de comunicação que ele apresenta, esse contato serviu apenas para uma apresentação deste trabalho a ele. O segundo contato aconteceu depois de um convite feito por Delen Paques para um evento que homenageou o “Pai da Matéria”. Na Rua Oscar Freire, Bairro Cerqueira César, em São Paulo, Osmar comemorou dez anos como artista plástico e pudemos estar com ele pessoalmente, perceber seu carisma e superação.

2 – RÁDIO: UM POUCO DE HISTÓRIA E O PERCURSO DE FORMAÇÃO DE SUA LINGUAGEM

Em 1922 o rádio chega ao Brasil e apenas um ano depois, em 1923 é criada a primeira rádio oficial, a Rádio Sociedade, no Rio de Janeiro. Desde então, ele foi conquistando espaços como meio de comunicação com potencial de mobilização social muito intenso. Isso se dá, entre outras características, pelo fato de ter alcançado a comunicação em linguagem universal, de fácil compreensão, imediata e capaz de despertar a sensorialidade humana. O rádio informa, diverte, e cria vínculos com o ouvinte.

O futebol conquistou espaço no rádio em 1931, quando Nicolau Tuma, pela primeira vez narrou uma partida de futebol inteira para os ouvintes. Ganhou força na Copa do Mundo de 1938, com a primeira transmissão em cadeia nacional oriunda da Europa. Leonardo Gagliano Neto transmitiu toda a copa para “o amigo ouvinte”. E assim as transmissões futebolísticas foram se expandindo, como os nomes que ajudaram na popularização do rádio e do futebol (ORTRIWANO, 2000).

Com uma linguagem simples, o rádio tornou-se cada vez mais companheiro dos ouvintes. A narração esportiva, destaque desse estudo, ajudou a ampliar os referenciais que motivaram os torcedores e auxiliaram o rádio a criar vínculos entre ouvintes, locutores e estações. Com narradores cada vez mais comprometidos, o meio impulsionou ainda mais o futebol a tornar-se o esporte dos brasileiros. Ary Barroso, Luiz Mendes, Waldir Amaral, José Carlos Araújo e Osmar Santos são exemplos de nomes que ajudaram a fazer a história do rádio.

A narração esportiva, o rádio e o futebol têm, portanto, concepções históricas e culturais que podem e devem ser resgatadas e exploradas para a compreensão de novas demandas, linguagens e narrativas que surgiram ao longo dos anos, como a de Osmar Santos, considerado um dos ícones desse processo e que é a fonte principal de nosso estudo. Nesse sentido, uma breve contextualização da história, do meio e de suas características são fundamentais para a nossa pesquisa.

2.1 O CAMINHO PARA A POPULARIZAÇÃO: A linguagem, a mobilidade social e a relação com o seu público.

No começo de sua história no Brasil, o rádio era algo classificado como “material de elite”, pois “os aparelhos receptores eram importados, o que dificultava ainda mais o seu barateamento” (BARBOSA FILHO, 2003, p. 39). Por ser elitizado, a programação radiofônica não atendia os ideais que lhe deram origem: “levar a cada canto um pouco de educação, de ensino e de alegria” (ORTRIWANO, 2000, p. 14).

Roquette Pinto¹, um dos principais nomes da radiodifusão no país, motivou-se a repensar sobre como era feito o rádio no Brasil. Com ele, surgiu a primeira emissora, a Rádio Sociedade, em 1923, e o rádio explorou todo o país.

Outro ponto importante foi a implementação de propagandas (na época

¹Abdalla Júnior e César Ramos destacam que “Edgard Roquette-Pinto (1884-1954) passou à história brasileira recente como o principal pioneiro do rádio nacional, porque fundou em 1923 a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, hoje Rádio MEC AM 800.” Os autores informam, ainda, que “Roquette-Pinto foi mais do que homem interessado em rádio, e que nas duas décadas anteriores à criação da Rádio Sociedade ele protagonizou uma das mais brilhantes carreiras de pesquisador e intelectual que este país já conheceu. Roquette-Pinto formou-se médico em 1905, mas trocou logo a prática médica por um forte interesse científico abrangente.” Disponível em: www.fndc.org.br/arquivos/Roquette.doc, 2005, p.1. Acesso em 06-10-2011.

reclames) durante a programação. Por meio do decreto 21.111, de 1932, Getúlio Vargas, então presidente do Brasil, liberou a publicidade no rádio nacional. Com uma linguagem menos rebuscada a publicidade falou de uma forma mais direta para o ouvinte, assim o rádio logo se tornou mais atrativo para o ouvinte e, desde então, passa a possibilitar a interação.

Os decretos do presidente Getúlio Vargas foram cruciais para a expansão comercial do rádio nacional. Aquilo que era considerado de elite, sofisticado, transforma-se em popular, já que fatias mais abrangentes da população estavam tendo acesso à mais nova engenhoca que primava pelo lazer e pela diversão (BARBOSA FILHO, 2003, p. 41).

Foi graças ao transistor² que mais aparelhos de Rádios foram vendidos e colocados mais próximos do povo. “Com o transistor tornou-se possível ouvir rádio a qualquer hora e em qualquer lugar [...] sua dinâmica de transmissão cresceu enormemente” (BARBOSA FILHO, 2003, p. 43-44).

Pode-se afirmar que ele foi um dos fatores principais da mobilidade social do rádio. Os aparelhos ficaram menores e mais baratos, facilitando a comercialização; assim o rádio veio a ser ao longo da história, um objeto individualizado. “A revolução do transistor tornou o rádio um artigo pessoal do dia a dia” (MCLEISH, 2001, p.16). Cresce, assim, a chamada audiência individual.

A literatura técnica enfatiza o fato do rádio falar a cada um dos ouvintes e não a uma audiência coletiva. Embora exista a tendência de atribuir esse fenômeno ao surgimento do transistor, que multiplicou os aparelhos receptores e pulverizou a audiência coletiva (MEDITSCH, 2001, pg. 244).

Dessa forma, o rádio ganha espaço no dia a dia e, mais do que isso, torna-se companhia para seus ouvintes: “Nos lares, botecos, salões de beleza, academias de

²Transistor: esse componente eletrônico foi apresentado ao mundo em 23 de dezembro de 1947, pelos cientistas norte-americanos John Bardeen, Walter Brattain e William Schockley [...]. O transistor deu ao rádio sua principal arma de faturamento: é possível ouvir rádio a qualquer hora e em qualquer lugar, não precisando mais ligá-lo às tomadas. (ORTRIWANO, 2000, p. 22)

ginástica, lá está ele, sempre em moda, fazendo companhia para os seus ouvintes. O que leva a afirmar que o papel do rádio é insubstituível em face das inovações tecnológicas do mundo da comunicação” (BORGES, 2002, p. 2 apud BARBOSA FILHO, 2003, p. 38).

Mas, é uma relação desafiadora, pois é possível ouvir o rádio fazendo alguma outra atividade: “as pessoas simplesmente ouvem, realizando outras tarefas, sem se incomodar” (BARBOSA FILHO, 2003, p.48) o que o torna um veículo passível de dispersão do meio-ambiente. “Os produtores têm de trabalhar duro para obter a sua parcela de atenção do ouvinte” (MCLEISH, 2001, p. 18).

Diante desse contexto, o meio alcança a chamada “vizinhança afetiva” e torna-se entre os demais meios percebidos pelo público, o mais próximo de si (MEDITSCH, 2001, p. 252). Um dos atrativos do rádio que o torna mais próximo do ouvinte é a sua linguagem. Com ela, o locutor fala diretamente a cada indivíduo, coloca o rádio num grau maior de intimidade com o receptor e o diferencia dos demais meios de comunicação.

Segundo Lazarfeld (apud MEDITSCH, 2001, p. 249) para seu público o rádio é difusor de entretenimento, informação e educação, nessa ordem de importância. Conhecendo seu receptor, esse meio de comunicação consegue estudá-lo e levar para seu público um tratamento pessoal, “O rádio é muito mais algo pessoal, que vem direto para o ouvinte” (MCLEISH, 2001, p. 16).

Uma característica que pode explicar esse intimismo do rádio é que, diferentemente das imagens “prontas” da TV, ele narra as histórias e cada ouvinte cria suas paisagens e sons, o que proporciona um envolvimento maior do seu receptor com o

meio. “Ao passo que nos meios audiovisuais o telespectador conta com som e imagem, no rádio a única arma é a voz, a fala. Isso fatalmente, desperta a imaginação do ouvinte que logo irá criar na sua mente a visualização do dono da voz ou do que está sendo dito” (BARBOSA FILHO, 2003, p. 45)

Para aumentar o seu alcance, o rádio tem outra forte característica: suas ondas de transmissão não são limitadas por fronteiras, apenas pela capacidade do transmissor.

Os programas [...] podem ser transmitidos num país e ouvidos em outro. Algumas vezes enfrentando interferências hostis, outras bem-vindos como uma verdade que sustenta a vida, os programas radiofônicos possuem liberdade independente das linhas de um mapa. Obedecendo às regras da capacidade do transmissor (MCLEISH, 2001, p. 17).

A característica radiofônica de estar presente em diferentes locais ao mesmo tempo transformou o contexto da recepção da informação. Essa ubiquidade aumenta a compreensão de espaço-tempo. “A portabilidade do rádio alterou a forma de recepção da informação. Não apenas ela poderia ser recebida em tempo real, como poderia se fazer presente em qualquer local” (MEDITSCH, 2001, p. 245).

Com isso, cria-se uma importância cada vez maior para os receptores das informações radiofônicas. Alguns estudos sobre o rádio reduzem o receptor a um ser submisso:

[alguns estudos] destrincham a origem e o conteúdo das mensagens veiculadas nos meios de comunicação, mas não se dedicam à análise do processo de sua recepção, as formas como estes conteúdos são apropriados ou descartados [...] involuntariamente reduzem o receptor das mensagens a um ser submisso (KISCHINHEVSKY, 2007, p. 71).

Porém, há uma leitura que coloca o ouvinte como sujeito no processo comunicativo, para isso, considera-se a mediação do indivíduo na produção de sentido. “A recepção não é apenas uma etapa do processo de comunicação, mas um lugar novo

para repensar o processo de comunicação”. (BARBERO apud MEDITSCH, 2001, p. 222)

No rádio, a mensagem tem que ser dada de acordo com o código da comunidade destinatária (o rádio conhece seu receptor e fala para cada indivíduo), assim a decodificação acontece de uma forma mais eficaz. Todo esse processo baseia-se na recepção do ouvinte para que haja interação. Para Kaplún, (KAPLÚN apud CABELLO, 1999, p. 38) a linguagem radiofônica deve-se caracterizar por ser uma comunicação participativa, dialógica e bidirecional, para que não seja informação, mas, comunicação verdadeira.

2.2 – A COMUNICAÇÃO UNIVERSAL: A FORÇA DA LINGUAGEM DE ALTA COMUNICABILIDADE

A informação no Rádio tem que ser fornecida de forma absolutamente clara para o ouvinte. Na maioria dos casos, o receptor terá apenas uma chance de receber tal informação. Fato que cria certos pré-requisitos para a escrita, fala e demais recursos de linguagem do locutor para que o receptor faça sua função cognitiva de forma real.

A clareza da expressão radiofônica vem na simplicidade, exatidão, organização e acréscimos estimuladores, que Vanoyne (apud CABELLO, 1999, p. 16) chama de “estilo comunicativo oral”.

- a) Simplicidade: locutor se expressar através de frases curtas e pouco complexas; uso de palavras e termos conhecidos, caso surja algum termo técnico o texto requer a explicação deste.
- b) Exatidão: informação sucinta, com frases bem trabalhadas.
- c) Organização: Construção de um texto com início, meio e fim bem determinados, continuidade das informações para uma memorização mais fácil, deve-se então perceber o que é essencial e o que é supérfluo no texto.
- d) Acréscimos estimuladores: o trabalho sonoplástico deve ser feito para somar informações ao ouvinte, sendo feito correlacionado ao texto é indispensável para uma maior atração do receptor.

Percebemos então, que o estilo verbal deve ser simples, nítido e com uma riqueza de variações capaz de manter o ouvinte interessado. (CABELLO, 1999, p. 20).

A aparente simplicidade do texto radiofônico requer atenção do produtor, pois quando pobre demais pode não se tornar atrativo para o ouvinte. Assim, o texto radiofônico exige técnicas diferenciadas dos demais meios de comunicação. Segundo Muñoz e Gil (apud CABELLO, 1999, p. 21) cria-se no Rádio um estilo próprio oral-auditivo determinado por características específicas:

- a) Tempo: velocidade da fala. O texto deve conter, em média, de seis a oito linhas, com períodos de duas linhas e meia para serem considerados ideais.
- b) Dinâmica: ênfase da frase. O trabalho do locutor aqui deve ser feito segundo a notícia, sua fala deve ser pausada e respeitando as alterações rítmicas pedidas pela notícia.

- c) Melodia: seleção de palavras eufônicas. Uma seleção de palavras bem elaborada que soem harmonicamente e que dêem preferência à forma singular. Evitar cacofonia (exemplo: “por cada”; “vi ela”; “lá tinha”).
- d) Sons complementares: ampliação de dados através de sonoridades com declarações e testemunhos.
- e) Voz humana (rica em inflexões e persuasiva): capaz de conduzir qualquer tipo de mensagem.
- f) Articulação: estilo do locutor.
- g) Linguagem: formação adequada do texto. Levar em conta a “normatividade técnica”; a “normatividade gramatical”; e a “normatividade lingüística”³.

O entendimento do rádio então se faz através da leitura da voz do locutor, ou locutores. Essa voz é o grande destaque do rádio. Para MCLEISH (2002, p. 19), “a grande vantagem [...] está no som da voz humana – o entusiasmo, a compaixão, a raiva, a dor e o riso. A voz é capaz de transmitir muito mais do que o discurso escrito”. Mas, deve-se focar também na liberdade do uso de expressões locais e na diversidade de vozes utilizadas, tudo para atrair uma maior atenção do ouvinte e convencê-los de que eles são receptores de uma boa informação: “O radiojornalismo não apenas informa, mas persuade seus ouvintes de que são bem informados por ele” (MEDITSCH, 2001, p. 222).

³ Separação silábica inexistente; respeitar as normas de caixa alta das emissoras – algumas exigem em todo o texto, outras apenas para nomes próprios; sublinhar expressões jocosas; numerais de “zero” a “nove” e os ordinais devem ser escritos por extenso, além de números mistos – três mil 356; correlacionar medidas, pesos e valores para o local – x dólares, que equivalem a y reais; horas em forma coloquial – dez e meia; e quando referir-se a uma pessoa o cargo que ela ocupa deve vir antes do nome; linguagem espontânea, correta, leveza da linguagem falada com a precisão lingüística da linguagem escrita.

No rádio a segunda chance de escutar uma informação é quase nula, então redator e locutor devem ser coerentes e sensatos na hora de escrever e ler uma matéria, para que o leitor não apenas escute a informação, mas a entenda.

A natureza transitória do rádio também significa que o ouvinte deve não só ouvir o programa na hora da transmissão, mas também entendê-lo. O impacto e a inteligibilidade da palavra falada devem ocorrer no momento em que é ouvida – raramente há uma segunda chance. O produtor deve, portanto esforçar-se pelo máximo de lógica e ordem na apresentação de suas ideias e pelo uso de uma linguagem de fácil entendimento. (MCLEISH, 2001, p. 18).

Tudo isso se justifica pela dificuldade que o ouvinte pode ter para receber a informação; todos os fatores citados podem auxiliá-lo numa melhor percepção e memorização das informações, pois “a mensagem do rádio é a que menos se conserva, em termos quantitativos, na memória do público”. (MEDITSCH, 2001, p. 254).

Outro fator para clareza da informação é a boa estruturação do lide. Para Sampaio (apud CABELLO, 1999, pg. 25) o lide é a informação dada de forma objetiva e resumida respondendo as perguntas clássicas do jornalismo: o quê? quem? quando? onde? como? por quê?, podendo apresentar apenas as quatro primeiras respostas, seja por falta de informação ou pela brevidade do tempo/espço ou ainda, para não se praticar o jornalismo interpretativo. Dentre as perguntas do lide, o redator deve levar em consideração a ordem de importância da informação, para que a mais noticiosa seja dada em primeiro lugar.

2.3 – A EXPERIÊNCIA DE “DECODIFICAR, LER E OUVIR” O RÁDIO.

“Para utilizá-lo (o rádio) de modo adequado, devemos adaptar a linguagem “escrita” formal que aprendemos na escola e redescobrir nossas tradições orais” (MCLEISH, 2001, p. 15).

Ao analisar a linguagem radiofônica constatamos que ela deve ser bem elaborada pelo redator, para uma boa interpretação do locutor e para um melhor entendimento do ouvinte. Com isso, pode-se perceber que o redator tem que se preocupar não apenas com a boa escrita do texto, mas principalmente com a oralidade do mesmo.

O redator, segundo Grissemann (apud Pürer, 1991 apud CABELLO, 1999, p. 17) não pode apenas conhecer as regras de escrita do texto radiofônico, tem que somar sua habilidade de deixá-lo para ser ouvido. Camargo (apud CABELLO, 1999, p. 17) afirma que se deve explorar a capacidade do rádio de fazer com que o ouvinte crie imagens mentais, para facilitar a sua compreensão. “Exigir demais do ouvinte não é objetivo do trabalho radiofônico” (CABELLO, 1999, p. 17).

O texto feito para o rádio apresenta, sem exageros, repetições (uso de sinônimos, repetição léxica), mais verbos e menos substantivos (para facilitar o entendimento), frases curtas e vocabulário conhecido. “É necessário que a decodificação seja facilitada mediante exemplos e dados que conectem tais expressões ao mundo experiencial do ouvinte” (CABELLO, 1999, p. 19).

O texto estimula o ouvinte a criar imagens mentais e “torna o assunto inteligível e a ocasião memorável” (MCLEISH, 2001, p. 16). Mas, para que tudo isso seja possível o texto deve apresentar coesão e coerência. A coerência se faz, segundo Koch e Travaglia (apud CABELLO, 1999, p. 28), por determinados fatores que se interagem, o contexto-situacional, os interlocutores em si, suas crenças e intenções comunicativas, além da função comunicativa. “A coerência se estabelece na interação, na interlocução, numa situação comunicativa entre dois usuários” (KOCH & TRAVAGLIA apud CABELLO, 1999, p. 30).

Já a coesão intitula-se segundo Abreu (apud CABELLO, 1999, p. 28) numa unidade construída por um encadeamento semântico de sentenças, a textualidade. Ela dá sentido ao texto interligando os elementos de forma clara para o ouvinte. Faz-se necessária (mesmo que não suficiente) para a construção de um texto. Para Koch e Travaglia (apud CABELLO, 1999, p. 29). “o uso de elementos coesivos dá ao texto maior legibilidade, explicitando os tipos de relações estabelecidas entre os elementos”.

Percebe-se então que coesão e coerência são interligadas. A coerência é perceptível entre o receptor e a emissão, que deve ser coesiva para que não haja danos à informação. Porém, os dois fatores não se garantem, mas são vitais para a linguagem radiofônica.

A coerência se estabelece na relação emissão-ouvinte. Entretanto, a base para que isso se dê é o texto dotado de um encadeamento semântico específico, ou seja, um texto estruturado através de marcas coesivas características. É fato que a coesão não garante a coerência. No entanto, é vital para a linguagem radiofônica. Isso significa que sua presença não garante o sentido, mas sua ausência compromete a informação (CABELLO, 1999, p. 36).

Lembramos que as especificações da linguagem do rádio funciona também para as narrações esportivas, irradiações feitas quase que totalmente na base da improvisação. Assim, toda essa breve exposição técnica e social do rádio é importante para nos aproximar e interagir com outros objetos de estudo nessa pesquisa que ajudam a problematizar toda a temática: a contribuição da narração esportiva para a popularização do rádio e a de Osmar Santos, como um dos ícones desse processo.

No próximo capítulo vamos buscar na história o início da relação rádio e futebol e de que forma ela se constrói até os dias de hoje. O futebol é diferencial na linguagem radiofônica, pois soma todas as características especificadas neste capítulo.

Ícones da narração futebolística colocaram nos seus trabalhos as diferentes características da linguagem: Nicolau Tuma, o “speaker metralhadora”, considerado o precursor da narração como é feita hoje; Ary Barroso, que ao narrar gols tocava uma gaita, utilizando assim outros recursos auditivos para compor sua fala; e Osmar Santos, o “Pai da Matéria”, pioneiro de muitos atributos utilizados nos dias de hoje, dentre os mais famosos, seus jargões: “iiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiih quiiiiiiiiiii goooooool”, “na boca da botija”, “chirulirulí chirulirulá” “pimba na gorduchinha”...

3. FUTEBOL E RÁDIO, A JUNÇÃO DE DUAS PAIXÕES

O futebol chegou ao Brasil compartilhando uma das características do rádio: a de ser elitizado. Com isso, os caminhos de popularização dos dois se confundiram: é com a ajuda da imprensa que o futebol se profissionalizou e é o rádio que “passa a ser o responsável por uma autêntica revolução na divulgação do futebol brasileiro” (RIBEIRO, 2007, p. 59); este, que por sua vez, contou com o futebol para ampliar a sua dimensão social, criar vínculos com seus ouvintes e aproximar torcedores de seus clubes. Portanto, nesse capítulo, vamos analisar a história do futebol, do radiojornalismo esportivo e como suas trajetórias se entrelaçaram, popularizando ainda mais os dois. Além de como surgiram os grandes narradores, personagens principais que levam a imagem até o ouvinte.

3.1 FUTEBOL: OS PASSOS PARA A PROFISSIONALIZAÇÃO NO BRASIL.

O futebol é uma forma positiva de cidadania, uma vez que permite juntar o mundo da casa com o universo impessoal da rua. O futebol fascina o público pelo que veicula de igualdade e possibilidade de exercer escolhas – de exercitar a liberdade (GUERRA, 2002 p. 44)

Criado na Inglaterra, o futebol chega ao Brasil no ano de 1894. Charles Miller, brasileiro com origens britânicas, era de uma família de classe alta e aos dez anos de idade foi mandado para a Inglaterra para estudar. Mas, mais que isso, Charles se apaixonaria pelo esporte bretão e, aos vinte anos, quando retorna ao Brasil, traz na

bagagem duas bolas e equipamentos necessários para jogar o *football*. O que ele não sabia é que também trazia uma verdadeira paixão para os brasileiros

Na verdade, Charles Miller não trouxe apenas o futebol da Inglaterra para o Brasil, fez muito mais. Despertou e influenciou em jovens como ele, a paixão, o espírito de organização e a difusão do novo esporte que de maneira definitiva firmava-se no seio brasileiro. (GODOI apud SOARES, 1994, p. 22).

Um ano mais tarde acontece a primeira partida no país, o São Paulo Athletic Club (formado por funcionários de empresas inglesas instaladas no Brasil) fora dividido em duas equipes que se enfrentaram. E, apenas cinco anos mais tarde “o jornal ‘O Povo’, da cidade de Caçapava (SP), dirigido por Monteiro Lobato, anunciava que o Brasil já possuía 250 clubes esportivos” (GUERRA, 2002, p. 17). Era constatada uma nova paixão nacional, que surgira nos campos de “pelada”.

Mas, antes disso, segundo SOARES (1994, p. 24) entraram no Brasil entre os anos de 1881 e 1890, 1.129.315 imigrantes, dos quais muitos já conheciam o futebol em suas terras natais. O esporte se popularizava entre as diferentes classes no país:

Os imigrantes ricos (executivos de empresas inglesas e alemãs) são imitados pelos estrangeiros pobres (operários e lavradores), mas com material adaptado: tijolos marcam os gols, bolas de borracha substituem as inglesas de couro (chamadas “bolas de capotão”), em lugar de sapatos especiais (as chuteiras), pés descalços. São as “peladas”, sugestivo nome dado ao jogo de futebol despido de seus elementos mais sofisticados (SOARES, 1994, p. 24).

Com o passar dos anos, o esporte ia ganhando o país, ia ganhando as massas. Todavia não ganhava os dirigentes dos clubes. Os futebolistas eram amadores e a profissionalização estava longe de ser unanimidade entre os clubes do país. Rivadávia Meyer, presidente do Flamengo e da federação carioca na década de 30 era contrário ao processo:

Considero o jogador que se profissionalizar como o gigolô que explora a prostituta. O clube lhe dá todo o material necessário para jogar e se divertir com a pelota e ainda quer dinheiro? Isso eu não permitirei no Flamengo. O Profissionalismo avilta o homem. (MEYER apud RIBEIRO, 2007, p. 81)

Para entender o discurso de Meyer, precisamos analisar o contexto: em 1895 acontecia o primeiro jogo, já em 1900 o Brasil possuía 250 clubes, no entanto só em 1914 foi criada a CBD, Confederação Brasileira de Desportos, hoje CBF (Confederação Brasileira de Futebol). Em 1917, começa a vendagem de bilhetes nos estádios “com o objetivo de tornar os departamentos de futebol independentes da renda obtida na parte social dos clubes” (SOARES, 1994, p.24). Fato que contribuiu para deixar os torcedores mais exigentes, “provocando a profissionalização” (GUERRA, 2002, p. 18) do esporte. A torcida exigia bons jogadores e resultados, os clubes teriam então que investir em infra-estrutura; mas para alguns dirigentes “este esporte poderia se manter somente com a venda dos ingressos ao público elitizado” (KOWALSKI, 2001, p. 168).

Junto com o caminho de profissionalização, o futebol tornava-se cada vez mais popular no país. Em 1922, a CBD cria, experimentalmente, o Campeonato Brasileiro de Seleções (a seleção de São Paulo foi a campeã). Em 1923 um passo importantíssimo para transformar o futebol em paixão nacional: o Vasco da Gama, na época sustentado por uma colônia portuguesa, inscreve quatro brancos analfabetos e quatro negros para a disputa do campeonato carioca daquele ano.

Jovens estudantes e executivos de empresas estrangeiras que jogavam nos outros times viram com muito desagrado essa ascensão – até porque o Vasco da Gama, com seus novos jogadores, foi o campeão daquele ano. Seus jogadores participavam dos jogos com muito mais entusiasmo e preparo atlético. (SOARES, 1994, p. 25)

Essa atitude vascaína gerou confusão e fez nascer no futebol carioca duas entidades: “a Liga Metropolitana e a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA), criada em março de 1924, reunindo Flamengo, Botafogo, Fluminense, América e Bangu” (RIBEIRO, 2007, p. 61) A AMEA, reconhecida pela CBD, criou regras para seus campeonatos e uma delas dizia que os jogadores deveriam apresentar a cada três meses comprovantes de que estavam trabalhando e quanto recebiam, além de

obrigá-los a saber ler e escrever corretamente. “As regras pareciam muito claras, porém visavam à exclusão da maioria dos jogadores – pois nessa época jogador de futebol, se não tinha baixa escolaridade, era, na maioria dos casos, analfabeto” (RIBEIRO, 2007, p. 62).

Indo na contramão dos dirigentes, que queriam impedir a profissionalização do esporte, clubes do subúrbio carioca “começavam a roubar a cena, [...], apresentando bons jogadores e, acima de tudo, popularizando-se” (KOWALSKI, 2001, p. 168). Os dirigentes então “não impediam a trajetória que seguia o futebol rumo ao profissionalismo. O máximo que esses puderam fazer foi adiá-la por um tempo” (ANTUNES apud KOWALSKI, 2001, p. 168).

No ano de 1930, Getúlio Vargas assumia a presidência do Brasil e

apresentou à nação seu Programa de Reconstrução Nacional. Entre os itens divulgados estava a criação do Ministério do Trabalho, que, apesar de não poder interferir ou modificar as leis esportivas do país, lançava as bases para posterior regulamentação da tão sonhada carreira de “jogador de futebol profissional” (RIBEIRO, 2007, p. 71)

Em 1933, tanto no Rio quanto em São Paulo, a luta pela popularização ganhava força e a CBD, que era a favor do amadorismo, ficava cada vez mais à margem do esporte. No Rio de Janeiro foi criada a Liga de Futebol Carioca (LFC), que contava com Fluminense, Vasco, América e Bangu.

Antes mesmo do primeiro campeonato da LCF, Flamengo e Botafogo aderiram ao profissionalismo. Em São Paulo, a transição foi menos traumática: após a extinção do futebol no Paulistano em 1929, apenas Santos e Ponte Preta permaneciam contrários ao profissionalismo. Diante da iniciativa carioca, a APEA (Associação Profissional de Esportes Atléticos) [entidade como a AMEA, porém, de São Paulo] adotou oficialmente o futebol profissional em 3 de março de 1933. A partir daquele momento, a vitória da nova configuração seria inexorável (KOWALSKI, 2001, p. 169).

São Paulo e Rio juntaram forças e criaram a primeira liga de futebol no Brasil, “assim, a primeira partida de profissionais realizada no Brasil aconteceu no dia 12 de março de 1933, quando o São Paulo venceu o Santos por 5 a 1” (RIBEIRO, 2007, p. 83).

Ainda na década de 30, o Brasil participou de três Copas do Mundo. Na Copa de 1930, realizada no Uruguai, o Brasil não avançou da primeira fase. Como aconteceu em 1934, na Copa do Mundo da Itália. Já em 1938, com o time comandado pelo técnico Ademar Pimenta a seleção terminou com a terceira colocação.

Depois de todo esse processo, FERRARETO (2000, p. 315) afirma que “o futebol, como esporte das massas, consolida-se depois de 1930”. E, como veremos a seguir, a imprensa teve um importante papel.

3.2 RADIOJORNALISMO ESPORTIVO: O CAMINHO PARA SE FIRMAR E TORNAR O FUTEBOL O ESPORTE DAS MASSAS.

Sete anos após a implementação do futebol acontecia o primeiro jogo entre os combinados paulistas e cariocas e a imprensa da época não deu relevância ao assunto, como aponta Charles Miller

Calculem os senhores que quando efetuamos o primeiro jogo interestadual solicitei dos jornais de então que dessem curso à notícia do prélio realizado. Pois a resposta de O Estado de S. Paulo, A Platéia e Diário Popular foi uma só: ‘não nos interessa semelhante assunto’ (apud SOARES, 1994, p. 23)

Contudo, alunos estrangeiros e estudantes da alta classe média praticavam o futebol, e isso fez com que, em menos de um ano, páginas dos jornais reservassem “generosos espaços para notícias do novo esporte e a descrição pormenorizada de jogos” (SOARES, 1994, p. 23).

Mas, foi a partir da década de 20 que a imprensa teve alto destaque no cenário esportivo. *O Imparcial*, jornal de época, tinha como dono Macedo Soares, então presidente da CBD, assim ele foi “um dos primeiros a trazer fotos enormes dos jogos para suas primeiras páginas” (RIBEIRO, 2007, p. 57).

Em 1921, na disputa do Sul-Americano (hoje Copa América) na Argentina, Epitácio Pessoa, presidente da república, decidiu interferir na convocação da seleção para o torneio; ele não queria negros no time, justificando “sua postura afirmando que não gostaria de ver os argentinos gritando *macaquitos* para nossa seleção” (RIBEIRO, 2007, p. 58). Diferentes jornais protestaram contra a atitude do presidente; o Brasil perdeu dois dos três jogos disputados na Argentina e a manchete do jornal *O Paiz* fora: “O selecionado brasileiro poderia vencer a Argentina, caso tivesse enviado um *scratch* de verdade” (RIBEIRO, 2007, p. 58). Essa discussão fomentou os donos de jornais que viam suas vendas cada vez melhores, revistas específicas surgiram ou foram ampliadas. E nesse contexto aparece o rádio.

Com o crescimento espantoso do público fiel ao esporte, não demorou também para que os jornais ganhassem a concorrência de um veículo poderoso, que em breve seria responsável por uma autêntica revolução na divulgação do futebol brasileiro. O rádio apenas engatinhava, mas o poder de grandes grupos de comunicação e o talento de alguns empresários fariam do novo veículo o mais importante aliado do futebol (RIBEIRO, 2007, p. 59).

Rádio e futebol desde sua junção caminharam juntos e um foi vital para a popularização do outro: “o rádio esportivo foi essencial para a transformação do futebol em esporte de massa e um importante complemento na definição do rádio como meio de comunicação de massa” (SOARES, 1994, p. 17).

Em 1922, Leopoldo Santana recebia por telefone uma série de boletins sobre o jogo Brasil e Argentina (realizado nas Laranjeiras, Rio de Janeiro) e retransmitia por alto-falantes para os frequentadores de uma confeitaria em São Paulo. (RIBEIRO, 2007, p. 59). Apesar de não ser considerado o pioneiro em uma narração futebolística, Amador Santos, em 1927, transmitiu uma partida de futebol, porém, suas narrações eram ocultadas, uma vez que os dirigentes dos clubes temiam pela diminuição de torcida nos estádios (BONAVITA apud GUERRA, 2002, p. 17). Outro fator que tira esse pioneirismo das mãos de Santos é o fato de sua narração não representar os padrões

de locução conhecidos nos rádios de hoje. “Era um locutor sóbrio da Rádio Clube, de voz pausada. Irradiava uma partida de futebol como se estivesse transmitindo uma ópera no Municipal” (MURCE apud SOARES, 1994, p. 19). Mas, até o início da década de 30 “quem quisesse saber algo sobre o desenvolvimento de um jogo, no momento em que estava se realizando, tinha de ir ao estádio” (SOARES, 1994, p. 18).

No momento em que o rádio começa a ganhar força, surge a ACE (Associação dos Cronistas Esportivos) que gera muitas vantagens para o jornalismo esportivo do país.

Foi criada a ACE [...]. Uma entidade séria para os cronistas era mais que necessidade, era obrigação. Afinal, novos jornais e rádios surgiram a cada ano e com eles novos postos de trabalho e mais profissionais a serem representados. No Rio de Janeiro, começou a operar a Rádio Mayrink Veiga, e em São Paulo, a Rádio Cruzeiro do Sul. (RIBEIRO, 2007, p. 67)

Em 1931, quando o veículo ainda parecia uma novidade exótica e mal tinha uma linguagem própria do meio, (“grande parte do noticiário no rádio dependia da tesoura, ou seja, os locutores liam na íntegra e comentavam textos recortados do jornal” (SOARES, 1994, p. 17), surgia Nicolau Tuma, o primeiro locutor a narrar os noventa minutos de uma partida de futebol, pela Rádio Educadora. “Somente depois que o Tuma foi convidado a fazer a primeira transmissão teve-se uma idéia do que era possível fazer” (DUARTE apud SOARES, 1994, p. 18). E ele a fez ajudando aos ouvintes a ter uma percepção clara do campo, como ele mesmo relata:

Conhecia as regras do jogo. Isso era fundamental. Como não tinha um modelo de narração, optei por uma descrição fotográfica, que desce ao ouvinte a imagem exata do campo e do jogo. Fiquei na arquibancada e improvisei o nome deste local dizendo que era o reservado da imprensa. Ao abrir o microfone disse: estou aqui no reservado da imprensa do campo, contemplando as arquibancadas. Estou ao lado das gerias e transmitir para vocês que me ouvem um relato fiel do que irá acontecer no campo. Pensem num retângulo à sua frente ou peguem uma caixa de fósforos. Do lado direito estão os paulistas e do esquerdo os paranaenses (TUMA apud GUERRA, 2002, p. 18)

A partida narrada por Tuma aconteceu na data de 19 de julho de 1931 e os paulistas venceram por 6 a 4. No mesmo ano, outros estados também já realizavam

irradiações esportivas, como no sul do país: “a primeira partida de futebol transmitida no Rio Grande do Sul, por exemplo, foi Grêmio e Seleção do Paraná em 19 de novembro de 1931, com narração de Ernani Ruschel, na então Rádio Sociedade Gaúcha” (FERRARETO, 2000, p. 315).

Mesmo com o pioneirismo da Rádio Educadora, foi a Rádio Record “que mais se destacou no início das irradiações esportivas em São Paulo” (SOARES, 1994, p. 31). Foi ela que inseriu o plantão dentro das narrações futebolísticas.

Não era nada mais do que uma série de telefones, daqueles telefones de manivela em que se falava do campo, do campo se dava uma notícia: “Fulano de tal marcou um gol”. Então Siqueira, que recebia esse noticiário vastíssimo, pode-se imaginar que ele recebia do campo duas, três, quatro notícias por jogo. Ele pegava (...) escrevia num papel e o locutor dizia: agora acabou-se de marcar um gol no Parque Antártica (SOARES, 1994, p. 32)

Também foi a Record que fez a primeira parceria e, junto com a carioca Rádio Clube do Brasil, transmitiu a primeira partida entre cariocas e paulistas, disputada no Rio. Amador Santos, narrador da Clube Brasil foi parcial ao time de seu estado o que gerou revolta dos torcedores paulistas. No jogo de volta, quando Nicolau Tuma narrou, ele não escancarou sua preferência pelos paulistas durante o jogo, mas, no final da partida, com vitória do time da casa, Tuma lançou mais uma novidade nos rádios: o *jingle*, este criado por ele com parceria com o compositor Roberto Splendore: “Com chuva, com sol, paulista é campeão de futebol” (RIBEIRO, 2007, p. 80-81). Em 1932, com o decreto 21.111 de Getúlio Vargas que liberava a publicidade no rádio, o jornalismo esportivo ganha ainda mais força e os *jingles* se tornam ainda mais frequentes: “produzir *jingles* interessantes era apenas um dos apelos usados para atrair novos anunciantes” (RIBEIRO, 2007, p. 80).

O rádio esportivo brasileiro crescia e, em 1938, com a Copa do Mundo da França, foi a primeira vez que os brasileiros acompanhavam ao vivo um jogo da seleção do outro lado do Atlântico.

O dia 5 de junho de 1938 entrou para a história como a data em que, pela primeira vez, os brasileiros acompanharam a sua Seleção jogando na França. E, melhor ainda, vencendo a Polônia por 6 a 5. O responsável [pela narração] foi Gagliano Neto, do Rio de Janeiro, que sob o patrocínio do Cassino da Urca, trouxe a emoção da transmissão dos jogos do Brasil (GUERRA, 2002, p. 19).

E a audiência foi incrível, percebia-se uma unidade em todo território nacional em busca de uma torcida em prol da seleção.

Notícias dão conta de que em 1938 o Brasil parou para ouvir as irradiações de Gagliano Neto. O povo, incrédulo e fascinado com os sons vindos do outro lado do oceano, vibrava. Quem não tinha rádio em casa se aglomerava no Largo do Paissandu em São Paulo ou diante da Galeria Cruzeiro, no Rio de Janeiro. Por esse país afora, onde fosse viável, as pessoas se reuniam para não perder as transmissões ampliadas pelos alto-falantes que as emissoras espalhavam em lugares estratégicos, inclusive os estádios de futebol: os fãs da pelota não queriam perder a façanha dos footballers patricios nos campos franceses (ORTRIWANO, 2000, p.2)

Outra emissora, que mudaria a história da cobertura esportiva nas rádios, surge no ano de 1940, a Rádio Panamericana (hoje Jovem Pan).

[Ela] foi a primeira a se especializar em esportes, e trouxe muitas novidades, como a colocação, nos jogos, de um comentarista de arbitragem (Flávio Iazetti – o juiz do juiz), o plantão esportivo e a criação do primeiro departamento esportivo de uma emissora (GUERRA, 2002, p. 20)

Foi a Panamericana que apostou numa grade com vários programas diários de quinze minutos “dedicados com exclusividade, cada um, a um determinado clube” (SOARES, 1994, p. 47). Dentro nas narrações surgia com a emissora o repórter de campo, na época chamado de locutor de campo, que ficava atrás dos gols e narrava os lances mais perto da meta. Mas, o maior trunfo da rádio foi o aperfeiçoamento do plantão.

Narciso Vernizzi comandava uma equipe de rádio escutas que coletava as informações dos jogos. Ele as transmitia diretamente do Plantão Esportivo, durante a jornada esportiva. Uma escuta nas ondas curtas permitia obter na hora as notícias dos jogos no exterior ou dos clubes brasileiros em excursão. A emissora contava também com colaboradores de outras cidades, que passavam os resultados de partidas por telefone (SOARES, 1994, p. 48).

Com as emissoras em franca ascensão chega, em 1950, a Copa do Mundo realizada no Brasil, um verdadeiro incentivo para o rádio esportivo.

O radiojornalismo esportivo brasileiro ganha impulso em 1950, quando se realiza no país o Campeonato Mundial de Futebol. A transmissão dos jogos qualifica-se e mobiliza ouvintes em todo o país. A narração do gol do uruguaio Gigghia na final, fazendo 2 a 1 e tirando do Brasil o seu primeiro título mundial, silencia o país. Marca também a importância crescente do veículo para o chamado esporte nacional brasileiro (FERRARETO, 2000, p. 316).

As copas do mundo representavam uma acirrada disputa por audiência. E a Rádio Bandeirantes mostrou um trabalho exemplar na cobertura da Copa de 58, primeiro título da seleção. Ela criou uma rede de emissoras, chamada Cadeia Verde Amarela (CVA), com isso por todo o Brasil havia filiais da Rádio Bandeirantes.

Com esse aparato e mais o trio forte de profissionais, nas partidas da Copa do Mundo de 1958 a Bandeirantes chegou, segundo Pedro Luís, “a uma audiência média de 85%. No jogo contra a Suécia (decisão da Copa) a audiência da Bandeirantes foi de 92,5% (SOARES, 1994, p. 55).

Era a consagração do rádio como meio de comunicação esportiva no país.

3.2.1 Bairrismo: a locução mais próxima do torcedor

Desde a parceria da Record com a Rádio Clube do Brasil fala-se em bairrismo, ou seja, um locutor enaltecer mais o time do seu estado do que o outro. Na partida em questão, jogavam as seleções de São Paulo e Rio de Janeiro. A primeira partida foi no estado fluminense e a Record retransmitiu para os paulistas, porém o clima no estado não era bom (por questões políticas – Revolução de 1932) e a narração não foi propícia.

Como São Paulo acabava de sair de uma revolução, todos estavam muito magoados. Um jogo entre paulistas e cariocas naquele momento soava mais como uma guerra', avalia o radialista [Nicolau Tuma]. Os torcedores paulistas acharam que o locutor carioca que irradiou o jogo [...] torceu para a seleção do Rio. Em consequência, o resultado dessa disputa gerou aqui em São Paulo um quebra-quebra (SOARES, 1994, p. 37-38)

Mesmo com o quebra-quebra, o bairrismo nas narrações não foi extinto e teve um personagem fundamental na história das irradiações: Ary Barroso, que começou a narrar em 1934, no Rio de Janeiro. Era um polêmico torcedor do Flamengo. “Ele não dizia falta contra o Flamengo. Ele falava: falta contra nós” (COURI apud GUERRA, 2002, p. 23). Ary também inovou levando uma gaita para suas narrações, que mais tarde originou as vinhetas, o instrumento era tocado quando saía um gol: “ele não gritava gol, tocava repetidamente sua gaitinha. Isso era sinal de gol para o torcedor [...] é claro que essa gaita tocava um pouco mais, se fosse gol do Flamengo” (GUERRA, 2002, p. 23).

O bairrismo pode ser explicado pela emoção presente no esporte, trabalhar com futebol e ter a emoção no dia a dia.

A emoção é a própria alma do esporte. Ela está nos olhos do jogador que faz o gol do título, na decepção da derrota, nas piscinas, quadras e pistas. Em nenhuma outra área do jornalismo a informação e o entretenimento estão tão próximas (BARBEIRO, 2006, P. 45)

E o torcedor a recebe de uma forma com a qual ele se identifica; para ele é a sua torcida narrando o jogo. Uma Copa do Mundo une o Brasil contra seus adversários e o narrador bairrista cria esse laço no país.

O futebol tem algumas partidas que extrapolam qualquer tipo de reação humana, e o rádio é o que melhor traduz essa emoção: em uma copa do mundo, onde estão vários países disputando o título, o futebol se desenvolve de maneira realmente emocionante, e o locutor tem capacidade de transmitir numa dessa de se transportar espiritualmente (DOALCEI apud GUERRA, 2002, p. 24)

Mas, há quem afirme que o bairrismo tinha que ser abolido das narrações, já que sendo um jornalista, o narrador de futebol tem que passar apenas as informações.

O jornalista esportivo pode torcer pelo clube de seu coração, mas se em algum momento isso transparecer no seu trabalho jornalístico, esse trabalho estará prejudicado (...). O homem do rádio esportivo deve se emocionar e passar essa emoção para seu público, mas sabendo distinguir a paixão da emoção (OSTERMANN apud FERRARETTO, p. 318).

3.2.2 Prestação de serviço: a informação também se faz presente no jornalismo esportivo

O espaço do rádio esportivo dá cada vez mais informações não esportivas. Esse espaço tem a “responsabilidade de manter o rádio como o principal companheiro do torcedor, dentro ou fora do estádio” (GUERRA, 2002, p. 25). São serviços e notícias do dia a dia, úteis e cabíveis em uma narração e têm de ser feitos com a qualidade de qualquer outra área do rádio. “A prestação de serviço deve ter a mesma qualidade, seriedade, exatidão e credibilidade de qualquer matéria. Não pode ser considerada reportagem de menor importância” (BARBEIRO, 2006, P. 60).

Há uma série de notícias a serem dadas nos dias dos jogos e os torcedores querem saber, dentre outras informações, “preços dos ingressos, local de venda, horário dos jogos, mudança de local/dia/horário, trânsito a caminho do estádio, transporte, acidentes, caminhos alternativos para cada torcida e até capacidade de público no local do evento”. (BARBEIRO, 2006, P. 61). Lembrando que existem diferentes tipos de ouvintes, que precisam de informações dadas com qualidade.

Existe o ouvinte distante do local do evento e o que leva o radinho para a praça esportiva. É o rádio companheiro, que irá informá-lo e vibrará com ele o dia inteiro. Os dois tipos de ouvintes buscam uma informação que seja rápida e também consistente. O profissional não pode querer ser rápido na informação, sem ter colhido os dados suficientes e verdadeiros. Vale atrasar as informações e transmiti-las com conteúdo (PORCHAT, 1989, p. 84)

Informações que continuam sendo dadas no decorrer da partida, como, por exemplo, público presente e pagante e outras notícias que atraem ainda mais o ouvinte.

3.3 O JOGO DE FUTEBOL NO RÁDIO

“A transmissão esportiva possui musicalidade inerente ao ritmo dos atletas dos campos e quadras. Esta musicalidade é o meio de informação e estimula o ouvinte” (PORCHAT, 1989, p. 85).

Uma partida de futebol é feita em 90 minutos divididos em dois tempos de 45, mais os respectivos acréscimos, com 15 minutos de intervalo entre os dois tempos. Mas, no rádio “a mecânica de cobertura [de um jogo] pode ser dividida em quatro fases definidas: a abertura, o jogo em si (dividido em primeiro e segundo tempo), o intervalo e o encerramento” (FERRARETTO, 2000, p. 322). A partir dessa classificação, o autor nos convida a compreendê-la melhor:

a) A Abertura:

Na apresentação da abertura segue-se um roteiro pré-elaborado, depois o rumo dos acontecimentos dão a ordem do que vai ser trabalhado.

Um trabalho bem feito de uma abertura possuiu:

1. Um ambiente do jogo apresentado pelo narrador;
2. Repórteres informam a escalação dos dois times, o trio de arbitragem e outras informações básicas da partida;
3. O comentarista analisa a situação dos dois clubes que vão se enfrentar, fazendo uma projeção de como o jogo poderá se desenvolver;
4. O plantão traz informações adicionais como o retrospecto dos dois times, sua situação no campeonato etc;
5. As reportagens são liberadas. (FERRARETTO, 2000, p. 324).

b) Os noventa minutos:

A transmissão esportiva que se consagrou no Brasil foi a irradiação do futebol. Um locutor postado na cabine, no centro do estádio, um repórter atrás de cada gol, um comentarista ao seu lado, um plantão esportivo com informação de outros jogos e repórteres em outros estádios. (BARBEIRO, 2006, p. 65).

Com a equipe composta a narração de uma partida deve ser feita para o ouvinte ter a imagem do que está acontecendo dentro de campo.

O ouvinte deve saber, instantaneamente, onde está a bola, quem está com ela, o que o jogador está fazendo com ela, quem está tentando tirá-la, em que direção o jogo tende, de que maneira o jogador se defende e em que ponto do campo tudo se processa. Isso é tremendamente complexo e requer uma capacidade realmente extraordinária de narração. Ao mesmo tempo, a própria voz deve indicar a situação, o perigo, o peso do que acontece. (CAMPOS apud FERRARETTO, 2000, p. 325).

No decorrer de uma partida o narrador é o centro das atenções. Ele é o principal responsável que levará aos ouvintes a imagem do jogo, por isso deve-se fazer com muita credibilidade.

Esse profissional deve saber passar a emoção da competição narrada, mas sem exageros. Um perigo gerado pelo aspecto fantasioso da transmissão é levar o torcedor a sonhar com uma competição muito mais emocionante do que vista no estádio. Um jogo não pode parecer maravilhoso se na verdade está ruim. (BARBEIRO, 2006, p. 66).

No começo das transmissões o narrador ficava sozinho durante todo o jogo, Nicolau Tuma ficou conhecido como o *Speaker* metralhadora, pois não parava de falar em nenhum momento, eram de 200 a 300 palavras por minuto (RIBEIRO, 2007, p.76). “Durante todo o jogo, a minha única preocupação era não parar de falar. Eu achava que se o ouvinte ficasse um segundo sem ouvir nada, mudaria de estação. Então não parava” (TUMA apud RIBEIRO, 2007, p. 76). Era necessária uma equipe de narração, por isso aos poucos foram surgindo o repórter de campo, comentarista e a equipe do plantão.

É preciso que a função dos profissionais envolvidos na transmissão esportiva fique bem clara para o ouvinte. O narrador são os olhos do público; o repórter colhe as informações e transmite com exatidão; ao comentarista cabe passar uma análise do evento em linguagem simples, deixando de lado seus valores pessoais – esta separação torna nítida uma transmissão, distinguindo informação de opinião (PORCHAT, 1989, p. 85).

Os repórteres de campo passam “para o narrador uma visão diferente dos lances que acontecem na partida” (LEITE & LOBATO, 2005, p. 57).

Nove anos mais tarde após a primeira narração de Tuma, surgia na Panamericana a figura do comentarista com a “função de fazer uma análise crítica da partida” (LEITE & LOBATO, 2005, p. 67). Os nomes mais conhecidos de

comentaristas são: João Saldanha, Luiz Mendes, Rui Porto, Washington Rodrigues (GUERRA, 2002, p. 21).

E, por fim, o plantão. Uma equipe, como já relatamos anteriormente, posta nos demais estádios ou fazendo a escuta dos demais jogos para passar a informação dos acontecimentos para os ouvintes.

Dentro da narração ainda devem acontecer, de acordo com a Rádio Gaúcha, de Porto Alegre, “o rodízio de tempo e placar de cada jogo (...) deverá ser feito obrigatoriamente três vezes por tempo, no mínimo” (FERRARETTO, 2000, p. 325)

c) Intervalo:

O apito do árbitro encerrando o primeiro tempo serve de sinal para que os repórteres entrem no gramado, entrevistando jogadores. Em seguida, o narrador chama o plantão esportivo, que traz as últimas informações sobre outros jogos de interesse. O comentarista vai analisar a partida e, caso haja gols, chamar a sua reprodução. Um pouco antes do jogo recomeçar, os repórteres informam, se necessário, sobre possíveis alterações nas equipes e fazem outras entrevistas com jogadores e a equipe técnica (FERRARETTO, 2000, p. 326).

d) Final de jogo:

Ao final da partida, repete-se a situação do intervalo. Correria de repórteres em torno dos jogadores, entrevistas, o plantão informa a situação dos clubes após a partida e o comentarista analisa o jogo, quando então são reproduzidos, se houve, os gols (FERRARETTO, 2000, p. 326).

Lembrando, que na maior parte do tempo, as informações são dadas no improviso do narrador e de sua equipe, que bem feito estimula ainda mais o ouvinte a criar sua imagem do jogo, prendendo sua atenção. Outro fator que atrai o ouvinte são os efeitos sonoros.

3.3.1 Efeitos sonoros que reforçam a narração

Durante os noventa minutos de um jogo, o rádio tem que manter a atenção dos ouvintes e, buscando como fazê-lo, surgiram sons e músicas para alertar os torcedores nos momentos decisivos, tempo e placar.

Quase ninguém fica o tempo todo com o ouvido colado no rádio. O rádio fica ligado, mas não se acompanha lance por lance. E é aí que funciona o sinal eletrônico. Quando apitinho rompia no ar, os ouvidos logo sintonizam nele. Ficava-se sabendo, assim, quanto estava o jogo ou quem marcou o gol, quem foi expulso, qual o lance discutível (GUERRA, 2000, p. 37).

O primeiro som diferente no rádio surgiu com Ary Barroso em 1934, era sua gaita que tocava quando surgia um gol. Mas, só na década de 70 o uso de efeitos sonoros generalizou-se “quando a concorrência da televisão colorida obrigou as emissoras e rádio a tornar a narração do futebol mais atraente e emocionante” (LEITE & LOBATO, 2005, p. 70). No rádio, precisava-se ainda mais de emoção para não perder a audiência para a TV.

Justamente para aumentar a emoção, as emissoras acrescentaram ruídos, musicais ou não, à voz de seus locutores. Quando um dos times ataca, ouve-se o som da torcida. Durante a transmissão, algumas rádios tocam trechos dos hinos dos clubes. Sons de sintetizador preparam o ouvinte para receber informações paralelas às jogadas, como o placar, o tempo de jogo. (SOARES, 1994, p. 74).

E com todas essas características sendo aperfeiçoadas durante as irradiações, os nomes dos narradores das rádios se tornaram cada vez mais forte entre os ouvintes. Os que já narravam se firmaram no espaço radiofônico, mas, não fecharam as portas para novos nomes. De Nicolau Tuma até os dias de hoje tivemos inúmeros narradores que marcaram presença, que com carisma conquistaram seus ouvintes, que colocaram seu linguajar no dia a dia popular.

3.4 OS HEROIS DA NARRAÇÃO

Os narradores de futebol vivem duas paixões do brasileiro: o rádio e o esporte. Desde Nicolau Tuma, cada narrador busca se identificar e se aproximar sempre mais do seu ouvinte. “A transmissão emociona o ouvinte pelos lances e fatos narrados com vibração” (PORCHAT, 1989, p. 85). A linguagem é a forma pela qual eles têm de se unir com o público e fazer cada indivíduo se sentir próximo dele.

O locutor não vê o ouvinte e o ouvinte não vê o locutor. Essa comunicação cega requer o conhecimento da identidade dos ouvintes. Identificado, é preciso colocar-se permanentemente na sua pessoa, reagindo por ele, dirigindo-se a ele, imaginando seus anseios e sua maneira de pensar, para mesmo distante, estabelecer uma aproximação. É a função invocativa da nossa linguagem (PORCHAT apud GUERRA, 2002, p. 40).

A linguagem é o principal aliado de cada narrador para se destacar. O locutor, antes de qualquer coisa, tem que saber improvisar, é esse artifício que facilitará seu trabalho durante a partida.

Os grandes locutores do rádio esportivo brasileiro são aqueles que conseguem se valer deste artifício para transmitir de uma maneira clara e simples, para os ouvintes os lances que se passam nos eventos esportivos. Durante uma partida de futebol ocorrem vários lances inesperados, em que a equipe de transmissão deve ficar atenta para fazer o relato para seus ouvintes (LEITE & LOBATO, 2005, p. 61).

É a linguagem que faz os diferentes estilos e “o surgimento de um estilo próprio sempre dependeu das tentativas de erros e acertos” (BARBEIRO, 2006, p. 54). Errando e acertando percebe-se a existência de duas escolas de narração, que dividem os radialistas, são elas: a denotativa e a conotativa. Mas, independente da escola é “importante habituar-se a linguagem correta, para não errar quando improvisa” (PORCHAT apud LEITE & LOBATO, 2005, p. 62). E, independente da escola nomes

ficaram marcados na história do rádio esportivo, Pedro Luís, Fiori Gigliotti, José Carlos Araújo e Osmar Santos, são exemplos de heróis da narração.

3.4.1 Narração denotativa

Os narradores dessa escola transmitem o jogo com “uma visão menos metafórica da partida” (FERRARETTO, 2000, p. 326). Utilizando sempre o nome do que é narrado.

Seus representantes preocupam-se em dar ao ouvinte a imagem da partida pela utilização de signos denotativos, isto é, limitando seu vocabulário ao “primeiro significado derivado do relacionamento entre um signo e seu objeto”. Exemplo: ao citar a esfera que, no futebol, deve ser impulsionada pelos pés dos jogadores para dentro do gol, o locutor desta escola diz: “bola” (SOARES, 1994, p. 61).

Representam essa escola: Nicolau Tuma, Rebello Júnior, Pedro Luís e José Silverio, por exemplo.

Tuma caracteriza o narrador como o “fotógrafo do que acontece. Ele fotografa com a voz e define tudo o que está acontecendo” (SOARES, 1994, p. 62). Ele nunca narrou um gol como hoje se faz no rádio: “eu nunca gritei aquele gol esticado, demorado. Sempre achei que o ouvinte queria saber logo quem tinha marcado, o nome do jogador, como ele estava comemorando” (RIBEIRO, 2007, p. 76).

Mas, foi nesta escola que surgiu o grito de gol prolongado. Rebello Júnior, substituto de Tuma na Rádio Difusora, em 1942, ficou conhecido como o Homem do gol inconfundível. “Rebello passou a anunciar o gol com uma longa emissão de voz, como é feito até hoje por todos os locutores esportivos de rádio” (SOARES, 1994, p. 64).

3.4.2 Narração Conotativa

Em 1936, José Geraldo de Almeida começava a narrar no rádio como locutor comercial. Dois anos mais tarde, na Rádio Record começa o que passou a ser conhecido como escola conotativa de narração.

Ficou conhecido por seu entusiasmo exagerado. São dele as frases: “Vamos, minha gente”, “Lindo! Lindo! Lindo! Lindo!”, “O que que é isso minha gente?”, “Por pouco pouco, muito pouco, pouco mesmo”, “De ponta de bota” e o mais comum: “Mata no peito e baixa na terra” (SOARES, 1994, pg. 68).

Ele deu apelidos para os jogadores, dentre os mais famosos, Jairzinho o Furacão da Copa, no ano de 1970. Foi ele também quem criou a expressão “Seleção Canarinho”, quando o Brasil conquistou o tri campeonato mundial.

Nesta escola um mesmo objeto/lance pode ter mais de um nome, “seus integrantes associam outros sentidos ao significado dicionarizado das palavras utilizadas, abusando de figuras de linguagem, gírias, metáforas, slogans e chavões” (FERRARETTO, 2000, p. 326).

A bola, que na escola denotativa era simplesmente bola, aqui pode ser chamada de “balão, balão de couro, caroço, couro, criança, gorduchinha, leonor, Maricota, menina, nega, pelota e redonda” (SOARES, 1994, p. 62).

Capinussú em “A linguagem popular do futebol” criou um dicionário com 434 vocábulos do chamado “futebolês”, como pediu Luiz Mendes, o comentarista da palavra fácil: “O futebolês é um idioma com tantas palavras e frases, que já merece um dicionário especial... Será difícil explicar a frase dos narradores de rádio ‘a bola espirra e sai” (GUERRA, 2002, p. 45).

Essas expressões e nomes têm diferentes origens, mas a principal é a incorporação do dia a dia popular:

Os narradores passam, cada vez mais a utilizar expressões que vêm do popular. Antes, a gaitinha de Ary Barroso sinalizava para o torcedor o gol. Hoje, por exemplo, o narrador Édson Mauro, do Rio de Janeiro, anuncia o gol gritando “bingo, bingo” e conclui dizendo: “Essa aí passou, essa passou” (referência à música de sucesso do Grupo É o Tchan). Maurício Menezes, da Rádio Globo, descreve para o torcedor a ida de um time para o ataque, definindo o espaço do meio-campo como “lá vai fulano, todo alegrinho, entrou na casa do vizinho” (GUERRA, 2002, p. 44).

Além de José Geraldo de Almeida, Fiori Gigliotti e Osmar Santos representam essa escola onde os jargões são comuns entre os narradores. Fiori Gigliotti no início das partidas sempre dizia: “apita o árbitro, abrem-se as cortinas e começa o jogo, torcida brasileira”; no duelo de dois grandes clubes, Washington Rodrigues dizia que era um “briga de cachorro grande”; e quando um jogador chuta a bola Osmar Santos narrava assim: “ripa na chulipa”.

O torcedor acaba incorporando algumas expressões “quem não ouviu o marido dizer que sua mulher ‘faz marcação por pressão’, ou alguém dizer que ‘estou na área se derrubar é pênalti?’” (GUERRA, 2002, p. 57).

Essas e muitas outras expressões diferenciam a escola conotativa, porém, o estilo do narrador é feito sob uma narração concisa, clara e correta (FERRARETTO, 2000, p. 327).

No, capítulo três, vamos destacar a história do homem, do narrador e do político Osmar Santos, O “Pai da Matéria”. Um dos maiores nomes da narração brasileira. Ele começou aos catorze anos em uma rádio na cidade de Marília, no interior de São Paulo e “antes de completar 25 anos, já tinha conquistado salário de gente grande e destaque entre os principais locutores esportivos da história do rádio no Brasil” (MATTIUSI, 2004, p. 16), era o Osmar da Pan. Foi destaque também como político; conhecido como O “Locutor das Diretas”, ele lutou contra a ditadura. Além de ser uma pessoa com um enorme carisma, “como profissional, como ser humano ele estava acima da média. O que mais me impressionava nele era quando ele entrava em algum lugar...

era uma luz que se apresentava. Ele irradiava uma energia muito positiva” (HAWILLA apud MATTIUSI, 2004, p. 41). O narrador Edson Mauro, da Rádio Globo Rio, acredita que o Osmar está entre os três principais locutores de São Paulo:

O Osmar Santos foi um excelente locutor esportivo, acho que entre os três melhores de São Paulo. São Paulo sempre teve os locutores dentro de uma escola bem tradicional, e dentro dessa escola eu incluo o Osmar, daquele escola rápida, de transmitir muito rápido, de usar muita, muitas inflexões bonitas e tudo mais. Em São Paulo, a gente teve, pelo menos pra mim, locutores marcantes, o Fiori Gigliotti, o Pedro Luiz e o próprio Osmar, então eu considero o Osmar um dos três melhores locutores esportivos de São Paulo (MAURO, 2011, APÊNDICE E, p. 106).

4. OSMAR SANTOS: O CAMINHO QUE O LEVOU A SER UM DOS MAIORES LOCUTORES DO RÁDIO ESPORTIVO

Nascido no dia 28 de julho de 1949, na cidade de Osvaldo Cruz, interior de São Paulo, Osmar Santos trilhou sua vida para os estudos e o trabalho. Aos 14 anos começou no rádio, ainda em sua terra natal, e com 25 anos já possuía salário de veterano na capital do estado. Trabalhou nas mais nomeadas rádios de São Paulo e foi um dos responsáveis por transformar a locução esportiva do país. Para Gilson Ricardo, locutor da rádio Globo Rio, ele é um dos cinco melhores locutores do Brasil:

Ele foi um locutor top de linha. Era, se gente fosse analisar os cinco maiores locutores do Brasil, ele estaria entre esses, com certeza. Eu apontaria: Jorge Curi, Valdir Amaral, José Carlos Araújo, Donce Camargo, que também foi um locutor maravilhoso, e aí entraria ele. O Osmar Santos que, em São Paulo, arrebatava, uma narração vibrante, maravilhosa, criativa, porque o narrador de futebol ele tem que ser criativo, tem que sair daquela rotina, senão fica igual locutor de televisão. Locutor de televisão é aquela batida que você já conhece: “Bola com fulano, entrega pra ciclano que dá pra fulano”, porque na televisão você tá vendo o jogo, você tá acompanhando o que o narrador está falando. No rádio, você tá vivendo a emoção do rádio, o rádio tem muito mais emoção, então você tem que criar a jogada, criar aquela emoção, “bola raspando, bateu na zaga, quase que entrou”, que é pra você, no teu raciocínio, pensando no jogo pelo rádio, você tá vendo aquela imagem, é como se você tivesse vendo o jogo. A rádio globo inclusive diz “Veja o jogo ouvindo a Rádio Globo”, então a gente passa mais emoção. Na televisão é mais aquele toque pra cá, toque pra lá, mas, não tem aquela emoção que tem o rádio, que é aquela vibração. E ele, sem dúvida alguma, era um dos locutores mais fantásticos em termos de vibração. Tinha Pimba na Gorduchinha, Chiruliruli, Chirulirulá. (RICARDO, 2011, APÊNDICE C, p. 100)

Nesse capítulo vamos trilhar a trajetória desse personagem do rádiojornalismo esportivo. Para Washington Olivetto, um dos maiores nomes da publicidade brasileira, deveríamos contar a história do rádio em dois capítulos: “antes e depois de Osmar” (2004)⁴.

4.1 SENHOR ROMEU E D. CLARISSE: O INCENTIVO AO TRABALHO E AO ESTUDO

O casal Romeu e Clarisse tiveram quatro filhos, todos homens e todos com a letra ‘o’: Osmar, Osório, Oscar e Odinei (em ordem). Para Romeu era bom ter quatro filhos homens: porque “o homem começa a trabalhar mais cedo” (apud MATTIUSI, 2004, p. 90). Sendo o mais velho, Osmar trabalhou mais que os outros; Rosa Maria, ex-esposa de Osmar, relata uma confidência dele: “ele me contou que começou a trabalhar com o pai na roça com 8 anos de idade” (apud MATTIUSI, 2004, p. 90). Nos anos 90,

⁴Nota retirada da contracapa do livro “Osmar Santos, o milagre da vida”, de Paulo Mattiussi, editora Sapienza, ano 2004.

o já consagrado Osmar Santos relembra a infância dura na roça: “eu plantava, colhia, cuidava do gado, tirava leite das vacas, andava a cavalo. A gente produzia de tudo um pouco. Milho, feijão, café, algodão” (apud MATTIUSI, 2004, p. 90).

A mãe sonhava com um filho engenheiro e focava nos estudos dos quatro. Osmar dividia seu tempo entre o trabalho na roça e a escola, assim, pegou gosto pelos dois, como conta D. Clarisse:

Ele estudava de manhã e ia direto da escola para a roça. Almoçava lá mesmo com o pai e só voltava para a casa no fim da tarde. Suado, rosto queimado de sol, calça curta, camisa e botina vermelhinha de terra. Mão encardida, unha suja. Chegava cheio de fome, mas só comia depois de se lavar, se pentear, ficar de novo bonitinho. Ele sempre foi muito vaidoso. Vaidoso e trabalhador, trabalhador e estudioso (apud MATTIUSI, 2004, p. 91).

Estudou, se formou e cursou duas faculdades, não foi engenheiro, como sonhava D. Clarisse, mas, formou-se em Educação Física e Administração. No entanto, os caminhos profissionais o levaram para outras experiências que o deixariam marcado na história, principalmente do rádio. Osmar descobriu sua paixão por locução ainda jovem, não mediu esforços para trabalhar no rádio e tornou-se um dos maiores nomes da narração esportiva do país.

Oscar Ulisses, seu irmão, quando o apresenta foca na relação de amizade que tem com Osmar. Mas, não se esquece de enaltecer o grande narrador que ele se tornou:

Olha aqui o meu irmão Osmar, porque, por causa da relação, da proximidade, do carinho que eu tenho com ele, ele tem comigo, então é uma relação de irmão mesmo. Além disso, seria: te apresento aqui o melhor locutor que eu já vi na minha vida, o melhor locutor de todos os tempos, o que impulsionou o rádio, o que criou uma nova linguagem; aqui um cara de comunicação de ponta, enfim, tem ‘n’ maneiras da gente fazer isso daí., mas, acho que essa história que ele se identificou muito com rádio e que ele criou um novo jeito de transmitir futebol é o mais forte dele (ULISSES, 2011, APÊNDICE A, p. 88).

Narrador que dominou as características do rádio, como veremos a seguir.

4.1.1 Rádio e Osmar Santos, perfeita simetria

O Osmar era um profissional diferente. De tudo, de todos. Como locutor, por mais que a gente fale, por mais adjetivos que se tente encontrar, não se vai conseguir definir completamente o que ele representou. Como apresentador, ele não lia simplesmente uma notícia. Ele interpretava, opinava, acrescentava informações e emoção. Principalmente emoção (BATAGLIA apud MATTIUSI, 2004, p. 38).

Apesar de ter descoberto muito cedo a paixão pelo rádio, seu primeiro contato com uma emissora não teve nada haver com seu futuro... Foi em 1962, na Rádio Clube, de Osvaldo Cruz. A rádio promovia um concurso de calouros e, mesmo sem saber cantar, Osmar driblou a família e se inscreveu: “eu sabia que não cantava muito bem. Fui gongado antes do final da primeira estrofe, riram de mim, mas não podia perder a oportunidade de conhecer uma rádio por dentro” (apud MATTIUSI, 2004, p. 96).

Antes, aos 9 anos, já sonhava em ser locutor. Em 1958 aconteceu a Copa do Mundo na Suécia (o primeiro título da seleção canarinho) e Osmar ouviu atento as transmissões da Bandeirantes. Faziam as locuções dos jogos os narradores Pedro Luiz e Édson Leite, os comentários eram de Mário Moraes.

O revolucionário locutor esportivo Osmar Santos nasceu nas transmissões imaginárias do menino Osmar. O que para a família era uma brincadeira sem futuro, para ele já era um objetivo de vida. Tudo começou quando tinha 9 anos, logo depois que ouviu os jogos da Copa do Mundo da Suécia, em 1958 (MATTIUSI, 2004, p. 92).

A partir daí, ele começou a imitar os locutores, em qualquer hora do dia que tivesse uma folga, fosse do trabalho ou da escola. O irmão Osório revela que desde menino Osmar já narrava com facilidade: “desde criança já narrava com perfeição. Eu também pensava em ser um locutor, mas desisti. O Osmar era muito melhor que eu. Era um prazer imaginar os gols que ele imaginava e narrava” (apud MATTIUSI, 2004, p. 94).

Osmar sabia usar a fala, embora tenha demorado um pouco a mais para isso:

“O incrível é que Osmar teve problemas de fala até os 5 anos”, relata D. Clarisse (MATIUSSI, 2004, p. 91). Até os dois anos, ele não pronunciava uma palavra e, graças a uma simpatia feita por seus pais, começou a falar normalmente:

‘Lá no interior tinha um pássaro chamado urutago’, confidenciou o seu Romeu. ‘Era um pássaro grande, que dormia de dia e voava à noite. A simpatia mandava que a gente pegasse o bico do urutago e fizesse ele piar dentro da boca da criança’. ‘A gente foi de noite pro meio do mato’, lembra os detalhes dona Clarisse. ‘Deu um trabalhão... O Romeu, coitado, perseguiu o pássaro, se arranhou nas árvores, caiu, se machucou, mas a gente conseguiu. No dia seguinte, o Osmarzinho já tava falando’ (MATTIUSSI, 2004, p. 92).

Dois anos mais tarde, Osmar voltou a ter problemas para falar, como conta D. Clarisse: “é difícil acreditar... Mas, de repente, ele ficou gago”. Gagueira que passou depois dos medicamentos que o Dr. Funchal⁵ receitou para o menino.

Aos catorze anos, sem gagueira e com muito talento Osmar começou a trilhar sua carreira. Em 1963, a mesma Rádio Clube do seu show de rock anunciou que estava precisando de locutores. D. Clarice, mesmo não apoiando a ideia, deixou que seu filho se inscrevesse. Para ela, Osmar era muito novo e a profissão de locutor não garantia o futuro de ninguém. Belmiro Borini, dono da rádio, conta o que aconteceu com o menino:

A primeira coisa que falei é que ele era muito novo para começar na profissão. Mas ele não desistiu. Falou, falou, narrou notícias, um lance de futebol, se mostrou interessado, informado sobre o que acontecia na rádio. Era um garoto perseverante. Ele não desistiu nem quando eu disse que o locutor tinha que saber bater à máquina para escrever as notícias que ia ler. Ele não sabia bater à máquina, mas começou a escrever com a mão, para mostrar que tinha a letra bonita. Gostei dele. Gostei tanto que acabei dando um emprego para ele (apud MATTIUSSI, 2004, p. 99).

D. Clarice quando soube da notícia ficou preocupada: “a gente morava num sítio, não tinha transporte como hoje. E eu tinha medo de que ele parasse de estudar” (apud MATTIUSSI, 2004, p. 100). Mas, ele não parou. Morou com a avó no centro de

⁵Dr. Funchal era o dono da Fazenda Santa Efigênia, onde o Sr. Romeu, pai de Osmar trabalhava.

Oswaldo Cruz, e na Rádio Clube começou a se mostrar narrador de futebol, como conta Pedro Poveckio, narrador da rádio na mesma época que Osmar:

O sonho dele sempre foi narrar futebol. Nos dias de treino do Oswaldo Cruz, ele pegava um gravador da rádio tão pesado que quase não conseguia carregar. Pois bem, com esse gravador ele ia para o estádio a pé. Lá, narrava os treinos como se fossem jogos de verdade, entrevistava os jogadores e a torcida. Depois, ficava escutando, analisando as suas transmissões (apud MATTIUSI, 2004, p. 102).

E a primeira oportunidade real surgiu com um imprevisto. O narrador esportivo da rádio adoeceu e não havia substituto. Apesar de Borini ser amigo de Osmar, ele achava prematuro colocar um menino de 14 anos para narrar um jogo. Foi Poveckio quem convenceu o chefe, e Osmar narrou a partida. Apesar do medo e nervosismo, no final do primeiro tempo Borini estava satisfeito com a narração e profetizou: “Nós descobrimos hoje um grande narrador. Osmar vai fazer história no rádio” (MATTIUSI, 2004, p. 104).

4.2 MARÍLIA, O SONHO COM A CAPITAL SE TORNA MAIS PALPÁVEL

Pouco mais de um ano da sua primeira narração na Rádio Clube de Oswaldo Cruz, Osmar e sua família se mudavam para Marília.

A Rádio Clube, homônima da de Oswaldo Cruz, foi o primeiro emprego de Osmar em Marília, foram apenas seis meses, mas, “cativava os ouvintes [...] com seu bom humor permanente, voz clara, bem colocada, que não tinha o mínimo de sotaque...” (MATTIUSI, 2004, p. 106).

Após esse tempo surge uma proposta: ir trabalhar em Campinas. Osmar aceita e conhece Fausto Silva, com ele faz “cinco ou seis transmissões” (MATTIUSI, 2004, p. 106). Mas, o sonho de estudar fez com que nosso personagem retornasse para Marília, lá ganharia o mesmo salário que em Campinas e poderia continuar estudando com menos dificuldade. Fausto relata o estilo de Osmar naquela época:

Ele era mais sério. Narrava mais em cima da bola, como o Pedro Luiz, se expressava com vocabulário sem gírias, mais sério, como o Haroldo Fernandes. Só depois de muito tempo é que ele deixou de ser um locutor esportivo para se transformar num animador (apud MATTIUSI, 2004, p. 106-107).

Na volta para Marília, Osmar trabalhou na Rádio Dirceu, chefiava a equipe, com apenas 18 anos e ganhava 180 cruzeiros: “para se entender o que esta quantia representava: 150 cruzeiros era o salário de um repórter de jornal em São Paulo” (MATTIUSI, 2004, p. 109).

Em 1970 surge a primeira oportunidade de trabalhar em uma grande rádio de São Paulo. A Nacional (hoje rádio Globo) abriu um concurso para contratar um novo locutor. Pedro Luiz chefiava a equipe e, em seu teste, Osmar narrou um jogo entre São Bento e Ponte Preta, foi bem, como ele mesmo relata: “Fui aprovado. O próprio Pedro Luiz me disse isso. Voltei para Marília certo de que seria contratado, mas...” (apud MATTIUSI, 2004, p. 111). Mas, não foi. Pedro Luiz achava a locução de Osmar fora dos padrões da época e contratou Marco Antônio, Luciano do Valle e Jorge de Souza. Era o primeiro “não” de Osmar na capital paulista.

De volta à Marília, Osmar conheceu Marcelino Medeiros, “mais que um radialista, Marcelino era um homem de comunicação” (MATTIUSI, 2004, p. 111) e, com uma proposta de 400 cruzeiros por mês, ele convenceu Osmar a trocar de rádio; trabalhava agora na Vera Cruz. Marcelino era mais que um chefe, ajudava e queria ver a carreira de Osmar decolar, sua primeira tentativa de levá-lo para a capital surgiu com

Milton Camargo, que era chefe da equipe da rádio Tupi daquele ano. Ele abriu uma vaga para locutor e conta como foi a segunda tentativa de Osmar a trabalhar na capital:

Foi em 1971. A Tupi ficava lá no Sumaré. De repente, surgiu um cara cabeludo, com aquelas calças boca-de-sino, falando com segurança: ‘soube que tem uma vaga de locutor, trouxe a minha fita’. Falei: ‘Pô, a gente tinha, mas eu contratei o Ciccareli – José Carlos Ciccareli’. Mesmo assim, ele insistiu: ‘você não quer ouvir a fita?’ Fiz questão de ouvir, o nome dele já estava sendo comentado em São Paulo e eu também vim de Marília, né? Ele era bom mesmo – tinha boa dicção, narrava rápido, tinha um grito de gol diferente (apud MATTIUSI, 2004, p. 112-113).

Mesmo com a empatia de Milton, Osmar voltou para Marília com a decepção de um mais um não. A contratação de Ciccareli pela Tupi não deixou verba suficiente para a contratação de mais um locutor. Cabia a Osmar esperar... E, de volta para sua cidade, o amigo – chefe Marcelino provou mais uma vez a confiança que depositava no seu locutor: “percebendo a frustração do amigo, Marcelino entregou a chefia do Departamento de Esporte da rádio para ele” (MATTIUSI, 2004, p. 113).

A terceira tentativa surgiu com um misto de azar e sorte. Azar: iriam jogar Marília e XV de Piracicaba, porém, antes da bola rolar, o que se viu foi muita confusão, com direito a bomba nas arquibancadas. O jogo então foi transferido para o meio da outra semana. Antes, as irradiações eram feitas por linhas telefônicas e era uma dificuldade enorme para se conseguir uma. E por isso a sorte começou a aparecer, na dificuldade Osmar teve uma ideia: pedir autorização para a Bandeirantes para que a transmissão da rádio de Marília fosse feita utilizando a frequência de ondas curtas do transmissor que a Bandeirantes possuía em Piracicaba. Sorte:

A Bandeirantes não só autorizou o uso do transmissor de Piracicaba, como propôs fazer a transmissão do jogo em conjunto, com uma equipe mista: Osmar foi o locutor, Barbosa Filho, o comentarista e Oswaldo dos Santos, o repórter (os dois da equipe da Bandeirantes) (MATTIUSI, 2004, p. 115).

Nessa época a Bandeirantes precisava reagir no mercado. A Nacional tinha Pedro Luiz (primeiro grande ídolo de Osmar), Milton Camargo na Tupi, Joseval Peixoto (outro grande ídolo) na Jovem Pan, José Italiano na Gazeta, além do investimento

televisivo em transmissões esportivas. Assim Osmar se encheu de esperança, Marcelino Medeiros também. Mas, de novo uma resposta negativa, pois, para enfrentar o mercado, a Bandeirantes contratou Joseval, da Pan.

Mesmo dispensado em três das principais rádios paulistas, Osmar não desistiu.

4.2.1 Jovem Pan, a primeira grande casa de Osmar

Inicialmente chamada de Panamericana, a marca que pertencia ao mesmo dono da TV Record, em 1968 se reformulou; querendo uma linguagem nova e dinâmica começou mudando de nome: Jovem Pan. “Uma rádio moderna, com uma programação avançada, uma transmissão de futebol que tinha um som diferente e um locutor que fugia do tradicional” (MATTIUSI, 2004, p. 109).

O narrador em questão era Joseval Peixoto que, como vimos, deixou a Pan para trabalhar na Bandeirantes. “A saída de Joseval Peixoto em 1972, no entanto, foi um golpe difícil de assimilar. Joseval se encaixava perfeitamente no projeto de marketing da emissora, que se apresentava, então, moderna, revolucionária e jovem, até no nome” (MATTIUSI, 2004, p. 118). O segundo locutor da Pan era o gaúcho Willy Gonzer, ele trabalhava com um operador chamado Bento de Oliveira.

No Parque Antártica (estádio do Palmeiras) as cabines individuais não existiam, era apenas uma sala e as equipes ficavam uma do lado da outra. Em um domingo em que jogavam Palmeiras e Marília, Willy Gonzer, Bento e Osmar Santos ficaram lado a lado. Osmar ainda trabalhava na Vera Cruz de Marília e Bento já o comparava com os grandes:

A velocidade com que ele narrava, as palavras que ele usava me chamaram a atenção. E fiquei boa parte do jogo observando a maneira de ele transmitir. Olha, eu trabalhei com locutores como Fiori Gigliotti, Geraldo José de Almeida, o próprio Joseval, mas aquele garoto era especial (apud MATTIUSI, 2004, p. 118).

E foi Bento quem indicou Osmar para Tuta (Antônio Augusto Amaral de Carvalho – dono e diretor artístico da Pan), que aceitou a indicação e pediu que o operador entrasse em contato com o Osmar. Bento ligou para a Vera Cruz, conversou com Marcelino e os dois combinaram uma data para a apresentação do locutor. O jogo teste foi entre São Bento e Palmeiras: “nem parecia um novato. Ele fez uma narração precisa, em cima do lance, criou frases bem humoradas”, relata Bento (apud MATTIUSI, 2004, p. 120).

Quando nos comunicamos pelo rádio, temos de desenvolver uma verbalização específica para suprir a falta de imagem. Ao contrário da televisão, na qual a imagem mostra tudo, o rádio requer que se evidencie por meio da voz a imagem que o veículo não transmite (CÉSAR, 2009, p. 110).

A voz do narrador deve transparecer tudo o que acontece no campo, onde está a bola, com quem está e quem quer tirá-la. Deve passar ao ouvinte as emoções da partida, só assim temos um desenho perfeito do que acontece em campo. E o Osmar sabia disso, como ele mesmo diz: “o rádio exige que você faça o jogo na cabeça do espectador” (apud SOARES, 1994, p. 74), através da sua linguagem clara e atenta aos detalhes, ele conquistou a tão sonhada vaga na capital. A Jovem Pan contratou o narrador. “Dessa vez, São Paulo não era um sonho. Era realidade. Certeza. Futuro que ele esperava” (MATTIUSI, 2004, p. 121).

Tuta, para quebrar o preconceito que os jornalistas esportivos tinham de “ser alienados” (MATTIUSI, 2004, p. 122), não admitia erros de português no ar e cobrava informação e cultura dos seus comandados. Osmar se preparou para isso, como relata Oscar Ulisses, seu irmão:

Ele atingiu praticamente todo mundo, porque ele foi muito forte. O Osmar teve, diferentemente do que pode parecer, um bom preparo pra isso. E ele ganhou esse preparo já junto com o trabalho que ele estava fazendo. Ele começou cedinho transmitindo jogo de rádio, de futebol, sempre envolvido com rádio, gostou muito disso, se dedicou bastante, e depois quando ele se tornou um adulto, já em faculdade, ele percebeu a importância de ter um bom preparo pra continuar fazendo seu trabalho, pra continuar lidando com as palavras como ele fazia. E o Osmar fez duas faculdades, leu bastante, vivia com livros embaixo do braço, preparou-se, tinha um bom vocabulário. Ele tinha sempre uma boa comunicação, trabalhando bem as palavras. A gente só vê o resultado final, mas, ele se dedicou muito nessa preparação (ULISSES, 2011, APÊNDICE A, p. 88-89).

Além disso, Osmar levou características que aperfeiçoaram sua narração na Pan, era o uso de recursos técnicos: sons e vinhetas. Deu menos espaço para os comentaristas e mais destaque aos repórteres de campo.

O locutor também inovou, dentro do processo de modernização pelo qual a Jovem Pan estava passando no início dos anos 70, dando mais destaque a reportagem de campo. Segundo Osmar, antes da irradiação esportiva valorizava mais o trabalho dos comentaristas e eles falavam como se fossem os donos da verdade. ‘Então inventei: desce daí garotinho, não está com esta bola toda, Pára com isso. Eu diminuí o espaço da análise do comentarista e aumentei a reportagem (SOARES, 1994, p. 72).

E mais, no lugar dos comentaristas, Osmar, começou a levar gente importante para o ano de 1972. “Lá [em sua cabine] estiveram jornalistas como Mino Carta, o político Fernando Henrique Cardoso, o cantor Roberto Carlos, a cantora Rita Lee, o humorista Chico Anysio, empresários e outras personalidades conhecidas” (SOARES, 1994, p. 72). Essa proposta tinha também outro porque: “convidar personalidades fora do mundo da bola não era escolha aleatória, mas uma estratégia espetacular para atingir prestígio de diversos setores da sociedade, especialmente do mundo dos negócios” (RIBEIRO, 2007, p. 226).

Em 1984, outra inovação de Osmar Santos: a utilização de dois comentaristas em um jogo. O teste foi feito no duelo entre Santos e Corinthians e, com isso, Osmar queria que cada um fosse o responsável por um dos times. Os comentaristas foram Loureiro, pelo Corinthians e Aymard, pelo Santos e o narrador pediu: “agora, durante toda a semana, vocês vão ter e acompanhar os treinos de cada time, levantar informações sobre todos os jogadores, para saber direitinho o que falar” (apud

MATTIUSI, 2004, p. 177). Dessa forma Osmar queria um melhor preparo dos comentaristas, queria um maior envolvimento com os torcedores.

E por falar em envolvimento... Osmar passou a mandar abraços para os famosos, mesmo sem conhecê-los. Tudo começou com seu esforço para se formar em duas faculdades. Por conta do trabalho, Osmar viajava muito e faltava diversas aulas; para não ser reprovado, ele começou a falar o nome de seus professores no ar, mandando abraços, “massageando o ego” (jargão usado por ele quando saía um gol) dos docentes. Mas, foi alertado para falar o nome de outras pessoas⁶, as personalidades: “e Osmar começou a falar nomes de anunciantes, publicitários, jornalistas, artistas, personalidades que descobria nas revistas. Ser citado numa transmissão por ele passou a ser *status* de fama” (MATTIUSI, 2004, p. 135).

Fazendo isso, Osmar popularizou nomes, ganhou amizades como o de Washington Olivetto: “ele foi a grande agência de propaganda do meu trabalho. Afinal, mesmo já sendo um dos publicitários mais premiados do mundo, foi através das citações do Osmar que o meu nome se popularizou em todas as classes, profissionais e empresariais” (apud MATTIUSI, 2004, p. 136). E, com isso, trouxe retorno às rádios onde trabalhou:

Na verdade, sua tática era simples, como simples são as grandes ideias. Ele apenas usava o poder de comunicação do próprio rádio. Seu método: citar as pessoas que queria conhecer em suas transmissões. A maioria sequer tinha o hábito de ouvir o rádio. Mas sempre tinham um conhecido, um funcionário, um amigo, o porteiro, o zelador do prédio, até o vizinho, que ouvia. Ouvia e comentava. Lisonjeados, as personalidades citadas acabavam por virar nossos ouvintes, e daí para se transformarem em parceiros de bons negócios era apenas questão de tempo (MATTIUSI, 2004, p. 152-153).

⁶Osmar ao mandar abraços para pessoas não famosas foi alertado para mandar abraços para os famosos também, dizem ter sido seu irmão Oscar Ulisses (mas Oscar não confirma nenhuma informação que revele suas ideias e influências no trabalho de Osmar): ‘você tem que falar outros nomes além do professores’ (MATTIUSI, 2004, p. 135).

Assim, a figura de Osmar ganha destaque, sua imagem já significava retorno. Com pouco tempo de trabalho, Osmar já se igualava, por exemplo, à Fiori Gigliotti, outro grande locutor esportivo, como conta outro publicitário, Francisco Roberto Soriani: “Fiori Gigliotti e Osmar Santos são locutores que realmente garantem esse retorno. Eles têm ótima imagem publicitária, isto é, eles significam bons investimentos” (apud SOARES, 1994, p. 97). E, desse modo, Osmar consegue os mais diferentes patrocínios:

Sua tática era tão infalível que suas equipes foram patrocinadas por empresas e produtos diferenciados, como carros, planos de saúde, viagens, alimentos, apartamentos, material esportivo, aparelhos de som, lâminas de barbear e serviços bancários – cartões de crédito, cheque especial e poupança. Ele cativava tanto os empresários e seus executivos que sua lista de admiradores e parceiros parecia uma filial da ONU, representada pelos italianos da Parmalat, os portugueses da Transmontano, os judeus das Lojas Marisa, os árabes da confecção Raffy, os chineses do Moinho Pacífico, os holandeses da Phillips, os japoneses da Sanyo, os americanos da Gillete, entre outros (MATTIUSI, 2004, p. 153).

4.2.2 – Os recursos de linguagens de Osmar Santos

Osmar não atraía só patrocínio, cativava também os receptores, usando sua linguagem. E se a linguagem do rádio é diferencial para colocar o receptor mais íntimo do meio, Osmar soube atrair seu público; um dos motivos foi o uso de jargões. Como vimos no capítulo dois, Osmar é um representante da escola conotativa, nas transmissões esportivas, cada jogada, a bola, o jogador, recebem nomes diferentes. Com ele surgiu um grito de gol diferenciado. Um presente do destino, como conta o também locutor Oswaldo Maciel:

Uma história que poucos conhecem [...] é que o famoso grito do ‘Iiiiiii que Gooooooooooooool...’ nasceu de uma cagada dele, uma desatenção. O jogo era Votuporanga e Marília. O Marília estava no ataque; na hora da finalização ele se perdeu e repetiu, uma, duas vezes... ‘Iiiii... Iiiii...’ Mas se recompôs rápido e emendou: ‘Iiiiiii que Gooooooooooooool (apud MATTIUSI, 2004, p. 110).

As expressões usadas por Osmar foram tiradas tanto de livros, como do popular, ou ainda, como no grito de gol, surgiam ao acaso.

Com o tempo, novas frases e apelidos foram enriquecendo ainda mais este vocabulário. Foram contribuições do destino: tá ligeiro que nem quiabo na panela – ele ouviu numa roda da malandragem da escola de samba Camisa Verde e Branca; gírias que surgiram em entrevistas descontraídas: pisou no tomate – que disse foi o cantor e humorista Mussum; sugestões de amigos; salão de festas – foi enviada por Chico Anísio; coisas que ele escutava por aí: parou por quê, por que parou; expressões que ele mesmo criava, garotinho (que ele usava em Marília) ou que retirava dos livros: tudo vale a pena quando a alma não é pequena – parte de um poema de Fernando Pessoa (MATTIUSI, 2004, p. 124).

Ele freqüentava lugares onde pudesse estar mais próximo do povo, assim nasciam frases famosas. Como enaltece Oscar Ulisses:

Buscava frases nos livros, juntava um pedaço aqui, um pedaço ali pra ver se dava. E ouvia as pessoas na rua, nas padarias, nos bailes, e ficava, gostava de ter contato com gente pra ver, com a molecada especialmente pra pegar frases novas. Assistiu um filme do Tom Cruise com, ah..., esqueci o nome do outro ator, um senhor que morreu agora há pouco tempo, Paul Newman, o tal de Paul Newman. Tom Cruise e Paul Newman fizeram um filme que se chamava, acho que era “A cor do dinheiro”, e daí surgiu um animal. O Tom Cruise tava, era um jogador de bilhar, se eu não me engano, e depois de uma partida, ele saiu pela rua gritando “Eu sou um animal, eu sou animal”, Osmar pegou aquilo e botou na transmissão pra chamar os jogadores de animal, aqueles que faziam uma boa jogada. Enfim, ele ficava com a cabeça trabalhando muito em cima dessa criação (ULISSES, 2011, APÊNDICE A, p. 92)

Outras de suas expressões:

Gorduchinha (a bola). Ripa na chulipa (chute a bola). Chirolirolá, chiroliroli (expressão usada para saudar os dribles perto do gol). Garotinho (jogador). No caroço do abacate (quando a bola está no círculo central do campo). Pisou no tomate (desperdiçou a jogada). Capricha garotinho que o placar não é teu (quando o jogo está empatado, ou quando o clube está sendo derrotado e tem uma falta a seu favor). Bambeou mas não caiu, Bambeou mas não caiu, Bambeou mas não caiu (bola na trave). Emendou um canudo (deu um chute forte). Boa bola, bola boa, boa bola, bola boa (para destacar um bom lançamento). Lá vem bola pro tumulto (lançamento alto na área para um grupo de jogadores). Põe lá, que é lá que ela gosta (chute ao gol). Bom, bom de bola (elogio a um jogador que faz boa jogada). Errou na dose (passe muito forte). Massageia o ego da galera (quando o time faz o gol) (SOARES, 1994, p. 72-73).

Além dessas ainda podemos citar: “curtindo amor em terra estranha (quando um jogador estava impedido). É fogo no boné do guarda (ataque perigoso)” (MATTIUSI, 2004, p. 123).

Tantos jargões podem ser justificados pela necessidade de sempre se renovar, como explica o narrador Gilson Ricardo, da rádio Globo Rio:

Os locutores têm que criar esses jargões que isso aí faz parte da gente, você criar uma novidade. Eu por exemplo já fiz vários “Ah, para com isso”, agora é “Meu querido”, às vezes fica cansativo, aí o cara enjoa, aí você vai mudando. Você tem que tá sempre criando, no rádio, você tem que tá sempre inovando. Sempre, mesmo que a idade vá chegando, você tá tendo sempre que criar, porque o ouvinte de rádio muda muito, não é? São aquelas pessoas idosas, vai pro neto, vai pro filho, vai pra num sei quem, isso vai mudando muito, então você tem que seguir o ritmo da vida de hoje. Hoje o mundo é um, há 10 anos atrás era outro, há 20 anos atrás era outro, e daqui a 10 anos será muito mais diferente (RICARDO, 2011, APÊNDICE C, p. 101-102).

Ainda na escola conotativa é comum os jogadores receberem apelidos. E Osmar criou alguns famosos, como Doutor, para o corinthiano Sócrates, que cursava medicina. E ao palmeirense Edmundo, chamado de animal.

Osmar conquistou seu espaço na Pan, mas, em 1974 quando Willy Gonzer foi para uma rádio gaúcha, Osmar não se transformou no locutor número um da rádio, como achava. Joseval Peixoto voltava a trabalhar na emissora, o ídolo do Osmar criança, que antes era imitado, dividia agora espaço com seu pupilo. E como diziam os anúncios da rádio: “quando não é um (Osmar), é outro (Joseval)” (MATTIUSI, 2004, p. 136). E a amizade dos dois cresceu ao ponto de Joseval também se tornar fã de Osmar:

O Osmar sempre disse que começou no rádio me imitando. Eu acho que ele foi mais além. Muitos imitaram o meu estilo e não conseguiram nada. O Osmar, ao contrário, pegou o meu jeito de narrar e acrescentou o seu jeito, evoluiu. A verdade é que, mesmo se eu não existisse, o Osmar seria o grande narrador que sempre foi. Você conhece um grande locutor quando a bola pára. Essa era a minha grande virtude, esta também foi a especialidade do Osmar. Mas tem uma coisa: sempre existiu uma diferença na forma como exploramos os nossos recursos O Osmar sempre foi emoção e bom humor, eu sempre fui bom humor e emoção. Entendeu? (apud MATTIUSI, 2004, p. 137).

Oscar Ulisses concorda. Vê Osmar com heranças de vários locutores, mas, que conseguiu criar bem o seu próprio estilo e formando uma nova escola no rádio esportivo:

Ele herdou um pouco o ar de locutores que ele ouvia, de Joseval Peixoto, do Haroldo Fernandes, e de outros tantos. Esse pessoal mais novo também acabou colocando muito o jeito do Osmar transmitir nas transmissões que tem hoje. Mas, ele foi mais forte, eu acho, do que esses outros que eu citei por conta da criação dele. Ele tomou conta, e esse pessoal mais novo que faz rádio hoje, eu acho que pegou muito do Osmar. Não todo mundo, mas eu acho que a maioria (ULISSES, 2011, APÊNDICE A, p. 89)

Na copa de 1974 o Brasil perdeu para a Holanda; depois, na disputa do terceiro lugar, mais uma derrota, a Polônia ganha e fica na frente do Brasil. Mas, “se aquela não foi a Copa [...] do Brasil, foi a Copa de Osmar. Além da audiência, do prestígio, garantiu a conquista definitiva do título de ‘Pai da Matéria’” (MATTIUSI, 2004, p. 135).

O caminho de sucesso estava consolidado e, nele, Osmar se tornou o narrador que qualquer emissora queria ter em seu time. “Após cinco anos na Pan, em 1977, Osmar era isso: sinônimo de audiência, prestígio e faturamento; enfim, a atração ideal para qualquer rádio, o profissional que todos os empresários do setor gostariam de contratar” (MATTIUSI, 2004, p. 153).

E foi isso que a Jovem Pan começou a sofrer: investimento de outras emissoras, o talento de Osmar valia muito e a Globo sabia disso.

4.2.3 Rádio Globo: a confirmação de Osmar

A Globo, em 1977 sofreu uma reformulação. A emissora possuía duas rádios em São Paulo: a Nacional e a Excelsior. A segunda, conhecida como a rádio rock, perdeu público para a Jovem Pan e para as novas rádios que surgiam na frequência FM. Já a Nacional que tinha uma equipe de esportes, chefiada por Pedro Luiz até 1974, não transmitia uma partida de futebol desde sua aposentadoria. A rádio, junto com seus funcionários, foi se acomodando e perdeu ibope.

Dessa maneira a diretoria geral resolveu fazer uma reformulação em uma delas: a Nacional mudou de nome: chamaria, a partir de 1977, Rádio Globo. Um dos principais setores que evoluíram foi o jornalismo: teve sua renda triplicada. De quebra o jornalismo esportivo cresceu e a principal contratação foi a de Osmar (MATTIUSI, 2004, p. 154).

Mas, essa contratação não foi tão fácil, quanto parecia. O salário de Osmar na Pan era de 25 mil cruzeiros por mês; a Globo pagaria 275 mil a mais. “A proposta da Globo era incomparável. Entre salário e comissão pelo faturamento, ele poderia receber até 300 mil cruzeiros por mês (doze vezes mais). A Pan reluto, relutou, mas acabou cobrindo a proposta” (MATTIUSI, 2004, p. 155). Osmar desejou então permanecer na Pan. Mas, para a Globo “o faturamento só aumentaria se aumentasse a audiência nas classes A/B. E o preferido das classes A/B era Osmar” (MATTIUSI, 2004, p. 156); a disputa então continuava. O dinheiro que a Globo poderia receber de patrocínio conquistando as classes da elite aumentaria o faturamento da emissora e só Osmar Santos, querido por todo tipo de gente poderia alcançar o objetivo da emissora. Então a Globo fez uma proposta diferente para o narrador.

O que levou Osmar a se decidir pela Globo, no entanto, não foi o dinheiro. A proposta ia mais além, ele “seria o diretor de esportes e teria autonomia para contratar a equipe que quisesse, além da independência para definir o que e como os programas e as transmissões iriam ao ar” (MATTIUSI, 2004, p. 157). A Pan poderia até cobrir a oferta financeira, como fez, mas, Tuta jamais deixaria de ser o diretor de esportes. Logo, Osmar decidiu-se pela Globo e começou a ajudar na reformulação que pretendiam os mandatários da emissora, como ele mesmo relata:

O que me fez mudar foi a certeza que a mudança ia abrir uma concorrência, que ia ocasionar uma transformação na história do rádio em São Paulo. Além do dinheiro, a Globo me permitia tentar subir o nível do rádio esportivo. Por isso, fui buscar profissionais na imprensa escrita. O nível dos profissionais de jornal sempre foi superior aos de rádio (apud MATTIUSI, 2004, p. 167).

A equipe começou a ser formada. O principal nome era o de Édison Scatamachia, do Jornal da Tarde. Fausto Silva também foi contratado. Washington Olivetto fez a campanha publicitária de sua estreia: “Imita o Osmar aí!” (MATTIUSI, 2004, p. 168). O que o deixava preocupado era o baixo valor direcionado para as vinhetas.

Quando foi discutir as verbas para a criação de vinhetas, temas de abertura, da hora do gol; quando quis saber quanto poderia gastar na campanha publicitária de sua estreia, Osmar descobriu a outra face daquele casamento que tinha se anunciado como união ideal: o velho Abreu (sempre ele) [diretor da Globo SP, desde a época da Nacional e da Excelsior, nunca concordou totalmente com a reformulação, preferia contratar Joseval à Osmar, por economia] disse que não tinha dinheiro para essas coisas, não! (MATTIUSI, 2004, p. 168).

Preocupação era o que não faltava para Osmar, “afinal, sua marca, suas transmissões eram ponteadas com vinhetas sonoras e efeitos eletrônicos”, conta o jornalista Marco Antônio Gomes (apud MATTIUSI, 2004, p. 168). Além de ser uma marca nas transmissões de Osmar, os recursos eletrônicos ajudam a prender a atenção dos ouvintes, como vimos:

Quase ninguém fica o tempo todo com o ouvido colado no rádio. O rádio fica ligado, mas não se acompanha lance por lance. E é aí que funciona o sinal eletrônico. Quando apitinho rompia no ar, os ouvidos logo sintonizam nele. Ficava-se sabendo, assim, quanto estava o jogo ou quem marcou o gol, quem foi expulso, qual o lance discutível (GUERRA, 2000, p. 37).

A sonoplastia, junto com a linguagem, ajudam a formar o estilo de cada narrador, e estilo conquista mercado e ouvintes.

Amplie seu raio de ação no mercado de trabalho e ganhe mais espaço no meio, procurando desenvolver vários estilos de locução [...]. Descubra-se, tente todos os estilos que quiser, mas descubra-se [...]. Mas não se esqueça: não imite, seja você mesmo (CÉSAR, 2009, p. 133).

Por isso Osmar estava tão preocupado com sua sonoplastia. Na Pan ele tinha uma música para a hora do gol: “é gol, que felicidade, é gol, o meu time é alegria da cidade”, ele tinha que ser “ele mesmo” novamente na Globo. Dois amigos, Jair Brito

e Sérgio de Sousa resolveram ajudar, revela Jair: “foi aí que resolvi usar o tema do canal 100 e escrevi a letra junto com Sérgio de Sousa: que bonito é... as bandeiras tremulando. Foi um achado” (apud MATTIUSI, 2004, p. 169). Os dois não cobraram pela letra, nem pelos direitos. Tudo foi se acertando e a estreia de Osmar se aproximava.

Apesar de todos os problemas, os prazos eram cumpridos, para que a grande estréia de Osmar no novo prefixo acontecesse junto com as finais do campeonato paulista, que teria o Corinthians tentando, 23 anos depois, a conquista do título em cima da Ponte Preta. Pela primeira vez na história do rádio esportivo, duas transmissões piloto, como se fossem ao vivo, com a participação de toda a equipe, foram realizadas. Foi no dia 2 de setembro, São Paulo e Corinthians (MATTIUSI, 2004, p. 169).

Osmar e sua equipe se saíram bem. Quando locutor, Osmar apresentava um só problema: nas partidas que passavam nervosismo, o “Pai da Matéria”, se apresentava rouco. “A voz sofre influência de hormônios e de nossas emoções. É comum que pessoas que estão muito tristes ou nervosas fiquem roucas” (CÉSAR, 2009, p. 73).

A estréia oficial de Osmar na Globo foi no dia 5 de outubro de 1977, no primeiro dos três jogos da final do Campeonato Paulista entre Corinthians e Ponte [Preta]. Foi 1 a 0 para o Corinthians, com gol de Palhinha. Naquele dia, Osmar deu um susto em todo mundo: acordou rouco. Mas, na hora do jogo, lá estava ele, nervoso a ponto de falar na abertura o nome da Pan em vez de Globo (MATTIUSI, 2004, p. 170).

Aquele jogo foi normal. No segundo, também nenhuma surpresa. A ponte saiu vitoriosa e o terceiro jogo estava marcado para o dia 13 de outubro. “Foi uma superprodução” (MATTIUSI, 2004, p. 170).

A Globo, numa ideia genial de Carlito Maia, fazia uma campanha na televisão: O Corinthians vai ser campeão, a Globo garante – na verdade, as chamadas se referiam a um campeonato entre todos os times de várzea chamados Corinthians de São Paulo. Édison resolveu encampar a promoção. E convidou para ficar no estúdio, participando da transmissão do Osmar, todas as esposas e namoradas dos jogadores do Corinthians. Só Corinthians, nada de Ponte. Esta ideia acabou levando para os estúdios da rádio repórteres dos mais variados veículos de comunicação da cidade. Ou seja: aquela transmissão foi notícia até na programação dos seus concorrentes (MATTIUSI, 2004, p. 170-171).

Nessa transmissão com emoção e vibração, foi que o palmeirense Osmar conquistou a torcida do Corinthians. Há 23 anos sem um título, o Timão conquistou o campeonato paulista de 1977, sobre a Ponte Preta, título que Osmar narrou assim:

Infração para o coringão. Zé Maria pede passagem. Trinta e seis minutos, tempo de jogo. Capricha garotão... capricha que o placar não é teu. Eu boto fé nessa cabecinha, garotão Zé Maria. Tá autorizado. Vai chover lá na boca da botija. Barreira com dois homens... Correndo pro pedaço Zé Maria. Confusão na boca do gol. Tentou Basílio de cabeça, na trave... Basílio de novo... o zagueiro... Ih... quiiii.....gooooooooooooool! Coringão na frente, olha o espetáculo, olha a emoção e a motivação. Olha a festa no Brasil. Você enche de lágrimas os olhos deste povo. Você enche de felicidade o coração dessa gente. Corinthians, um grito sufocado de um povo, um grito do fundo do coração de um torcedor, depois de vinte anos a fiel está explodindo. Vinte e dois... vinte e três... anos, na cabeça desse povo, tumultuando meu povo... Você vem da imagem do sorriso de felicidade... Tem que ter festa alvinegra, tem que comemorar essa cidade com paixão e loucura, hoje é o verdadeiro dia do povo, dia de dançar alegria e ser feliz. Hoje, mais do que nunca, a cidade é do povo. Hoje, a festa é do povo. Basílio... Basílio... Trinta e sete minutos do segundo tempo. Doce mistério da vida, esse Corinthians. Inexplicável Corinthians, vai buscar a alegria no fundo da alma do povo. Coringão, Basílio, Basílio, Basílio garoto, o coração do povo está estremecendo, o Morumbi se agiganta na festa, estão tremulando, tremulando, tremulando as bandeiras alvinegras, o branco-e-preto se transforma no maior colorido, o maior espetáculo do povo (MATTIUSI, 2004, p. 35).

Esse jogo não é o único exemplo de como Osmar levava aos seus ouvintes a emoção de uma partida de futebol. Em 1976, Fluminense e Corinthians se enfrentaram nas semi-finais do campeonato brasileiro, o jogo era no Maracanã, mas quem estava em casa era o time paulista. Foi uma verdadeira invasão de torcedores do Timão, 70 mil pagantes. Juca Kfourri, jornalista declaradamente corinthiano não era um dos “invasores”, estava dirigindo na hora do jogo e conta a emoção que sentiu com a narração de Osmar Santos, paulista, narrando para São Paulo, fez uma locução bairrista:

Em 1976, eu tinha 26 anos, dois filhos e trabalhava na Placar [revista sobre futebol da editora Abril]. Estava indo para a revista, escutando, no rádio do carro, o fim daquele Corinthians e Fluminense, quando mais de setenta mil torcedores invadiram o Rio de Janeiro, lotaram o Maracanã. Apesar da chuva, o Timão dava um show de bola. Aqui, em São Paulo, também chovia o que Deus mandava. E eis que o Osmar começa a se derramar, declarar aquelas coisas que só ele fazia direito – o que será que me dá, Corinthians, que me envolve, que me comove, que me alucina – ah! Quando percebi, as lágrimas caíam, minha vista ficou embaçada, não conseguia controlar o carro direito; tive que parar no acostamento para e acalmar (apud MATTIUSI, 2004, p. 172).

Essa característica que se destaca na trajetória de Osmar é repercutida por seu irmão, que acredita ser possível uma narração sem emoção mas, o jogo perde a graça, analisa Oscar Ulisses (narrador da rádio Globo-SP):

É possível, eu acho que fica meio sem graça, mas, é possível. Depende de cada um. O locutor esportivo tem o lado jornalístico onde ele faz a função de informar o que acontece. Mas, ele tem um jeito de fazer isso daí, que é um jeito muito emotivo mesmo, então eu não vejo nenhum locutor só levar a informação, o que existe é pegar o ouvinte pelo lado emocional mesmo, é isso que funciona, essa é a cultura que foi desenvolvida no rádio esportivo brasileiro (ULISSES, 2011, APÊNDICE A, p. 90).

E o Osmar Santos usava muita emoção, conquistava o ouvinte de uma maneira que cativava:

Com experiência em narração esportiva pelo rádio e pela TV, Osmar consegue mesmo envolver o ouvinte é com a irradiação radiofônica. Ele afirma que uma de suas características é tentar unir o lado jornalístico com o artístico durante a irradiação esportiva. A emoção e a vibração são os ingredientes básicos do seu show para segurar o ouvinte. (SOARES, 1994, p. 72).

Para o jornalista esportivo Ricardo Perrone, do portal Globo.com, futebol e emoção andam lado a lado, sendo impossível analisar uma partida sem focar no que você gosta:

Você falar que na sua análise não tem uma boa dose do que você gosta e do que você não gosta, não, isso não! É possível eu chegar no final do jogo e esquecer que sou são-paulino e analisar o jogo, mas não é possível eu escrever sobre 22 atletas que estiveram no jogo e não prestar mais atenção, por exemplo, naqueles que eu gosto mais, sempre tem um lado pessoal, sempre tem uma dose de paixão de preferência, de gosto... futebol é movido por paixão, no dia que for possível separar isso, acabou (PERRONE, APÊNDICE D, p. 105).

Nessa, que foi a sua primeira passagem pela Globo, Osmar participou de duas Copas do Mundo. A de 1978 (na Argentina, com o time da casa campeão) foi a “maior e mais completa cobertura que o rádio já fez de um mundial. A Globo de São Paulo falava 24 horas por dia da Argentina” (MATTIUSI, 2004, p. 180). Tinham repórteres cobrindo a seleção e os adversários, além dos jornalistas responsáveis pela política e o dia a dia do país.

Mas, foi na Copa de 1982 (Na Espanha; Itália campeã) que Osmar se consagrou na Globo. Ele conseguiu, pela primeira vez em vinte anos, tirar o primeiro lugar da Bandeirantes.

Pela primeira vez, suas transmissões pela Rádio Globo conquistaram o primeiro lugar de audiência, quebrando uma hegemonia de duas décadas da rádio Bandeirantes. Segundo pesquisas do Ibope, até a Copa da Espanha, a divisão de audiência entre as duas rádios tinha significativa diferença de 73% para a Bandeirantes e 27% para a Globo. [...] A partir da Copa de 1982, ainda segundo o Ibope, as transmissões de Osmar passaram a ter média de 66% da preferência popular (MATTIUSI, 2004, p. 234).

Já na Copa de 1986, Osmar foi trabalhar pela TV Globo, como veremos mais a frente. Esse ano, também fora o último dessa sua primeira passagem pela Globo, em 1987 a rádio Record o contrata. Porém, antes de analisarmos o trabalho de Osmar na Record, analisaremos um programa de Osmar, ainda na Globo, que fizera muito sucesso.

4.2.3.1 *Balancê: entra na roda*

Mais do que um esportista, Osmar sabia que o rádio também deveria informar e entreter. E, com essas finalidades surgia, em abril de 1980, na rádio Excelsior, o Balancê, que “embora baseado em esporte, tinha também música, notícias, entrevistas, debates e bastante humor” (SOARES, 1994, p. 85). O programa ia ao ar de segunda a sexta-feira, do meio dia às 13 horas e 30 minutos.

Além de Osmar o programa era apresentado por Juarez Soares, “tinha o suporte do trio de humoristas e imitadores Odair Batista, Nélon Tatá Alexandre e Carlos Roberto Escova” (MATTIUSI, 2004, p. 198). Fausto Silva, o Faustão, trabalhava como jornalista esportivo e no programa “se revelou como animador de auditório” (SOARES, 1994, p. 85). Contava também com os repórteres Castilho de Andrade, Hélio Alcântara e Yara Perez, que acumulava a função de produtora e que teve no Balancê o melhor projeto de sua vida.

O que mais admiro no Osmar é a liberdade de criação que ele dá para sua equipe. Nos quase dez anos que trabalhamos juntos – no Balancê e depois na rede Manchete –, ele nunca se intrometeu nas pautas, nas nossas ideias, nunca censurou nada. A gente podia criar à vontade. O Balancê foi o projeto que eu mais gostei de fazer na minha vida. Não só por causa da liberdade, como pelo ambiente da equipe. Cada programa era uma festa. Nunca vi um dia sequer em que alguém da equipe conseguisse ficar mal-humorado (apud MATTIUSI, 2004, p. 199).

Também na produção do programa, trabalhava Luís Carlos de Jesus. Chico Vieira como chefe da técnica. E foi o Chico quem descobriu João Antônio de Souza, o Johnny Black, considerado o inventor da charge no rádio (MATTIUSI, 2004, p. 200).

Através das músicas que ele escolhia, Johnny ilustrava de forma crítica ou bem humorada o que se discutia no programa. Daí, se enfiava na discoteca [...] separava os LPs que ia usar [...]. Algumas de suas vítimas: Paulo Maluf se declarou democrata e ouviu uma confissão acompanhada da música Pega na Mentira, de Erasmo Carlos; Fernando Henrique Cardoso usou termos de um português rebuscado e não segurou o riso quando escutou Dóris Monteiro cantando Pra que tanta pose, doutor (MATTIUSI, 2004, p. 200).

Porém, o Balancê não era só política. O trio de humoristas faziam paródias das novelas da Globo, imitando seus personagens. Parodiavam também o Papa, políticos, cantores e jogadores de futebol. Além da música, grande atração do programa:

Todos os grandes ídolos da música brasileira ou estiveram presentes no estúdio ou participaram do programa pelo telefone. E sempre cantaram. Ao vivo. Foi assim com Roberto Carlos, Gal Costa, Néelson Gonçalves, Milton Nascimento, Toquinho, Caetano Veloso e muitos outros [...] O Balancê era assim: humor, música e informação pura, diferente, criativa (MATTIUSI, 2004, p. 205-206).

O programa ficou cerca de oito anos no Sistema Globo/Excelsior e tinha como slogan “Na roda do Balancê, só entra quem tem alguma coisa importante pra dizer” (MATTIUSI, 2004, p. 198). Para o diretor artístico, Francisco Paes e Barros

O Balancê [...] foi sem dúvida um dos programas mais importantes da história do rádio. Com ele, a rádio Excelsior passou a ser uma porta de entrada daquele Brasil novo, por onde passaram políticos que estavam exilados, sindicalistas, artistas, enfim, toda a sociedade que tinha, finalmente um canal de divulgação de suas ideias, um canal democrático, independente de credo, raça ou posição política (apud MATTIUSI, 2004, p. 208).

Quando Osmar saiu da Globo e foi para a Record o programa foi junto; em 1988, estreava na rádio Gazeta: “como a Record e a Gazeta tinham um acordo

operacional, as duas emissoras faziam um *pool* durante as transmissões esportivas” (SOARES, 1994, p. 85).

4.3 RÁDIO RECORD

A Record, antes uma consagrada rede de rádio e televisão, era uma empresa permanentemente em crise. O grupo conhecido como Rede de Emissoras Unidas, começou a ser formado pelo empresário Paulo Machado de Carvalho na década de 1940 [...]. Paulo Machado de Carvalho, um amante de futebol, torcedor do São Paulo, trocou a carreira de empresário pela de dirigente esportivo (MATTIUSI, 2004, p. 238).

Dois de seus três filhos se tornaram os responsáveis pela Record (o terceiro era Tuta, que ficou, por um acordo entre os três, sozinho na Jovem Pan). E, se o pai era um exímio empresário, os filhos viram o fracasso e, em inúmeras tentativas, não conseguiram impedir a venda da rede para o Bispo da Igreja Universal, Edir Macedo. Silvio Santos, que tinha parte das ações da Record, saiu para montar o SBT, mas, muitos homens que o ajudavam na antiga emissora por lá permaneceram e voltaram sua artilharia para o rádio.

Primeiro tiro: contrataram o diretor-geral, Francisco Paes de Barros. Tiro certo. Chico, um mestre do rádio popular, contratou comunicadores de audiência garantida junto ao povão, montando uma programação de jornalismo policial, histórias de amores mal resolvidos, dramas familiares, música que era tachada de brega e futebol. Foi aí que entrou o Osmar (MATTIUSI, 2004, p. 240).

Em pouco tempo conseguiu o primeiro lugar. Na final do campeonato paulista do ano de 1987, a liderança do Ibope era da Record, com Osmar. Ele ampliou a parceria com a Gazeta “contratou novos profissionais e o rádio esportivo de São Paulo nunca teve uma programação tão extensa e lucrativa realizada pela mesma equipe” (MATTIUSI, 2004, p. 242).

Osmar ia bem na Record, mas...

Edir Macedo e sua Igreja Universal é que não iam tão bem. Surgiram problemas com a Receita Federal, brigas internas entre os 'bispos', confusões que resultaram em seguidas trocas de diretores, cortes de orçamentos e atitudes nem um pouco honestas ou éticas. Osmar e toda a equipe tiveram os contratos rompidos sem maiores explicações e só conseguiram receber seus direitos na justiça (MATTIUSI, 2004, p. 243-244).

Assim, as portas de outras emissoras se abriam para Osmar e sua volta para a Globo foi sacramentada em 1992.

4.4 VALE A PENA VER DE NOVO: A VOLTA DE OSMAR PARA A GLOBO

Apesar de toda luta por melhores profissionais, Ibope, idas e vindas, Osmar sempre se relacionou bem com seus colegas de emissora, seja qual for.

De fato a concorrência no rádio precisa existir; aliás, quem ganha com ela é o próprio ouvinte. No entanto, devemos fazer que essa concorrência exista somente da antena para cima, pois, da antena para baixo somos o rádio, e precisamos estar unidos para disputar o melhor espaço no mercado publicitário (CÉSAR, 2009, p. 285).

E assim, querido na Globo, que Osmar conseguiu de novo trabalhar na emissora em 1992, agora ao lado do seu irmão Oscar Ulisses. Os dois tinham grande amizade, como relata Rosa Maria, ex-mulher de Osmar: “no começo, cheguei a sentir ciúmes mesmo. O Osmar dava mais atenção para ele do que para todo mundo. Com o tempo, fui entendendo o amor que existia entre eles, que para mim passou a ser o mais puro exemplo de amizade” (apud MATTIUSI, 2004, p. 245). Mais que amigo, Osmar é um exemplo para Oscar:

Ele me arrastou pro rádio, como fez com outros tantos que estavam em volta dele. O Osmar tinha uma característica parecida com a do hipocondríaco, com relação a remédio: num basta o cara tomar remédio, ele toma remédio e força quem tá em volta tomar remédio também, fica passando receita. O Osmar fazia um pouco isso com o rádio, não bastava ele estar no rádio, os amigos dele tinham que ir pro rádio, ele ficava arrastando. Quando moleque ele fazia isso, e assim ele levou um monte lá pro rádio. Lá em Marília então, nem sei quantos. E eu estava na sala, sempre junto com ele, sempre gostei muito do Osmar, sempre nos demos muito bem, então tava sempre no rádio, então ele é responsável por isso, e é gostoso, você pega gosto, então ficou mais fácil pra mim o rádio (ULISSES, 2011, APÊNDICE A, p. 96).

A volta de Osmar trouxe retorno imediato para a rádio Globo. “Osmar garantiu para a rádio Globo a liderança absoluta no esporte. Os números do Ibope superavam os 50%, marca que não deixava dúvida: a Globo tinha mais audiência que todas as outras emissoras juntas” (MATTIUSI, 2004, p. 246).

Osmar ainda está na Globo mesmo após o acidente, em 1994. Não narra mais, tem problemas na fala, como vamos ver no sub item final deste capítulo mas, seu contrato com a Globo permanece ativo e, mais que isso, a emissora promove uma campanha para homenagear Osmar. Nas Copas do Mundo, a bola sempre ganha um nome, referente ao país sede. A ideia é a de colocar o nome da bola, em 2014, de Gorduchinha , surgiu através do seu executivo de contas Delen Bueno Paques e a emissora abraçou a causa:

Eu queria homenagear o Osmar há muitos anos. Eu acho que essa homenagem vem até um pouco tarde, porque eu gostaria de homenageá-lo desde 94, e só tive a felicidade de voltar a trabalhar com ele em 2008. E aí, em dezembro do ano passado, eu estava almoçando com o Osmar e falei com ele: ‘Osmar, vamos colocar o nome da bola de Gorduchinha no lugar da Jabulani?’. Osmar na hora topou. Cheguei na rádio, contei pra Mariângela Ribeiro, que trabalha comigo aqui na Rádio Globo, e o André Voltareli, e os dois na hora criaram um facebook da Gorduchinha e uma página no twitter. Quando foi dia 28 de julho desse ano, o Osmar completou 62 anos, teve um evento na casa da fazenda do Morumbi, e lá eu divulguei que nós estaríamos lançando a Campanha Gorduchinha 2014. É uma campanha feita por nós, amigos do Osmar. A Rádio Globo também é uma das apoiadoras, rádios do Brasil todo estão apoiando, porque o Osmar tá acima de tudo isso, o Osmar não é de uma instituição só. O Osmar é um homem do povo, por isso que o povo tá abraçando a campanha. Então, o nosso objetivo é fazer com que a campanha cresça cada dia até que chegue na marca que vai fazer a bola, e eles queiram colocar o nome de Gorduchinha no lugar da Jabulani. Já saiu matéria dizendo que pode ser que a detentora da bola faça uma campanha pedindo pro público escolher o nome da bola, então a Gorduchinha já começa a despontar aí. (PAQUES, 2011, APÊNDICE B, p. 99).

A revista *Exame* lançou na rede social *Facebook* uma pesquisa sobre o nome da bola e, por enquanto, o público aprova Gorduchinha.

4.5 O OSMAR DA TV

Osmar, quando estava na Globo descobriu uma nova vontade: ser narrador de TV. Em 1982, o “Pai da Matéria” vai bem durante a Copa do Mundo e a Globo se interessa por ele também para a televisão, por hora sem narrar, apenas apresentando programas, como o Globo Esporte.

O prestígio da boa audiência não foi a única notícia boa para o Osmar depois daquela Copa. A TV Globo voltou a se interessar pelo seu talento. Ele começou a apresentar o programa Globo Esporte e ganhou um quadro como comentarista do Jornal da Globo (MATTIUSI, 2004, p. 235).

Nessa época, Osmar passou a fazer algumas transmissões. Não começou com o futebol, mas sim com a corrida de rua mais tradicional do país. A São Silvestre de 1983 “foi antologia. A partir de 1984, Osmar já podia ser considerado um profissional de rádio e de televisão” (MATTIUSI, 2004, p. 235).

Com o prestígio vieram mais trabalhos e, em março daquele ano, Osmar estreia com um programa diferente, o Guerra dos Sexos. Porém, alguns problemas não fizeram o programa decolar. No entanto, as adversidades não estragaram a carreira de Osmar, como conta Boni, diretor geral da TV Globo: “o programa era mal concebido e mal realizado. Mesmo assim o Osmar conseguiu salvar-se da armadilha” (apud MATTIUSI, 2004, p. 236).

As Olimpíadas de 84 tiveram a assinatura de Osmar. Ele narrou algumas medalhas de ouro e prata do Brasil, como, por exemplo, o ouro de Joaquim Cruz na corrida de 1500 metros. O diretor executivo de esportes da Globo, Marco Antonio Mora, acreditava que Osmar ainda possuía muito das suas características do rádio:

Ele tinha carisma, empatia com o público, era bem-humorado, mas a verdade é que ainda não estava preparado para a televisão. Ele narrava como se estivesse no rádio, atropelava as palavras, errava demais o nome dos atletas estrangeiros. A narração da televisão tem que ser mais descritiva e não discursiva, como no rádio, como ele estava acostumado a transmitir (apud MATTIUSI, 2004, p.236).

E a grande chance de Osmar veio em 1986, em uma Copa do Mundo, a do México, na qual a Argentina fora bicampeã. Ele seria o locutor principal da TV Globo. Mas, a sorte não estava com Osmar, como conta Marco A. Mora:

Ele sabia que aquela era a sua grande oportunidade. E se preparou como nunca. Estudou o estilo dos concorrentes, começou a se policiar para não levar os vícios do rádio para a TV e organizou um verdadeiro banco de informações sobre todas as seleções da Copa. Pena! Todo esse esforço não serviu para nada. Quando chegou ao México, ele teve uma crise de hemorróidas, ficou quase todo o tempo em tratamento no hotel e, nas poucas vezes que conseguiu trabalhar, não rendeu o que se esperava (apud MATTIUSI, 2004, p. 237).

Como vimos, dois anos depois Osmar saiu da Globo para ir para a Rádio Record mas, não perdeu o desejo de trabalhar na TV e assinou também com a TV Manchete.

Ganhou o programa Osmar Santos Show. “A impressão que ele me dava é que, no meio do palco, com o público em cima, ele se sentia como num campo de futebol”, revela Nilton Travesso, executivo que deixou a Globo para também trabalhar na Manchete (apud MATTIUSI, 2004, p. 240). Mas, mesmo assim, o programa foi um fracasso. “O programa da Manchete, na verdade, foi mais uma frustração televisiva na vida profissional de Osmar. Faltaram recursos, uma produção mais criativa e o próprio Osmar se sentiu aliviado quando o programa saiu do ar” (MATTIUSI, 2004, p. 241). A Manchete seguiu com uma sucessão de erros e Osmar deixou a emissora.

Trabalhando na rádio Record, Osmar galgou até alcançar a TV daquela rede. E conseguiu. Aos domingos à noite, o “Pai da Matéria” apresentava o Esporte Debate. Quando o bispo Edir Macedo comprou a TV, Osmar passou a apresentar o *Sport Shopping Show*.

Osmar, sua equipe e o *Sport Shopping Show* tiveram uma vida um pouco mais longa na TV Record. Um mês de preparação e sete meses no ar. O cenário do programa reproduzia a praça de um *shopping* com pequenas lojas exibindo os produtos dos patrocinadores, cercados por mesas e cadeiras, onde se acomodavam os convidados. Nas seis horas de programa, Osmar ficava de pé, entrevistando, fazendo as menções de *merchandising* (MATTIUSI, 2004, p. 243).

Outra TV que, por problemas se desfez de Osmar. Voltando a trabalhar na rádio Globo, ele não perdia o desejo de se destacar na TV. A Manchete foi, novamente, sua casa, dessa vez com a ajuda de José Francisco Coelho Leal, o Quico. Ele montou a SportPromotion que se aproximou e associou-se ao Osmar; juntos, eles fizeram A Grande Jogada com a emissora.

Superando greves, enfrentando a milionária concorrência da TV Globo, que investia cada vez mais no esporte, lutando para recuperar patrocinadores, que perdiam a confiança diante das sucessivas crises da emissora, o projeto com a Manchete foi se mantendo até aquele dezembro de 1994 [quando Osmar sofreu o acidente] (MATTIUSI, 2004, p. 247).

Osmar narrou jogos pelas emissoras que trabalhou, não era o mesmo da rádio, como acredita Oscar Ulisses: “No rádio ele era mais criativo ainda, na televisão ele ficou um pouco limitado. Eu gostava dele na TV, mas, no rádio eu acho que ele foi imbatível” (ULISSES, 2011, APÊNDICE A, p. 93). Oscar analisa a diferença de narrar no rádio e na TV:

Eu acho que tem bastante diferença. O rádio você tem que fazer tudo. Você tem que criar na cabeça de quem tá ouvindo a imagem do que tá acontecendo lá no campo. Você tem que levar aquilo que tá acontecendo, tentar botar aquilo na cabeça do cara que tá ouvindo, da pessoa que tá ouvindo, da mulher, do homem. Na televisão não, na televisão você só acrescenta, você só dá informação, o cara já tá vendo, você tenta colocar ali um a pitada de emoção. Seria a grosso modo, numa analogia grossa mesmo, se você pra fazer uma refeição, servir uma refeição, no rádio você tem que fazer tudo, botar água pra ferver, botar o feijão, cozinhar o feijão; e, na televisão, você só põe o tempero, a comida já tá pronta, você só põe o sal. Se botar de mais, não tem quem agüenta, se botar de menos, também fica chato, então tem que achar a medida certa (ULISSES, 2011, APÊNDICE A, p. 92-93).

Mas, não só de rádio e televisão viveu Osmar Santos, ele também utilizou os palanques, com o carisma que tinha alcançou toda uma sociedade que vivia sob a repressão da ditadura.

4.6 O LOCUTOR DAS DIRETAS

“A ironia fina e bem empregada, com informações subtendidas, além de demonstrar sua inteligência, brilho e preparo intelectual, será uma homenagem à sensibilidade e percepção do seu ouvinte” (CÉSAR, 2009, p. 183).

Osmar começou a trabalhar com política pouco antes de gostar de política, em 1967. Ele ainda era estudante, já fazia sucesso na rádio e foi convidado a fazer a locução dos programas do GOL (Grêmio Organizador Liberal), uma das chapas candidatas ao Grêmio estudantil do Instituto Monsenhor Bicudo, escola onde Osmar estudou em Marília. O jornalista Luiz Casadei estudava com Osmar e procurou, naquele ano, sua amizade, mesmo que com algum interesse:

Era época de eleição do grêmio. Duas chapas estavam concorrendo. As duas formadas por estudantes do científico e do colegial. Casadei não concordava com isso. ‘Os estudantes do ginásio eram maioria. Como é que eles não tinham uma chapa?’. E Casadei montou a sua chapa [...] Mas, apesar de ser maioria, Casadei sabia que precisava de uma atração a mais. E Osmar, narrador de futebol, virou pela primeira vez locutor político (MATTIUSI, 2004, p. 107-108).

A chapa GOL perdeu as eleições, mas Osmar tomou gosto pela coisa, como conta Casadei: “tanto que virou apresentador de um grupo que se reunia para fazer música e discutir política, que a gente montou e se chamava Bate Fácil na Viola” (apud MATTIUSI, p. 108).

Em 1975, a ditadura militar cometeu um duro golpe contra o jornalismo, prendeu, torturou e matou Vladimir Herzog⁷.

No domingo, 26 de outubro de 1975, Osmar repetiu seu ritual: acordou, passou por uma banca de jornais e comprou seus jornais (o Estadão e a Folha), tomou café em uma lanchonete. Procurou nas páginas dos jornais alguma informação sobre a morte do jornalista mas, não encontrou uma linha sequer (MATTIUSI, 2004, p. 139). Depois foi para narrar o jogo daquela tarde. No final da partida Osmar procurou o sindicato. “A movimentação daquela diretoria e a mobilização de grande parte da categoria transformaram o assassinato de Vladimir Herzog num marco da luta pela redemocratização do Brasil” (MATTIUSI, 2004, p. 139). Assim, Osmar se sindicalizou. O presidente do sindicato, Audálio Dantas, relembra do Osmar dessa época:

Nós fomos a primeira oposição sindical a ganhar uma eleição no Brasil, após o golpe de 1964. Montamos uma chapa com profissionais que ou poderiam dar uma contribuição para a categoria ou tivessem visibilidade, fossem conhecidos. Não queríamos sindicalistas, carreiristas. Tanto que nenhum participante daquela diretoria continuou na política sindical. Não lembro quem indicou o Osmar, mas lembro – e posso garantir – que ele se dedicou realmente para o sindicato. Participava das reuniões, mesmo exercendo um cargo que não exigia isso (apud MATTIUSI, 2004, p. 140).

Osmar se envolvia tanto, que mesmo durante as irradiações não deixava de criticar a atuação política, relembra Fausto Silva:

Naquela época braba, de censura, quando os jornais, para denunciar as arbitrariedades, publicavam receitas, poemas de Camões, no espaço das matérias que o governo não deixava sair, a gente também fazia a nossa crítica. Por exemplo: o Santos tinha um goleiro chamado País. O jogo nem bem começava e o Osmar já perguntava: ‘Como é que tá o País, Fausto?’. E eu: ‘Tá balançando, o País tá desequilibrado, esse País só sabe jogar pela direita... (apud RIBEIRO, 2007, p. 234).

Faustão completa:

⁷ Vladimir Herzog era o chefe do Departamento de Jornalismo da TV Cultura. Foi morto nas dependências do DOI-Codi em 1975 (<http://www.jornalistasp.org.br/index.php/component/content/article/36-destaque/3428-o-compromisso-dos-jornalistas-com-a-comissao-da-verdade.html>, acesso no dia 15/11/11)

Ele foi o primeiro a acabar com o ranço de que o jornalismo esportivo, principalmente o radialista, era alienado, não dava opinião sobre outros assuntos que não fossem o futebol, não tinha um posicionamento político definido, não sabia nada de economia, até mesmo no campo social. O Osmar foi o primeiro a falar sobre essas coisas. A gente na verdade fazia uma dobradinha, porque... porra! Eu tinha uma formação de jornalismo impresso. E nós também mudamos a mentalidade dos jornalistas esportivos, que, antes em viagens, era só hotel, concentração e zona. Com a gente, era diferente: era hotel, concentração, zona, mas a gente também ia a museus, teatros, shows, etc (apud MATTIUSI, 2004, p.141).

Em 1978, Osmar muda completamente seu estilo político. Aderiu à campanha dos candidatos do MDB e parou de mandar abraços para os representantes da ditadura, como conta Juca Kfourri: “foi só a partir dessa época que ele deixou de mandar abraços em suas transmissões para símbolos da ditadura militar, como o coronel Erasmo Dias⁸, por exemplo” (apud MATTIUSI, 2004, p. 194). E mais, aderiu explicitamente às eleições daquele ano:

E foi através de convite de Eduardo Suplicy que Osmar entrou com tudo nas eleições de 1978. Fez campanha explícita no rádio, nas ruas, apresentando comícios, participando de caminhadas, shows, do corpo a corpo em favor dos candidatos, vitoriosos, por sinal, Eduardo Suplicy (para deputado federal) e a dupla Franco Montoro e Fernando Henrique Cardoso (senador e suplente, pela ordem) (MATTIUSI, 2004, p. 256).

Eduardo Suplicy, que de professor passou a admirar o trabalho político de Osmar, sabia que ele não estava apenas animando um comício: “ele não era um simples animador de comícios. Sabia exatamente que mensagem passar, o que denunciar. Ele acreditava no que fazia. Por isso fazia bem” (apud MATTIUSI, 2004, p. 257).

No ano de 1980, Osmar já trabalhava na Globo, que era acusada de defender a ditadura (MATTIUSI, 2004, p. 195). Mas, aconteceu uma reformulação, saiu o velho Abreu e, o novo diretor geral, era Francisco Paes e Barros. Ele quis mudar essa imagem da Rede Globo e surgiu o Balancê; aqui nós vamos destacar um pouco mais do lado

⁸O coronel Erasmo Dias foi um dos mais ferozes defensores do regime militar. Ele foi comandante do Forte Traipú, na baixada santista, onde centenas de adversários do golpe militar de 1964 foram encarcerados sem o mínimo de respaldo jurídico. Foi, ainda, secretário da segurança pública de São Paulo, quando a Operação Bandeirantes foi criada e o delegado Sérgio Paranhos Fleury mandava mais que o poder judiciário (MATTIUSI, 2004, p. 194).

político do programa.

O Balancê estreou no dia 7 de abril de 1980. Era uma segunda-feira e as atenções de todo o país estavam voltadas para São Paulo, pois, no domingo, uma assembleia monstro no estádio da Vila Euclides, e São Bernardo, tinha decretado a greve dos metalúrgicos do ABC. Ao contrário de outros veículos de comunicação, que só noticiaram o fato sem maiores discussões, quase todo o programa foi dedicado ao assunto. Falaram os líderes da categoria, como Alemão e Jair Menegheli (Lula estava percorrendo as fábricas); falou o advogado do sindicato, Almir Pazzianoto, que, depois de se eleger deputado, rompeu com a categoria; assim como propagaram suas opiniões políticos como Eduardo Suplicy e o senador Teotônio Vilella, que organizava o movimento da anistia (MATTIUSI, 2004, p. 200).

E não foi só na estreia, a greve foi assunto nos dias seguintes.

Osmar conquistou adversários políticos, que durante a luta pela redemocratização uniram forças para acabar com a ditadura, Fernando Henrique Cardoso e Luís Inácio Lula da Silva não escondem o afeto pelo “Locutor das Diretas”:

FHC: “Osmar foi o verdadeiro arauto da democracia do Brasil”;

Lula: “Um companheiro na luta pela redemocratização do país” (2004) ⁹

Em 1982 aconteceu um importante passo para a volta da democracia brasileira: estavam de volta as eleições para governador. E o Osmar mais uma vez estava engajado. Franco Montoro, representante da oposição em São Paulo, ganhou com o auxílio de Osmar. Montoro define o amigo: “ele sabe mexer com o nosso coração” (apud MATTIUSI, p. 258).

O principal acontecimento que iniciou o fim à ditadura surgiu com um erro dos militares:

No dia 2 de março, um jovem deputado federal de Mato Grosso [Dante de Oliveira], aproveitando um descuido da legislação autoritária que governava o país, apresentou uma emenda constitucional que pedia a aprovação da volta das eleições livres e diretas para a República (MATTIUSI, 2004, p. 258).

⁹Notas do FHC e do Lula retiradas da contracapa do livro “Osmar Santos, o milagre da vida”, de Paulo Mattiussi, editora Sapienza, ano 2004.

Essa emenda chegou e ganhou as ruas, em Goiânia aconteceu a primeira manifestação pública, depois, vieram inúmeras outras. Os partidos contra a ditadura se uniram e a emenda de Dante ganhou o nome, nas ruas, de Diretas Já.

“A voz perfeita surge quando a pessoa fala a partir dos seus sentimentos. Quando a voz está solta, ela vem do coração” (LOWEN apud MATTIUSI, 2004, p. 37).

Oscar Ulisses conta como o Osmar entrou para as diretas e como soube mobilizar o público de seus comícios:

Em Curitiba o Álvaro Dias convidou o Osmar. Ele assistiu uma corrida que o Osmar transmitiu na Rede Globo, uma corrida da São Silvestre e o brasileiro ganhou. E o Osmar fez aquele carnaval que ele sempre fazia lá na transmissão, que o brasileiro tinha ganho. E o Álvaro Dias ouviu, gostou e falou “Pô, esse cara podia participar do comício aqui que a gente vai fazer”, o comício das Diretas. Levou o Osmar pra Curitiba e ele apresentou o comício e depois apresentou todos os outros, porque foi tão bem. Ele tinha uma empatia muito grande, um charme assim com as palavras, e ele se comunicava muito bem e ele tinha o ritmo certo, pra diante de uma população, diante de uma multidão, como foi o caso depois das Diretas Já. Ele conseguia esquentar o público no momento que precisava esquentar, esfriar na hora que precisava esfriar, ele fazia tudo certinho, só com o ritmo que ele usava nas palavras. Às vezes, um ritmo mais nervoso, às vezes menos nervoso, às vezes ele inflamava com uma emoção e depois diminuía, ele jogava com isso com, uma facilidade impressionante, nasceu pra isso. A comunicação dele com a multidão no comício das Diretas, eu vi, eu acompanhava muitos políticos pedindo socorro pro Osmar pra tentar evitar vaia, pra tentar, pedindo ajuda pra participar dos comícios. E político mexe com isso, com palanque, com palavras, mas, o Osmar tinha uma facilidade muito grande pra fazer isso (ULISSES, 2011, APÊNDICE A, p. 93-94).

A apresentação do brasileiro campeão da São Silvestre de 1983 foi feita por Osmar, na TV Globo, assim:

Lá vem João da Mata... O Brasil em primeiro lugar... Esse Brasil sofrido, desgovernado... Força, garotinho! Pensa no teu povo... oprimido, angustiado, cansado de se alimentar apenas de sonhos de que um novo tempo irá chegar. Vem, João da Mata. Busca na tua força interior a magia que pode fazer este povo... o nosso povo feliz... Acorda, Brasil! Vamos festejar o nascimento de um novo ídolo, João da Mata, o novo campeão da São Silvestre! Parabéns João da Mata! Que essa tua vitória seja o anúncio de que um ano de esperança, de realizações, de conquistas, vai trazer uma nova vida, uma vida mais digna para aqueles que realmente amam este país. Obrigado amigo João, tua força, tua garra, faz com que a gente tenha orgulho de dizer: sou forte, sou guerreiro, Graças a Deus, sou brasileiro (MATTIUSI, 2004, p. 261).

Álvaro Dias convidou e Osmar se transformou em personagem do movimento. Apelidado de o “Locutor das Diretas”, ele soube discursar nos palanques apoiando os ideais do povo, “foi Osmar quem criou o grito de guerra que abria os comícios (‘um, dois, três, quatro, cinco, mil... Queremos eleger o presidente do Brasil’)” (MATTIUSI, 2004, p. 263).

Delen Paques analisa o Osmar das Diretas:

Ele foi muito importante. Primeiro porque ele um cara do meio esportivo, não tinha nada a ver com política, foi convidado pra ser o locutor das Diretas Já e, aí que ele sobressaiu, mais ainda porque ele conseguia acalmar milhões de pessoas. No Anhangabaú, em São Paulo, chegou a ter um milhão e meio de pessoas e quando o Osmar falava, a massa fica quieta pra ouvi-lo. Então ele tem um poder de comunicação muito forte, que ninguém nunca viu. E graças a esse papel que ele fez que hoje nós temos as eleições (PAQUES, 2011, APÊNDICE B, p. 97).

Tanta importância originou a inveja dos adversários: “‘Se ele jogasse no nosso time, a nossa vitória seria bem mais fácil’, confessou o deputado federal gaúcho Nelson Marchezan, líder do governo militar da câmara, na época do movimento” (MATTIUSI, 2004, p. 264). Se os rivais queriam Osmar, um dos aliados das Diretas, Fernando Henrique Cardoso, não esconde que o narrador teve papel fundamental na luta:

O movimento das Diretas Já mudou o curso da nossa história, ou, pelo menos, encurtou o tempo necessário para a transição democrática. Muita gente participou ativamente daquelas lutas [...]. Entretanto, sem a garra, a animação e a competência de Osmar Santos, muito do impacto dos comícios teria sido perdido. Osmar não era só hábil – evitava, por exemplo, vaias aos neo-aderentes à democratização –, como tinha firmeza política. Quando muitos estavam ainda temerosos (e não sem razão) de ‘abrirem o jogo’ contra o regime, Osmar era o locutor do futuro. Contava até para quem não queria ouvir os gols que íamos fazendo. Ele eletrizava as multidões e dava ânimo aos que, sendo político e tendo a vontade de dar o seu testemunho, ainda engatinhavam na arte de falar para as multidões. Osmar Santos foi, sem dúvida, o arauto da democratização (apud MATTIUSI, 2004, p. 265).

Osmar conta porque resolveu apoiar as Diretas:

Resolvi apoiar as Diretas pensando na ideia de que todo mundo deve participar do destino do seu país. O Brasil precisava despertar. O povão não podia continuar submisso, aceitando tudo, sem discutir nada. E tenho certeza de que isso a gente conseguiu. O povo pode até errar na escolha, mas pelo menos, agora, tem consciência de que pode escolher (apud MATTIUSI, 2004, p. 264-265).

Um dos nomes mais marcantes do rádio e figura importante da história da redemocratização brasileira, Osmar Santos sofre um acidente que o impossibilita de continuar sua carreira, mas, não o impossibilita de se tornar um dos maiores exemplos de superação.

4.7 O DESTINO

Osmar consolidou sua carreira que começou aos catorze anos, tornou-se um dos maiores locutores do país, conquistou fama, conquistou amigos.

Ninguém chega lá sozinho. Precisamos dos outros, o que é muito claro no trabalho no rádio e na TV. Fico bastante à vontade para narrar o que acontece e com os locutores. Também passei por essa fase. No início, em nossa primeira oportunidade de trabalho começamos humildes, pontuais, produtivos e motivados (CÉSAR, 2009, p. 288).

Com ajuda de muitas pessoas e com essas características Osmar se manteve até o final de sua carreira. Ele conquistou todas as classes, era superdotado, aponta Washington Olivetto:

Diferente, criativo, moderno, dinâmico. Ele teve a capacidade de conquistar todas as classes. Osmar é uma daquelas pessoas brilhantes, superdotadas. São pessoas únicas [...] Ou seja, pessoas assim [...], como o Osmar, estão certas mesmo quando a maioria pensa que elas estão erradas (apud MATTIUSI, 2004, p. 42).

J. Hawilla, um ex-repórter vê o Osmar acima da média, vê sua aura brilhando positivamente, em todos os setores, seja pessoal ou profissional: “Como profissional, como ser humano, ele está acima da média. O que mais me impressionava nele era quando ele entrava em algum lugar... era uma luz que se apresentava. Ele irradiava uma energia muito positiva” (apud MATTIUSI, 2004, p. 41).

Osmar era família. Nunca deixou de comemorar um natal em casa, com os pais, “obrigação que, por sinal, como filho mais velho, também exigia dos três irmãos”

(MATTIUSI, 2004, p. 23). Em 1994 não fora diferente. Mas, aquele natal não foi de comemorações. Ele sempre era o primeiro a chegar, estava na casa dos pais dois dias antes do natal. Possuía em Marília e região alguns negócios: “foi sócio de rádio, jornal, dono de sítio e da concessionária de carros Volkswagen de Birigui” (MATTIUSI, 2004, p. 23). Nessa concessionária, Osmar iria participar de um churrasco de final de ano com os funcionários.

Ele tinha uma mania: sempre acordar nas cidades onde tinha compromisso. Após o jantar na casa dos pais, mesmo sendo uma noite de chuva, Osmar levantou-se e anunciou sua ida para a cidade do evento.

A viagem seguia tranqüila, até Osmar se deparar com um saveiro piscando os faróis; era o anuncio de que algo errado estava acontecendo. Quem dirigia a saveiro era Márcio e Jarbas fazia, com seu caminhão, o proibido na estrada.

Chovia, como a televisão tinha anunciado; [...] Jarbas saiu do trevo de Getulina e entrou na estrada, na direção errada. Ele, como Márcio, ia para Marília. Mas pegou o outro lado e estava indo na direção de Lins, como Osmar. Percebeu o erro e tentou consertar. Jogou o caminhão para o acostamento, diminuiu um pouco a velocidade e começou a fazer a manobra, um giro de 180 graus, sem nenhuma preocupação com o movimento na estrada. Um conversão imprópria, num lugar proibido (MATTIUSI, 2004, p. 33).

Márcio passou por Jarbas nessa hora, segundos depois passou por Osmar. O farol piscando não serviu para alertá-lo do perigo. Márcio então fez mais:

Diminuiu a velocidade e continuou olhando pelo retrovisor. Viu que a luz do freio da Mercedes de Osmar acendeu... viu que Osmar tentou sair com seu carro para o acostamento... e viu coisa pior ainda: Osmar já estava com a frente de sua Mercedes passando pela traseira do caminhão, quando Jarbas deu a marcha à ré. A quina da traseira do caminhão bateu na coluna dianteira do lado do motorista da Mercedes (MATTIUSI, 2004, p. 33).

Foi Márcio que retirou o Osmar do carro e o levou para o hospital. A quina perfurou a cabeça de Osmar. “A comunicação e a fala estão definitivamente comprometidas. Assim como dificilmente ele voltará a se locomover normalmente” (MATTIUSI, 2004, p. 224).

O narrador que falava em média 100 palavras por minuto, hoje tem um vocabulário de 150 palavras, como aponta Delen:

A única coisa que o acidente afetou foi o vocabulário mesmo. Hoje ele fala com 150 palavras, mas, cada palavra que ele fala é relacionada a alguma coisa. Por exemplo: se eu apresentar você pra ele, ele vai falar “Juiz de Fora”, porque você é de Juiz de Fora. Daqui a um ano, se ele ficar sem vê-lo, ele vai te encontrar e vai falar “Juiz de Fora, Rádio Globo”. Juiz de Fora porque você é de Juiz de Fora e Rádio Globo porque foi o Delen que te apresentou pra ele (PAQUES, APÊNDICE B, p. 98).

Osmar entrou no hospital no dia 23 de dezembro de 1994 e só saiu de lá aos 27 de fevereiro de 1995. Para o médico que o operou, Dr. Pagura, “a recuperação do Osmar é quase um milagre” (apud MATTIUSI, 2004, p. 64). E, nesse momento de dor, via-se o quão Osmar era bem querido por todo tipo de gente:

Centenas de santinhos, cartas, imagens sacras e amuletos eram deixados junto com orações e simpatias. Eram garçons, manobristas, cozinheiros e outros empregados de restaurantes. Osmar almoçava e jantava todos os dias fora de casa. E onde entrava, cumprimentava, sorria, brincava com patrões e com os funcionários mais humildes também (MATTIUSI, 2004, p. 61).

Ainda no hospital Osmar começou a receber tratamentos com fonoaudiólogo e fisioterapeuta, tratamentos que faz até hoje. Ele foi se recuperando, rapidamente e não precisava de alguns apoios que utilizava. Ensinou mais uma lição de vida, destaca Oscar Ulisses:

Noventa e quatro teve o acidente, ele ficou impossibilitado depois de exercer a profissão dele. O acidente dele foi muito grave, ele quase morreu algumas vezes, mas ele sobreviveu. Nós vivemos uma angústia enorme na época, porque a gente não sabia como é que ele ia sobreviver. Depois que passou o perigo da morte, porque ele tava correndo risco de vida, durante um bocado de tempo ele ficou nesse risco no hospital. Quando passou isso, aí os médicos nos alertaram “Olha, a gente não sabe, quando ele sair do coma (ele tava em coma) como é que ele vem, se ele vai ter condições de fazer qualquer coisa. O que a gente sabe é que ele não vai mais falar e, enfim”. O quadro era sombrio. Aí depois o Osmar foi melhorando, melhorando, saiu do hospital, foi pra casa, foi dispensando os recursos que estavam em volta dele, conseguiu adquirir uma certa independência no começo, depois a independência foi até ficando grande perto daquilo que se desenhava logo depois do acidente. Então ele nos ensinou muito, assim, uma capacidade muito grande de resignação, de persistência, de luta, de não desistir. O Osmar ensina muito. Ele me ensina mais hoje, do que quando ele era meu professor de locutor, meu professor no rádio. Hoje o ensinamento do Osmar, embora não venha com palavras, ele fala pouco, com dificuldade, mas, ele consegue uma comunicação boa. É consciente, sabe tudo que aconteceu com a vida dele, ele tem consciência do que ele era, do que ele é hoje. Ele não lembra do acidente especificamente, mas já foi contado pra ele varias vezes como que foi o acidente, então ele entende tudo que tá em volta dele, as conversas ele

entende bem, então, e ele continua com bom humor, muito bom humor. Ficou deprimido um tempo, ficou revoltado, mas se resignou. Ele convive hoje bem com a vida, ele gosta de viver. Então o Osmar tem muita coisa ainda pra mostrar pra gente, ele vai mostrando. Sempre que eu encontro com o Osmar, eu aprendo um pouco e às vezes muito, pela atitude dele, pelo jeito que ele vive a vida, e como ele enfrenta as dificuldades com muito humor e nunca reclamou. E um dia ele me disse, ele conseguiu passar, que tinha acontecido um acidente grave com ele, que ele tinha perdido um monte de coisas, e que tinha sobrado outras coisas na vida dele. E que ele tinha um caminho, ele tinha que escolher: ou ele ficava e resto da vida reclamando do que perdeu ou ia viver o que sobrou, e ele tinha escolhido viver o que sobrou. Então o Osmar tem assim um carinho especial por nós, no começo do acidente lá a gente tinha que, até por uma orientação médica, a função, nós ganhamos a função de não deixar o Osmar ficar deprimido, desanimado, e aconteceu justamente o contrário, ele que animou a família, ele que tomou essa postura. Então o Osmar é grande também por isso (ULISSES, 2011, APÊNDICE A, p. 94-96).

Hoje, Osmar vive sua vida com a alegria que sempre teve. Com o acidente seu lado direito ficou debilitado, mas ele não se deu por vencido, forçou-se a utilizar o braço esquerdo, tornou-se canhoto. Agora pinta, como terapia, como arte, como um vencedor.

O amigo João de Simoni se lembra de um diálogo com Osmar:

“E então, Osmar o que você anda fazendo?”, perguntou.

‘Pintando’, ele respondeu.

‘E você pinta bem?’, quis saber.

‘Bem... pintando muito bem’, Osmar garantiu” (MATTIUSI, 2004, p. 281).

CONCLUSÃO

Desde o começo de suas histórias no Brasil, rádio e futebol buscaram uma maior aproximação do povo e, como vimos, tornaram-se populares. Locutores com carismas diferenciados tiveram um maior destaque nesse processo, caso de Osmar Santos. Ele conquistou a todos como narrador e como “Locutor das Diretas”, assim, com um carisma enorme, Osmar foi uma peça de muito destaque nesse processo.

É importante frisar que ele não foi o primeiro na popularização de ambos. Osmar começou no rádio quando já existiam importantes nomes e a linguagem do radiojornalismo esportivo já estava caminhando para se firmar no gosto popular. Porém, a partir de 1972, quando ele ganhava destaque em um cenário de maior público, o “Pai da Matéria”, demonstrava um controle absoluto sobre as características do meio.

Se o rádio esportivo foi essencial para transformar o futebol em esporte de massa, Osmar Santos soube como fazer essa aproximação. Quando começou, o maior nome era o de Pedro Luiz, narrador da escola denotativa, Osmar diferentemente, buscou sua afirmação no meio com uso de bordões e apelidos aos jogadores. Representante da escola conotativa, ele fez o contato com o ouvinte pela aproximação entre as linguagens utilizada no dia a dia e a linguagem utilizada por ele no decorrer das partidas: seus jargões eram tirados de diversos lugares, inclusive do meio do povo.

A narração de uma partida feita por ele era de fácil compreensão. Ela apresentava coesão, coerência e, a apresentação das jogadas, era feita de forma sucinta, com frases bem trabalhadas, mesmo quando era sucessivo o uso dos jargões, pois, seu público dominava as expressões colocadas, por ele, no rádio.

A melodia da fala no rádio deve ser precisa. Nicolau Tuma pensava, na primeira narração esportiva no rádio brasileiro, que ele não deveria parar de falar, pois,

não queria correr o risco de perder ouvintes, Osmar possuía um tempo de narração adequado, com uma média de 150 palavras por minuto, sua narração possuía palavras eufônicas que soavam harmonicamente, mesmo sendo uma partida de futebol onde o imprevisto ocorre na maior parte do tempo. Assim, suas irradiações possuíam uma narração dialógica, transformando-se em comunicação verdadeira.

Importante no jornalismo, as emoções no esporte são essenciais. Capaz de transmitir as diferentes formas de sentimentos, Osmar foi capaz de emocionar diferentes torcidas, diferentes classes, não apenas no futebol, mas, como o “Locutor das Diretas”, em 1984. No rádio, essa emoção ajuda na aproximação entre o ouvinte e o meio, é com ela que as imagens vão ser construídas na mente do receptor, é com ela que esse receptor vai conceber a intensidade de um lance, a beleza de um gol. E esses dois fatores (emoção e imaginação) que tornam o rádio um meio muito mais pessoal, que transmite direto para o ouvinte.

Outra característica fundamental para prender a atenção do ouvinte é a sonoplastia. O rádio permite que seus ouvintes façam outras atividades enquanto escutam suas atrações. Desse modo sons diferentes para chamar o receptor ganham espaço no meio e Osmar Santos colocou DJ nas transmissões, possuía diferentes músicas dentro da sua narração, além dos sons para marcar tempo e placar.

Com todas essas características, o locutor foi sucesso em todas as rádios que passou. Conquistou espaço, público, Ibope... Sua afirmação aconteceu em sua segunda passagem pela Rádio Globo, conseguindo 50% do Ibope, o mesmo que todas as outras rádios juntas. Assim, podemos concluir que a figura de Osmar foi de extrema importância para manter a popularização do futebol no rádio e do rádio como meio de comunicação. Osmar atraiu público e publicidade, aumentou Ibope e faturamento, aproximou ainda mais o rádio do povo e firmou o rádio em uma época na qual se

pensava que a TV iria acabar com as irradiações. Ainda hoje é comum ouvirmos expressões que ele usava, mesmo já tendo passado dezessete anos do acidente que o tirou da rádio. Osmar é referência quando o assunto é narração esportiva, dono de características ímpares ainda é exemplo e inspiração para os novos profissionais do meio.

REFERÊNCIAS

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. Manual de Radiojornalismo: produção, ética e Internet. Rio de Janeiro: Campus, 2ª edição, 2001.

BARBOSA FILHO, André. Gêneros Radiofônicos, Paulinos Editora, 2003.

CABELLO, Ana Rosa Gomes. A Expressão Verbal na Linguagem radiofônica. In: BIANCO, Nélia R. Del; MOREIRA, Sônia Virgínia (orgs). Rádio no Brasil: tendências e perspectivas. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, Ed. UNB, 1999.

CÉSAR, Cyro. Como falar no Rádio: prática de locução AM e FM. São Paulo: Summus, 2009. (prefácio de Osmar Santos)

FERRARETTO, Luiz Artur. Rádio: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000.

GUERRA, Márcio de Oliveira. Você Ouvinte é a nossa meta: a importância do rádio no imaginário do torcedor de futebol. Juiz de Fora: ETC editora, 2002.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. O Rádio sem Onda: convergência digital e novos desafios na radiodifusão. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

KOWALSKI, Marizabel. Por que Flamengo? Universidade Gama Filho, 2001.

LEITE, Audrey ferreira Dias; LOBATO, Paulo Lanes. A mudança da narração radiofônica esportiva de Partidas de futebol "ao vivo". R. Min. Educ. Fís., Viçosa, v. 13, n. 1, p. 56-74,2005. Disponível em: <http://www.revistamineiraefi.ufv.br/artigos/arquivos/44e7ee9947f12326e75dc9d5872d511b.pdf>

MATTIUSI, Paulo. Osmar Santos, o milagre da vida, São Paulo, Summus, 2004.

MCLEISH, Robert. Produção de Rádio: um guia abrangente de produção radiofônica. Tradução de Mauro Silva. São Paulo: Summus, 2001.

MEDITSCH, Eduardo. O Rádio na Era da informação: teoria e técnica do novo rádio jornalismo. Florianópolis: Insular, Ed. Da UFSC, 2001. (capítulo: conhecimento construído no ar)

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. França 1938, III Copa do mundo, O rádio brasileiro estava lá, Universidade de São Paulo, 2000.

PORCHAT, Maria Elisa. Manual de Radiojornalismo Jovem Pan. 2ª edição revisada. São Paulo: Ática, 1989.

RIBEIRO, André. Os Donos do Espetáculo: histórias da imprensa esportiva no Brasil. São Paulo: Terceiro Nome, 2007. (1920-1930; 1931 a 1934; 1935 a 1940; 1971 a 1975)

SOARES, Edileuza. A Bola no Ar: o rádio esportivo em São Paulo. Summus, 1994.

Apêndice A

Entrevista com Oscar Ulisses, irmão de Osmar Santos, narrador esportivo da Rádio Globo – São Paulo. Entrevista concedida em julho de 2011, na sede da rádio em São Paulo.

Oscar, se você tivesse que me apresentar seu irmão Osmar Santos, como que você faria?

Bom, de várias maneiras pode ser. A mais importante pra mim seria falar: olha aqui o meu irmão Osmar, porque, por causa da relação, da proximidade, do carinho que eu tenho com ele, ele tem comigo, então é uma relação de irmão mesmo. Além disso, seria: te apresento aqui o melhor locutor que eu já vi na minha vida, o melhor locutor de todos os tempos, o que impulsionou o rádio, o que criou uma nova linguagem. Aqui um cara de comunicação de ponta, enfim, tem 'n' maneiras da gente fazer isso daí. Mas, acho que essa história que ele se identificou muito com rádio e que ele criou um novo jeito de transmitir futebol é o mais forte dele;

E em cima desse novo jeito de narrar o futebol no rádio, quais aspectos você acha que contribuiu pra evoluir essa narrativa futebolística no país?

Bom, ele atingiu praticamente todo mundo, porque ele foi muito forte. O Osmar teve, diferentemente do que pode parecer, um bom preparo pra isso. E ele ganhou esse preparo já junto com o trabalho que ele estava fazendo. Ele começou cedinho transmitindo jogo de rádio, de futebol, sempre envolvido com rádio, gostou

muito disso, se dedicou bastante, e depois quando ele se tornou um adulto, já em faculdade, ele percebeu a importância de ter um bom preparo pra continuar fazendo o trabalho dele, para continuar lidando com as palavras como ele fazia. E o Osmar fez duas faculdades, quase três faculdades, leu bastante, vivia com livros embaixo do braço, ele se preparou, ele tinha um bom vocabulário, ele conseguiu, ele tinha sempre uma boa comunicação, ele conseguiu sempre trabalhar bem as palavras, então esse preparo do Osmar não aparece muito, porque a gente só vê o resultado final, só vê o trabalho final, mas, ele se dedicou muito nessa preparação.

E dentro dessa preparação, o que mais você destacaria pra...?

Então, o espírito inovador! Ele tinha uma veia artística muito forte, então era inovador mesmo. Eu acho que o mais marcou foi o linguajar dele, o ritmo de transmissão era muito frenético, ritmo nervoso, que é o que dita a moda hoje no rádio esportivo, esse ritmo batido, forte, e ainda pensando no Osmar, o linguajar dele é que marcou uma época mesmo, foi diferente.

Então pode se dizer que ele criou uma nova escola do rádio?

Eu acho que ele criou. Veja bem: ele herdou um pouco o ar de locutores que ele ouvia, de Joseval Peixoto, do Haroldo Fernandes, e de outros tantos, e esse pessoal mais novo também acabou colocando muito o jeito do Osmar transmitir nas transmissões que tem hoje, mas, ele foi mais forte, eu acho, do que esses outros que eu citei por conta da criação dele. Ele tomou conta, e esse pessoal mais novo que faz rádio hoje eu acho que pegou muito do Osmar. Não todo mundo, mas, eu acho que a maioria.

E jornalisticamente é possível separar a narração esportiva da emoção?

É possível, eu acho que fica meio sem graça, mas, é possível. Depende de cada um. O locutor esportivo tem lá o lado jornalístico que ele tá fazendo uma função de informar o que tá acontecendo, mas, ele tem um jeito de fazer isso daí, que é um jeito muito emotivo mesmo, então eu não vejo nenhum locutor só levar a informação, o que existe é uma tentativa de pegar o ouvinte pelo lado emocional mesmo, é isso que funciona, essa é a cultura que foi desenvolvida no rádio esportivo brasileiro.

Como você acha que, em cima dessa cultura, o rádio ajudou a popularizar o futebol e vice-versa?

Lá atrás sim, na década de 50, 60, 70, até mais, 80, por aí, enfim, o rádio ele teve um papel muito importante, porque ele levava pra cabeça das pessoas um jogo, o jogo se tornava imaginário na cabeça de quem tava ouvindo, então eu ouvi rádio muito lá no interior, não tinha televisão. Então, o jogo era desenhado por mim de acordo com a mensagem que chegava, a mensagem do locutor, e era sempre emocionante, era sempre um jogo, é, com muita disputa, era sempre um jogo que prendia, porque o locutor vendia isso, ele passava isso na transmissão, eu via as jogadas, e as jogadas elas eram mais espetaculares do que se eu tivesse realmente vendo. Na minha imaginação as jogadas... Eu não ia imaginar uma jogada feia, a não ser que o locutor falasse, mas, de acordo com as palavras do locutor, de acordo com a descrição do lance, uma defesa do Gilmar pra mim era, ó, vou te contar uma história. Uma vez eu fui ver o Gilmar dos Santos Neves jogar, um finalzinho lá, um jogo dele, e ele fez uma defesa, e um rapaz

que tava do meu lado, ele fez uma defesa bacana, pulou lá, tirou a bola, e eu nunca tinha visto, eu só tinha ouvido os jogos do Gilmar, e o rapaz que tava do meu lado disse “Nossa, que defesa!”, aí eu digo pra ele “Que nada, você precisa ver aquelas que eu já vi”, sendo que eu não tinha visto nenhuma, porque as defesas que o Gilmar fazia, na minha cabeça, eram, beiravam o impossível, por causa. Então eu acho que o rádio acabou divulgando muito esse espetacular, esse lado espetacular do futebol, isso ficou muito vivo na cabeça das pessoas

E, em cima desse lado espetacular, o seu irmão criou muitas formas que atraíam mais o povo pra ouvir o futebol no rádio. Colocou personagens, tipo, Fulano, alguém famoso, Fulano.

É, ele fez um trabalho, entre aspas, marketing. Ele acabou citando muita gente famosa que tava ouvindo a transmissão dele, e ficou uma marca dele. Todo lance perigoso ele citava um ou outro artista, ou ouvintes mesmo, que mandavam, escreviam cartas, ou mandavam mensagens, que queriam ter o nome citado na transmissão, ele vivia dando alô pro pessoal.

E os bordões?

E bordões, um atrás do outro e um monte.

Até hoje vivos ainda...

Até hoje. Ele vivia pensando nisso. Buscava frases nos livros, juntava um pedaço aqui, um pedaço ali pra ver se dava. E ouvia as pessoas na rua, nas padarias, nos bailes, e ficava, gostava de ter contato com gente pra ver, com a molecada especialmente pra pegar frases novas. Assistiu um filme do Tom Cruise com, ah..., esqueci o nome do outro ator, um senhor que morreu agora há pouco tempo, Paul Newman, o tal de Paul Newman. Tom Cruise e Paul Newman fizeram um filme que se chamava, acho que era “A cor do dinheiro”, e daí surgiu um animal. O Tom Cruise tava, era um jogador de bilhar, se eu não me engano, e depois de uma partida, ele saiu pela rua gritando “Eu sou um animal, eu sou animal”, Osmar pegou aquilo e botou na transmissão pra chamar os jogadores de animal, aqueles que faziam uma boa jogada. Enfim, ele ficava com a cabeça trabalhando muito em cima dessa criação.

E pra você, qual é a principal diferença entre narrar no rádio e narrar na televisão?

Eu acho que tem bastante diferença. O rádio você tem que fazer tudo. Você tem que criar na cabeça de quem tá ouvindo a imagem do que tá acontecendo lá no campo. Você tem que levar aquilo que tá acontecendo, tentar botar aquilo na cabeça do cara que tá ouvindo, da pessoa que tá ouvindo, da mulher, do homem. Na televisão não, na TV você só acrescenta, você só dá informação, o cara já tá vendo, você tenta colocar ali um a pitada de emoção. Seria a grosso modo, numa analogia grossa mesmo, se você pra você fazer uma refeição, servir uma refeição, no rádio você tem que fazer tudo, botar água pra ferver, botar o feijão, cozinhar o feijão, e na televisão, você só põe o

tempero, a comida já tá pronta, você só põe o sal. Se botar demais, não tem quem agüente, se botar de menos, também fica chato, então tem que achar a medida certa.

Você vê alguma diferença entre o Osmar do rádio e o Osmar da televisão?

Vejo. No rádio ele era mais criativo ainda, na televisão ele ficou um pouco limitado. Eu gostava dele na TV, mas no rádio eu acho eu ele foi imbatível.

E tem alguma história mais curiosa que você tem pra contar?

Tem um monte, eu não lembro nenhuma agora aqui, porque a cabeça já tá ficando falha, to esquecendo. Tem muitas histórias, aconteceram muitas coisas. Felizmente, a maioria delas histórias boas, carinhosas, histórias interessantes lá do pessoal. Nós, irmãos, a gente sempre teve uma convivência muito boa felizmente, mas, daqui a pouco, se eu lembrar de uma história interessante, eu te conto.

O Osmar também teve muita participação na política, né, principalmente nas Diretas Já, em 84.

Começou um pouco antes mesmo, em 83. Esse movimento começou pequenino, em alguns cantos, depois em Curitiba o Álvaro Dias, não sei se foi o Álvaro, acho que foi o Álvaro Dias, convidou o Osmar. Ele assistiu uma corrida que o Osmar transmitiu na Rede Globo, uma corrida da São Silvestre e o brasileiro ganhou. E o Osmar fez aquele carnaval que ele sempre fazia lá na transmissão, que o brasileiro tinha ganho e tal. E o Álvaro Dias ouviu, gostou, falou “Pô, esse cara podia participar do

comício aqui que a gente vai fazer”, o comício das Diretas e tal. Levou o Osmar pra Curitiba e ele apresentou o comício e depois apresentou todos os outros, porque foi tão bem... Ele tinha uma empatia muito grande, um charme assim com as palavras, e ele se comunicava muito bem e ele tinha o ritmo certo, pra diante de uma população, diante de uma multidão, como foi o caso depois das Diretas Já, ele conseguia esquentar o público no momento que precisava esquentar, esfriar na hora que precisava esfriar, ele fazia tudo certinho, só com o ritmo que ele usava nas palavras. Às vezes, um ritmo mais nervoso, às vezes menos nervoso, às vezes ele inflamava com uma emoção e depois diminuía, ele jogava com isso com uma facilidade impressionante, nasceu pra isso. A comunicação dele com a multidão no comício das Diretas, eu vi, eu acompanhava muitos políticos pedindo socorro pro Osmar pra tentar evitar vaia, pedindo ajuda pra participar dos comícios. E político mexe com isso, com palanque, com palavras, mas, o Osmar tinha uma facilidade muito grande pra fazer isso.

E depois do acidente, o Osmar continua demonstrando e revelando algumas lições de vida e profissionalismo. O que você destacaria de 94 pra cá nesse aspecto?

Noventa e quatro teve o acidente, ele ficou impossibilitado depois de exercer a profissão dele. O acidente foi muito grave, ele quase morreu algumas vezes, mas, sobreviveu. Nós vivemos uma angústia enorme na época, porque a gente não sabia como é que ele ia sobreviver. Depois que passou o perigo da morte, porque ele tava correndo risco de vida, durante um bocado de tempo ele ficou nesse risco no hospital. Quando passou isso, aí os médicos nos alertaram “Olha, a gente não sabe, quando ele sair do coma (ele tava em coma) como é que ele vem, se ele vai ter condições de fazer

qualquer coisa. O que a gente sabe é que ele não vai mais falar e”, enfim... O quadro era sombrio. Aí depois o Osmar foi melhorando, melhorando, saiu do hospital, foi pra casa, foi dispensando os recursos que estavam em volta dele, conseguiu adquirir certa independência no começo, depois a independência foi até ficando grande perto daquilo que se desenhava logo depois do acidente. Então ele nos ensinou muito, assim, uma capacidade muito grande de resignação, de persistência, de luta, de não desistir. O Osmar ensina muito. Ele me ensina mais hoje, do que quando ele era meu professor de locutor, meu professor no rádio. Hoje o ensinamento do Osmar, embora não venha com palavras, ele fala pouco, com dificuldade, mas, ele consegue uma comunicação boa. É consciente, sabe tudo que aconteceu com a vida dele, ele tem consciência do que ele era, do que ele é hoje. Ele não lembra do acidente especificamente, mas, já foi contado pra ele varias vezes como que foi o acidente, então ele entende tudo que tá em volta dele, as conversas ele entende bem, então, e ele continua com bom humor, muito bom humor. Ficou deprimido um tempo, ficou revoltado, mas, se resignou. Ele convive hoje bem com a vida, ele gosta de viver. Então o Osmar tem muita coisa ainda pra mostrar pra gente, ele vai mostrando. Sempre que eu encontro com o Osmar, eu aprendo um pouco e às vezes muito, pela atitude dele, pelo jeito que ele vive a vida, e como ele enfrenta as dificuldades com muito humor e nunca reclamou. E um dia ele me disse, ele conseguiu passar, que tinha acontecido um acidente grave com ele, que ele tinha perdido um monte de coisas, e que tinha sobrado outras coisas na vida dele. E que ele tinha um caminho, ele tinha que escolher: ou ele ficava e resto da vida reclamando do que perdeu ou ia viver o que sobrou, e ele tinha escolhido viver o que sobrou. Então o Osmar tem assim um carinho especial por nós, no começo do acidente lá a gente tinha que, até por uma orientação médica, a função, nós ganhamos a função de não deixar o Osmar ficar

deprimido, desanimado, e aconteceu justamente o contrário, ele que animou a família, ele que tomou essa postura. Então o Osmar é grande também por isso.

E você, porque que você escolheu o rádio?

Eu acho que muito por causa do Osmar, ele me arrastou pro rádio como fez com outros tantos que estavam em volta dele. O Osmar tinha uma característica parecida com a do hipocondríaco, com relação a remédio: não basta o cara tomar remédio, ele toma remédio e força quem tá em volta tomar remédio também, fica passando receita. O Osmar fazia um pouco isso com o rádio, não bastava ele estar no rádio, os amigos dele tinham que ir pro rádio, ele ficava arrastando. Quando moleque ele fazia isso, e assim ele levou um monte lá pro rádio. Lá em Marília então, nem sei quantos. E eu tava na sala, sempre junto com ele, sempre gostei muito do Osmar, sempre nos demos muito bem, então tava sempre no rádio, então ele é responsável por isso, e é gostoso, você pega gosto, então ficou mais fácil pra mim o rádio.

Tem o outro irmão também, o Odinei, que trabalha em rádio.

Tem um outro irmão também, que não é de rádio, esse é o que trabalha, faz outra coisa.

E o Odinei também está no ar?

Também. O Odinei tá lá na Bandeirante. Hoje ele faz automobilismo, mas, ele fez futebol muito tempo. Ele também foi arrastado por essa correnteza.

Apêndice B.

Entrevista com o executivo de contas da Rádio Globo – São Paulo, Delen Bueno Paques. Entrevista concedida em outubro de 2011, por telefone.

Delen, como você me apresentaria o Osmar Santos?

Então tem gente que gosta do Osmar Santos porque gosta de futebol, tem gente que gosta do Osmar porque ele teve um papel fundamental nas Diretas Já e, tem gente que gosta do Osmar, porque se identifica com a superação que ele teve após o acidente em 1994.

Como que você vê a participação política do Osmar Santos nas Diretas Já?

Foi muito importante. Primeiro porque ele um cara do meio esportivo, não tinha nada a ver com política, foi convidado pra ser o locutor das Diretas Já e aí que ele sobressaiu, mais ainda porque ele conseguia acalmar milhões de pessoas. No Anhangabaú, em São Paulo, chegou a ter um milhão e meio de pessoas e quando o Osmar falava, a massa fica quieta para ouvi-lo. Ele tem um poder de comunicação de comunicação muito forte, que ninguém nunca viu. E graças a esse papel que ele fez, que hoje nós temos as eleições.

Sobre a narração do Osmar, como que você vê a ajuda que ele deu pra popularizar o futebol?

O Osmar conseguia escrever um lance através do rádio que parecia que você tava vendo a imagem. Você pega uma narração dele e quando alguém fazia um gol, ele deixava uma mensagem relacionada ao momento político do Brasil daquele momento, então através do futebol, ele conseguia divulgar isso. Era uma coisa além do futebol, ele deixava a mensagem dele, a mensagem para o público ouvir.

E o Osmar após a cirurgia? A recuperação que ele teve, a lição que ele dá na vida... Como que você vê o Osmar hoje?

Eu tive a felicidade de conhecê-lo antes do acidente. E o Osmar continua a mesma pessoa, bem-humorado todos os dias. E ele está bem assim hoje porque ele é dedicado. Ele sempre foi dedicado, por isso que ele foi o melhor locutor, porque ele era dedicado, ele lia muito e, hoje, pós-acidente, ele continua dedicado. Hoje ele acorda todos os dias, ele vai á fono, ele vai ao médico... Por isso que a gente consegue ver o Osmar do jeito que ele tá: andando, feliz, sei de tudo que ele ouve. A única coisa que o acidente afetou foi o vocabulário. Hoje ele fala com 150 palavras mas, cada palavra que ele fala é relacionada a alguma coisa. Por exemplo: se eu apresentar você pra ele, ele vai falar “Juiz de Fora”, porque você é de Juiz de Fora. Daqui a um ano, se ele ficar sem vê-lo, ele vai te encontrar e vai falar “Juiz de Fora, Rádio Globo”. Juiz de Fora porque você é de Juiz de Fora e Rádio Globo porque foi o Delen que te apresentou pra ele.

E a campanha pra colocar o nome da bola da Copa de 2014 de Gorduchinha? Como que surgiu essa campanha e o porquê dela?

Eu queria homenagear o Osmar há muitos anos. Eu acho que essa homenagem vem até um pouco tarde, porque eu gostaria de homenageá-lo desde 94, e só tive a felicidade de voltar a trabalhar com ele em 2008. E aí, em dezembro do ano passado, eu estava almoçando com o Osmar e falei com ele : “Osmar, vamos colocar o nome da bola de Gorduchinha no lugar da Jabulani?”. Osmar na hora topou. Cheguei na rádio, contei pra Mariângela Ribeiro, que trabalha comigo aqui na Rádio Globo, e o André Voltareli, e os dois na hora criaram um facebook da Gorduchinha e uma página no twitter. Quando foi dia 28 de julho desse ano, o Osmar completou 62 anos, teve um evento na casa da fazenda do Morumbi, e lá eu divulguei que nós estaríamos lançando a Campanha Gorduchinha 2014. É uma campanha feita por nós, amigos do Osmar. A Rádio Globo também é uma das apoiadoras, rádios do Brasil todo estão apoiando, porque o Osmar tá acima de tudo isso, o Osmar não é de uma instituição só. O Osmar é um home do povo, por isso que o povo tá abraçando a campanha. O nosso objetivo é fazer com que a campanha cresça cada dia até que chegue na marca da bola que vai fazer a bola, e eles queiram colocar o nome de Gorduchinha no lugar da Jabulani. Já saiu matéria dizendo que pode ser que a detentora da bola faça uma campanha pedindo pro público escolher o nome da bola, então a Gorduchinha já começa a despontar aí.

Apêndice C

Entrevista com Gilson Ricardo, repórter e narrador da Rádio Globo Rio.

Entrevista concedida em setembro de 2011, na sede da rádio, no Rio de Janeiro.

O que o Osmar Santos é pra você?

Um locutor fantástico. Ele foi um locutor top de linha. Ele era, se gente fosse analisar hoje, um dos cinco maiores locutores do Brasil. Eu apontaria entre os cinco: Jorge Curi, Valdir Amaral, José Carlos Araújo, Donce Camargo, que também foi um locutor maravilhoso, e aí entraria ele: o Osmar Santos que, em São Paulo, arrebatava, uma narração vibrante, maravilhosa, criativa, porque o narrador de futebol tem que ser criativo, tem que sair daquela rotina, senão fica igual locutor de televisão. Locutor de televisão é aquela batida que você já conhece: “bola com fulano, entrega pra ciclano que dá pra fulano”, porque na televisão você tá vendo o jogo, você tá acompanhando o que o narrador tá falando. No rádio, você tá vivendo a emoção do rádio. O rádio tem muito mais emoção, então você tem que criar a jogada, criar aquela emoção, “bola raspando, bateu na zaga, quase que entrou”, que é pra você, no teu raciocínio, pensando no jogo pelo rádio, você tá vendo aquela imagem, é como se você tivesse vendo o jogo. A rádio globo inclusive diz “Veja o jogo ouvindo a Rádio Globo”, então a gente passa mais emoção. Na televisão é mais aquele toque pra cá, toque pra lá. Mas, não tem aquela emoção que tem o rádio, que é aquela vibração. E ele, sem dúvida alguma, era um dos locutores mais fantásticos em termos de vibração. Tinha Pimba na Gorduchinha, Chiruliruli Chirulirulá, e foi ele que criou o apelido pro Edmundo, “Animal”, começou com animal, que era uma coisa que ele gostava de falar, “Esse cara

é um animal”, e acabou pegando no Edmundo na época que ele jogava no Palmeiras. Ele, sem dúvida alguma, é um dos mais famosos. Dentre os cinco, ele é um deles, com certeza.

E a Rádio Globo tá fazendo uma campanha agora da bola da Copa...

É, a gente tá fazendo essa campanha que é da Gorduchinha, que é uma coisa dele e tal, e a gente tem recebido o apoio de algumas pessoas, crítica de outras, sempre tem gente pra criticar achando que tá puxando sardinha pra radio globo... Mas, é uma homenagem pra uma pessoa que tá vivendo aí com dificuldade, teve essa situação toda vivida por ele no acidente do carro, aí você imagina o que passa pela cabeça dele, você é um cara normal, de repente você tem todas as dificuldades, até de se locomover, dificuldade de falar, isso tudo pesa muito na vida de um ser humano. Eu acho que se as pessoas compreendessem um pouco, estariam apoiando isso, porque eu acho que é uma medida correta. Bom, por parte da Rádio Globo, com certeza, é uma medida correta. Fazer esse apoio total a ele e ele merece muito, porque narrou várias copas do mundo, é um cara conhecido no meio do esporte, conhecido de todos os jogadores, todo mundo gostava muito dele como narrador. Eu acho que a homenagem é justíssima pra um cara que merece e merece muito.

A forma que o Osmar narrava, ajudou a popularizar um pouco mais o futebol?

Ah, ajudou a ele e ajuda qualquer locutor. Os locutores têm que criar esses jargões que isso aí faz parte da gente, você criar uma novidade. Eu por exemplo já fiz

vários “Ah, para com isso”, agora é “Meu querido”, às vezes fica cansativo, aí o cara enjoa, aí você vai mudando. Você tem que tá sempre criando, no rádio, você tem que tá sempre inovando. Sempre, mesmo que a idade vá chegando, você tá tendo sempre que criar, porque o ouvinte de rádio muda muito. São aquelas pessoas idosas, vai pro neto, vai pro filho, vai pra num sei quem, isso vai mudando muito, então você tem que seguir o ritmo da vida de hoje. Hoje o mundo é um, há 10 anos atrás era outro, há 20 anos atrás era outro, e daqui a 10 anos será muito mais diferente. A vida evolui, não é?

E você, Gilson, como é que você começou no rádio?

Eu comecei na Rádio Difusora de Petrópolis. Um concurso que teve lá pra locutor esportivo, eu nem era locutor esportivo, nem passava pela minha cabeça isso, nunca passou, sinceramente, e acabou que um amigo meu me inscreveu lá no concurso, eu fui lá fazer de brincadeira, e a brincadeira acabou se tornando uma realidade. Eu acho que é coisa do destino, porque eram 200 pessoas, aí caiu pra 50, me classifiquei entre os 50, caiu pra 10, me classifiquei entre os 10, e dos 10 saiu o vencedor que, no caso fui eu, na Rádio Difusora de Petrópolis. Mas, uma coisa que não estava na minha cabeça, nunca passou pela minha cabeça que eu ia trabalhar em rádio e estou aqui na Rádio Globo há 34 anos, trabalhei seis anos na Rádio Difusora de Petrópolis, aprendi muito lá, graças a Deus, foi uma tremenda escola, e agradeço a todo mundo pelo carinho.

Como que você construiu a sua carreira aqui na Rádio Globo, quem mais te ajudou a fazer esse trabalho?

Muitas pessoas me ajudaram. Eu, quando cheguei aqui na Rádio Globo, em abril de 77, era Jorge Curi, João Saldanha, Valdir Amaral, Rui Porto, Afonso Soares, Antônio Porto, era um time espetacular. E fui aprendendo com essas pessoas, porque o fundamental pra você, por exemplo, que tá começando agora, é você aceitar opiniões, porque no rádio, você sempre vai tá aprendendo, você nunca sabe tudo. Eu estou há 34 anos e vou dizer pra você “Eu sei tudo”, não, não sei, ainda tem muito que aprender. E as pessoas às vezes falam comigo alguma coisa que eu acho importante, eu sigo aquilo, e a gente ajuda também as pessoas que tão começando, como eu fui ajudado. Então, início de carreira é muito complicado, é muito difícil. Você tem que contar com a ajuda das pessoas que te ensinam algumas coisas, aceitar com humildade e tocar a tua vida. É um emprego maravilhoso, é uma profissão espetacular, já vivi grandes emoções na minha vida, mas eu comecei aqui na Rádio Globo em 77 com dificuldade, até, poxa, olhando aquelas feras todas, eu me sentia ali : “Pô, eu, aqui no meio desses caras todos, eu acho que eu não tenho essa capacidade toda”, mas, Deus foi tão bom comigo que me ajudou e essas pessoas também me ajudaram, e eu estou aqui até hoje, graças a Deus.

Apêndice D

Entrevista com Ricardo Perrone, jornalista do portal globo.com. Entrevista concedida em outubro de 2011, por telefone.

Se você tivesse que me apresentar o Osmar, como você o faria?

Hoje ou antes?

Vamos começar por antes, então.

O maior narrador do Brasil.

E depois?

Uma lenda viva.

Você acredita que o Osmar Santos contribuiu para o desenvolvimento da narrativa futebolística do país?

Sem dúvida. Ele foi, não só a voz do futebol do rádio, porque criou o Ripa na chulipa e Pimba na Gorduchinha... Ele foi o cara das Diretas já, foi o cara que pegou o microfone, enfim, ele é um cara importantíssimo em todos os setores da sociedade. Através do esporte ele foi se tornando uma pessoa importantíssima, até o acidente, para ele se tornar a inspiração que é até hoje.

Mesmo depois do acidente, o Osmar continuou revelando algumas lições de vida e profissionalismo, neste aspecto, o que você me destacaria?

Eu tenho o prazer de trabalhar em uma equipe que é a equipe de Osmar Santos, a equipe da rádio Globo. E, de vez em quando a gente tem esse contato com ele, ele vai até lá e ele sorri, ele faz questão de falar com você, de fazer um elogio a você. Ele faz questão de agradecer e de mostrar o quanto ele está feliz com cada carinho que ele recebe. Ele é uma pessoa que, independente de tudo isso que ele, com tudo aquilo que é obvio que ele sente falta, o passado dele, quando ele tinha todas as funções físicas, ele é um cara feliz, É claro que ele queria ser o Osmar que podia fazer de tudo mas, dentro das possibilidades dele ele consegue ser um cara feliz.

É possível separar emoção de futebol?

Não! Jamais. Você falar que na sua análise não tem uma boa dose do que você gosta e do que você não gosta, não, isso não! É possível eu chegar no final do jogo e esquecer que sou são-paulino e analisar o jogo mas, não é possível eu escrever sobre vinte e dois atletas que estiveram no jogo e não prestar mais atenção, por exemplo, naqueles que eu gosto mais , sempre tem um lado pessoal, sempre tem uma dose de paixão de preferência, de gosto... Futebol é movido por paixão, no dia que for possível separar isso, acabou.

Apêndice E

Entrevista com Edson Mauro, narrador esportivo da Rádio Globo – Rio.

Entrevista concedida em setembro de 2011, na sede da rádio, no Rio de Janeiro.

Se você fosse me apresentar o Osmar Santos, como que você o faria?

O Osmar Santos foi um excelente locutor esportivo, acho que entre os três melhores de São Paulo. São Paulo sempre teve os locutores dentro de uma escola bem tradicional, e dentro dessa escola eu incluo o Osmar, daquele escola rápida, de transmitir muito rápido, de usar muita, muitas inflexões bonitas e tudo mais. Em São Paulo, a gente teve, pelo menos pra mim, locutores marcantes, o Fiori Gilliote, o Pedro Luiz e o próprio Osmar, então eu considero o Osmar um dos três melhores locutores esportivos de São Paulo.

E você acha que você sofreu alguma influência dele, você passou alguma experiência pra ele?

Olha, o Osmar, ele se inspirava muito no rádio do Rio de Janeiro, ele se inspirava muito, aquele esquema moderno, que a gente sempre brincou aqui ao vivo, principalmente a Rádio Globo. E, sei lá, eu até tenho muita influência nesse tipo de coisa, conto com o José Carlos Araújo nesse tipo de coisa e tudo mais, e o Osmar passou a se inspirar muito no rádio do Rio de Janeiro. Ele utilizava uma série de bordões do rádio, ele fazia algumas modificações, algumas alterações, mas, na verdade, acho que ele teve uma inspiração muito grande em relação ao rádio do Rio de Janeiro.

Para a popularização do futebol através do rádio, o que a linguagem do Osmar Santos contribuiu pra isso?

Olha, eu acho que a popularização do rádio, acho que ela, ela já vem há muito tempo. O Osmar ele deve ter tido o período dele de início de carreira nos anos 70, mas, antes do próprio Osmar, a Rádio Globo no Rio, ela já fazia um famoso Brasil de audiência, com o Valdir Amaral, com o Jorge Curi, foram os grandes locutores esportivos do Brasil. Esses dois é que, na verdade, popularizaram o rádio. E antes do Valdir Amaral e do Jorge Curi, a gente já teve pela escola que conta o rádio, locutores também maravilhosos, locutores fantásticos, tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo. Em São Paulo, a gente teve, além do Fiotri Gigliote, teve o Edson Leite, que era um locutor fantástico. Se você procurar na internet, você vai ouvir gols dele maravilhosos, gols assim incríveis, principalmente na seleção brasileira, de 70, aliás, de 58, 62, das copas da Suécia e do Chile. A gente teve também lá em São Paulo outro locutor fantástico chamado Haroldo Fernandes, que antecedeu o Osmar e foi mais ou menos contemporâneo do Edson Leite, do Pedro Luiz. E aquilo ali a gente teve antes do próprio Valdir Amaral e Jorge Curi, porque o Valdir Amaral chegou na Rádio Globo em 1961, e fez a grande revolução do rádio esportivo no Brasil. O Valdir Amaral com bordões maravilhosos, com um formato de transmissão que era totalmente inovador. Com a utilização de pontas, de vinhetas, fii, fii, Rádio Globo, Rádio Globo, um Brasil de audiência, enfim, acho que o Valdir Amaral, ele na verdade, foi o grande locutor esportivo do rádio brasileiro e o Jorge Curi, depois do Valdir Amaral, foi um outro excelente locutor, tinha bordões fantásticos “Golaço, aço, aço” e aquelas coisas todas. Então eu vejo a importância do rádio a partir do Valdir Amaral e do Jorge Curi, a

popularização do rádio esportivo no Brasil. Então você hoje, por exemplo, viaja ainda pelo Brasil todo, como a Rádio Globo ela sempre teve uma explosão muito grande de audiência, uma cobertura da Rádio Globo do Rio principalmente, porque ela é muito mais potente do que a Rádio Globo de São Paulo, no caso, a Rádio Globo de São Paulo liderava o mercado de São Paulo, e a Rádio Globo do Rio liderava o mercado do Rio, a gente percebia que, e até hoje percebe, que quando a gente vai em algum lugar, tanto no Amazonas, quanto no Rio Grande do Sul, as pessoas perguntam: “Pô, quem trouxe você lá de Alagoas foi o Valdir Amaral e o Jorge Curi” e aí eu corrijo a história “Não, foi o Valdir Amaral”. Então, acho que a grande explosão, a popularização do rádio, ela aconteceu através da Rádio Globo com o Valdir Amaral e o Jorge Curi, mas, uma equipe fantástica, com Saldanha, Mário Viana, Deni, Washington, Cleber Leite, Loureiro Neto, Biata, e os locutores, éramos, ainda hoje aqui na casa, eu, José Carlos Araújo, o Luiz Mendes era comentarista também, O Gilson Ricardo chegou depois. Então essa é que foi, na minha opinião a grande equipe do rádio, do rádio esportivo.

ANEXOS

As fotos foram retiradas do perfil de Osmar Santos no Facebook, com autorização dada pelos responsáveis.



Quadro pintado por Osmar Santos, em 2011.



A Portuguesa, campeã do Campeonato Brasileiro da série B em 2011, foi o primeiro time a apoiar a campanha da “Gorduchinha”, Osmar esteve presente no campo no dia 11 de outubro, no duelo da Lusa com o Boa Esporte de Minas Gerais.



Osmar Santos, o palmeirense mais bem quisto pelos corinthianos.



O carisma e a felicidade contagiante de Osmar Santos.